



Destaque PÁGINA 15-16-17

A pobreza ABSOLUTA da pátria da auto-estima

www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROÍBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

MURAL DO POVO - Grito de socorro
Socorro!!! A empresa de segurança SE-RENUS está a matar-nos de fome. Até hoje, dia 10.10.12 não há salários. E temos também sofrido descontos ilícitos sem justa causa. Socorro!

MURAL DO POVO - EDM
A empresa EDM não resolve os problemas de corte de energia. Os cortes são constantes e espontâneos, sem pré-aviso, e causam danos irreparáveis nos electrodomésticos em Marracuene. Socorro!

MURAL DO POVO - Polícia
Agentes da Polícia, quando estiverem

numa perseguição (polícia-malfeitores), não disparem directamente para a população. Eu mesma escapei da morte quando voltava da escola, por volta das 17 horas.

MURAL DO POVO - EDM
Alguns agentes de segurança afectos ao posto de venda de energia do bairro das Mahotas cobram dinheiro ilegalmente às pessoas que vão comprar ou pagar energia para que não fiquem na fila.

MURAL DO POVO - Governo
Nós queremos ter aulas!!! Entreguem, por favor, o salário aos professores, pois cansamo-nos de ir à escola em vão.

MURAL DO POVO - Guebuza
Com a remodelação do Governo, Guebuza demonstrou que parou com a ditadura partidária para uma ditadura unipessoal!!!!

MURAL DO POVO - Venda de espaços em Tchumene
Vim por este meio denunciar a ocupação de espaços públicos (vulgo reservas municipais) no bairro Tchumene na Matola. Num deles está a ser erguido um muro de vedação, na entrada da rua da fábrica de bolachas, perto do terminal dos TPM. Agradecia a quem de direito que levasse este assunto em conta.

MURAL DO POVO - Remodelação no Governo
Nova remodelação no Governo. Criação do Ministério da Incompetência. - Ministro: David Simango. Vice-Ministro: Arão Nhancale.

MURAL DO POVO - Protesto
Protesto contra o Governo, que aposta de mais no futebol nacional (os Mambas) que só nos envergonham no campo (4-0). NB: porque o Governo não aposta com a mesma garra nas outras modalidades? E não procuram novos talentos no futebol. Vigilante.

MURO DA VERDADE - Av. Mártires da Machava, 905



"Vou recandidatar-me",

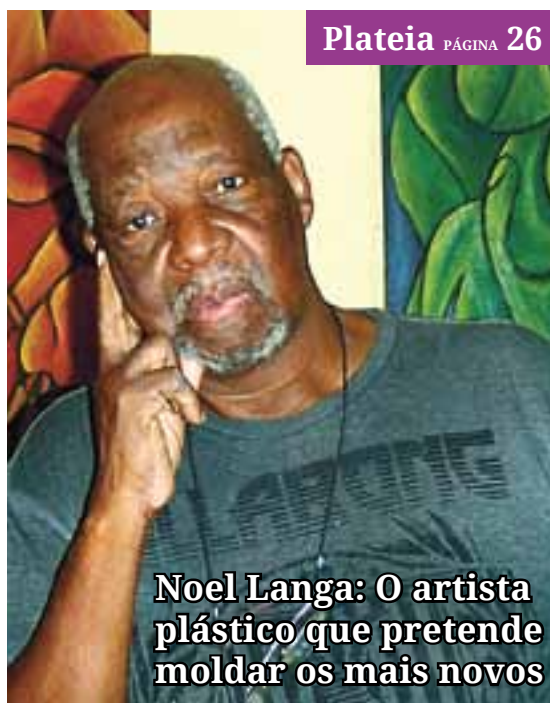
Camilo Antão

Desporto PÁGINA 22



Cateme: um barril de pólvora

Sociedade PÁGINA 06



Noel Langa: O artista plástico que pretende moldar os mais novos

Plateia PÁGINA 26

Moises D. Alberto @MdaMoises

perguntamos nos cidadãos de Cabo Delgado, afinal ate quando termina a construação do complexo desportivo da Cidade de Pemba?Triste

Irio Pinto @IrioP
Comício da Renamo na praia do C. De Sol. Alguém sabe o pq?

Alberto Vaquina PM @malateeJr " @Leonel_Mendes: A PRM a prender um peão por não ter BL.. pic.twitter.com/KXXfIGWN



Eddy Harris @E2daH Bom dia! Ha Nomes? - "@verdademz: Dez reclusos transferidos do Comando da cidade de #Maputo para BO sul #Moçambique <http://www.verdade.co.mz/nacional/31253>

Leonel Mendes @Leonel_Mendes No mural do @verdademz pic.twitter.com/1rczi2SA

Cojane MaryCaine @doShowTweets @verdademz: 10,5% de raparigas desistem de ir à escola #Moçambique <http://www.verdade.co.mz/nacional/31241>" Goyas todas!

Paizonete Fuzila @Paizonete boa tarde ja tenho o link da musica #Carta Presidencial, sera que posso enviar-vos? @verdademz claro

Adolfo Filipe @Adolfofilipe Acabouuuuu" @DesportoMz: #AFCON golo do Marrocos.

Ilídio Faria @Ilidiofaria Coisas importantes: @verdademz: Previsão do tempo para o dia 16 de Outubro de 2012 em #Moçambique <http://www.verdade.co.mz/newsflash/31249>

Rocha Avelino @RochaAvelino Afinal o senhor n ta apoiar marrocos??? @pentchicodc

Seja o primeiro a saber. Receba as notícias d'Verdade no seu telemóvel. Envie uma SMS para o nº 8440404 com o texto "Siga verdademz"

Editorial

averdademz@gmail.com

Prosperidade: fábrica de sonhos (in)alcançáveis

“O país está no bom caminho rumo à prosperidade”, repete orgulhoso o Presidente da República. Em entrevista à Rádio Moçambique, no princípio deste mês, voltou a reivindicar ganhos e falou do crescimento do país. Negou que este caminha para o abismo como muitos apregoam e falou daquilo que considera vitórias.

Porém, esqueceu o grito dos pobres e oprimidos que raramente atravessa as fronteiras do país real. Do grito que os meios de comunicação raramente ouvem de tão preocupados com o perímetro de Maputo, onde também há pobreza, mas muito menos severa do que aquela que virou regra no país real. A seca e a falta de políticas públicas para mitigar grandes calamidades não nos deixam mentir. Em Chigubo, por exemplo, é mais fácil encontrar uma criança malnutrida do que ver deputados com barrigas avantajadas numa sessão plenária da Assembleia da República.

Pessoas reduzidas abertamente à condição de miseráveis, sem eira nem beira. Tornadas impotentes por uma terra que não produz. Ou seja, um cenário que desmente qualquer relatório de que a pobreza reduziu. O ardil usado para reivindicar algum avanço passa por ignorar estes pontos do país de difícil acesso e maquihar os centros da cidade. Assim, com a convicção própria dos políticos, podem dizer que infringem golpes à pobreza.

O Presidente e seus acólitos esquecem-se de que aqui, ao lado de Maputo, em Gaza, 22158 pessoas não têm o que comer. Esquecem-se de que há moçambicanos, tão legítimos como os seus filhos, que estariam felizes se ao menos tivessem o pão que o diabo amassou. Esquecem-se de que neste país maravilhoso, que diz combater o HIV, há locais onde um preservativo não é prioridade. Ninguém compra porque o mais importante é enganar o estômago. Antes comer do que se prevenir de um doença que o país aparentemente combate.

Contudo, o pior não está na miopia do Presidente da República, mas na cabeça dos que julgam que o país progride por ter mais estradas asfaltadas. O pior é a miopia daqueles que confundem esse asfalto, feito para explorar madeira e tirar carvão, com desenvolvimento. Isso não é apenas vergonhoso. É redundantemente criminoso.

37 anos depois da independência, a água não pode ser um problema neste país. 37 anos depois da independência, não podemos continuar com sedes distritais sem corrente eléctrica. É inadmissível que crianças estudem debaixo da árvore e estendidas na terra num distrito com madeira para dar e vender. Isso é celebrar a incompetência e dar razão aos relatórios que nos colocam como o quarto pior país do Mundo.

Não precisa tanto para esbarrarmos nessa verdade atroz. É só deixar as cidades e penetrar por esse país adentro para descobrir que os direitos humanos dos moçambicanos estão a ser cobardemente violados. Para descobrir distritos que alimentam Maputo de carvão votados ao abandono, onde pessoas comem algas e raízes para sobreviverem à intempérie de serem liderados por pessoas que só sabem olhar para os megaprojectos desta vida. Para pessoas que abrem a boca para falar de prosperidade quando deviam arregaaçar as mangas e extirpar a pobreza do país.

Os nossos dirigentes têm de começar a perceber que a pobreza não acaba com discursos. É preciso muito trabalho, mas muito trabalho mesmo. Por outro lado, deviam informar aos seus soldadinhos de chumbo, aqueles que andam nas redes sociais para pregar que o sol é que gira em torno da terra, que os seus actos um dia serão julgados. Ninguém é proibido de gritar hossanas aos seus chefes, mas há verdades que não podemos negar de forma alguma. Até porque fechar os olhos ao sofrimento dos moçambicanos, em nome do amor à Frelimo, é um acto de traição a pátria.



Boqueirão da Verdade

“Talvez haja poucas coisas que Moçambique possa aprender do Afeganistão, dada a conturbada situação política em que aquele país está mergulhado. E dessas poucas, sem dúvida, consta a verdadeira transparência que o Governo afegão decidiu imprimir nos sectores mineiro e petrolífero quando, no último domingo, tornou públicos mais de 200 (duzentos) contratos assinados com as empresas que lá operam. alguma empresa terá decidido abandonar o Afeganistão? Até agora nenhuma! Ademais, no mesmo domingo o governo avisou que todos os contratos (passados e futuros) serão doravante publicados sem excepções. Seria interessante ouvir os comentários dos zelosos quadros do MIREM na baixa de Maputo e também daqueles gestores de multinacionais extractivas, que pior do que discordarem da publicação de contratos, deram-se ao luxo de “mandar passear” as exigências do Governo moçambicano no preenchimento das fichas sobre pagamentos e recebimentos, para efeitos da ITIE”, **Luís Nhachote**

“A nossa companhia de bandeira está, passe a expressão, uma porcária. Os seus serviços são uma lástima. E para piorar, nem se dignam a dar satisfações aos seus clientes”, **Idem**

“Uma semana antes, o PR reuniu com desportistas e o seu ministro, que por sinal é sobrinho da esposa, e os Mambas ganham a Marrocos num memorável equívoco e mentira desportivos. Uma semana depois, o PR corre com o sobrinho da esposa e nomeia o irmão mais novo do parceiro de negócios e os Mambas são goledos numa normal reposição da verdade desportiva”, **Matias de Jesus Júnior**

“Saúdo a reposição da verdade desportiva. A derrota dos Mambas não me indigna. Ela reflecte o nosso estado como País, como Nação. Os Mambas são o reflexo do povo que somos. O equívoco da Machava não podia continuar....”, **José Belmiro**

“Alguém está zangado com a derrota de Moçambique diante de Marrocos? Eu pelo menos estou tranquilo, até feliz, porque não conseguimos branquear resultados para legitimar incompetências, quer do treinador, quer da Federação Moçambicana de futebol. Igualmente, estou feliz porque não conseguimos legitimar os negócios de jogadores levados a cabo por uma elite de “moçambicanos não genuínos”, **Lázaro Mabunda**

“O que faz o Ministério da Cultura se a cultura moçambicana parece a cultura dos Maia que só se encontra na arqueologia? A cultura é o único bem que um país não pode importar nem igualmente exportar. O que faz o Ministério da Educação se temos cada vez menos técnicos competentes? Para quando a materialização do ensino em língua local que pelo menos no ensino técnico seria mais proveitoso? A população moçambicana é maioritariamente jovem, esta faixa populacional merece um ministério autónomo, digno e administrado por jovens para jovens. O que faz de concreto este

ministério para os jovens?”, **Nomis Eru-dam**

“Se para o caso das nomeações parece não exigir muitas explicações, uma vez que parece ser óbvio que se nomeia quem tem potencial para servir na função para qual é indicado, já na exoneração, esta lógica parece não funcionar assim tão linearmente. (...) Então se dissermos que são exonerados os incompetentes e nomeados os competentes, não faria tanto sentido tirar um incompetente do Turismo com esperança de que seja competente na Juventude e Desportos; ou tirar um incompetente do governo provincial para ser competente no Governo Central”, **Canal de Moçambique in Editorial**

“Se o Presidente da República é de todos, não pode liderar um partido político, pois, caso contrário, lhe será difícil ponderar as aspirações de todo um povo com as de um partido político”, **Gilles Cistac**

“Poderia pensar-se em mudar o sistema de governação. Pode-se tentar mudar para o modelo português em que o Primeiro-Ministro sai do partido mais votado e é eleito no parlamento”, **Magalhães Abramugy**

“Há grande concentração de poderes na Presidência da República, talvez mudar o sistema de governação, passar do presidencialista para o semi-presidencialista, que dá espaço ao Presidente da República de intervir nos órgãos de soberania com a sua força e pujança, mas não como responsável directo da governação, mas como primeiro magistrado e moderador”, **Máximo Dias**

“Eu nunca vou desarmar a segurança da Renamo, enquanto a polícia continuar nas mãos da Frelimo, muito pelo contrário, vou multiplicar o efectivo, a partir deste momento”, **Afonso Dhlakama**

“(...) Eu também não concordo com as mudanças feitas, e mais, se tivessem que ser à escala nacional, pediria a todos os santos e anjos para que levassem o Malizane da minha querida província do Niassa. Aquele Senhor não funciona, e como consequência não tem autoridade moral ou fiscal para exigir dos seus subordinados trabalho eficiente e gestão visionária. He has got to go!”, **Gito Katawala**

“Um pouco confuso e perplexo. Países da UE como a Itália, França, Reino Unido patrocinaram a guerra na Líbia. Agora, a associação a que pertencem é galardoada com o Prémio Nobel da Paz. Não me recordo de a UE ter vindo a público reprimir os ânimos desses e de outros membros seus como os países nórdicos e a Bélgica quando, ao lado dos Estados Unidos, lançaram ataques intensos sobre o território líbio sob o pretexto de se criar uma zona de exclusão aérea, servindo-se para tal de uma ambígua resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas que apressadamente fizeram aprovar”, **João Cabrita**

OBITUÁRIO:

Norodom Sihanouk
1922 – 2012 • 89 anos



O ex-rei do Camboja, Norodom Sihanouk, morreu esta segunda-feira em Pequim, aos 89 anos, anunciou a televisão cambojana. Sihanouk, que abdicou do poder há oito anos a favor do filho, Norodom Sihamoni, reinou entre os anos 1941 e 1955 e entre 1993 e 2004. Ele morreu no hospital, vítima de ataque cardíaco, e o seu corpo será trasladado para o seu país a fim de receber um funeral budista no Palácio Real.

Venerado no Camboja, o ex-monarca estava doente havia anos e viajava com frequência à China para fazer tratamento médico por causa de um cancro. Em Outubro de 2009, o ex-rei tinha dito no seu site na Internet que já tinha vivido demais e esperava morrer o mais depressa possível. “Esta prolongada longevidade pesa-me de forma insuportável. Sinceramente, quero morrer agora, já vivi demais”, escreveu Sihanouk.

@Verdade premiado na Itália



O trabalho de intervenção social que tem sido realizado pelo @Verdade, em Moçambique, foi reconhecido na Itália através do prémio “The Africa Media Prize”, no âmbito da preparação para a próxima exposição mundial que vai acontecer em Milão em 2015, sob o lema “Alimentar o planeta. Energia para a vida”.

Na cerimónia de recepção do prémio, Adérito Caldeira, Director Adjunto do Jornal @Verdade, afirmou que este troféu é um estímulo para todos os profissionais que “todos os dias se esforçam para alimentar os cérebros dos moçambicanos com informação e educação, num país onde o acesso à informação, embora sendo um direito constitucional, ainda é um luxo para a grande maioria dos cidadãos”.

Este prémio foi atribuído pela organização da Expo e pela Afronline, durante um encontro que reuniu em Milão, entre 10 e 12 de Outubro, os representantes dos governos que vão participar na Expo 2015 e membros de várias organizações da Sociedade Civil de vários cantos do planeta.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana.
@Verdade traça em breves linhas as motivações.



1. Faizal Sidat

Este que não nos obrigue a ter de criar um “The Xiconhoca of the Year” só para poder acomodá-lo. É a segunda vez que vem parar aqui e por assuntos totalmente diferentes, mas ligados ao futebol. O massacre pornográfico de Marraquexe devia obrigá-lo a mandar um pedido de demissão em nome da pátria. Os seus (falsos) projectos de desenvolvimento das nossas selecções falharam e, pelo que se sabe, não tem nenhum plano a longo prazo. Ademais, está visto que está na federação somente para nutrir Miros e Kampangos de prémios e viagens que em nada ajudam com vista ao sucesso do nosso futebol. Ora, devia demitir-se por manifesta inutilidade.

2. Gert Engels

Quem é este? Qual é o seu passado como treinador de futebol? O que trouxe de novo ao sistema de futebol dos Mambas? Haja vergonha! Mas não podemos culpá-lo pelo pornográfico massacre de Marraquexe. O culpado foi quem o trouxe para ganhar rios de dinheiro neste país, o quarto pior do mundo segundo o relatório 2011 sobre o Desenvolvimento Humano do Programa das Nações para o Desenvolvimento. Mas um treinador que se preze sabe bem o que devia ter feito em Marraquexe e não aquilo que pareceu ser futebol recreativo. Ora essa Xiconhoca, volte para a escola do futebol pá!

3. Presidente do Município de Manica

Todo o indivíduo que foi à escola terá algum dia ouvido falar de “Filosofia”. E todo aquele que exerce o poder, por norma, precisa de estar actualizado e no mínimo estar dotado de conhecimentos sobre o que faz. Mas porque o Moguene Xiconhoca não sabe nada, a ponto de mandar encerrar uma rádio, atentando contra a liberdade de imprensa, cá deixamos um ensinamento de Platão que se aprende a partir da décima primeira classe: “Política não é uma técnica, mas uma ciência e que, portanto, pode ser ensinada. Ou seja, a finalidade da política não é o exercício do poder, mas a realização da justiça como um bem comum para a cidade”.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

1. Recusa da demissão do Gert Engels

O seleccionador nacional de futebol, o alemão Gert Engels, logo depois do indigno massacre de Marraquexe, fez o que a si cabia, colocando o lugar à disposição da Federação Moçambicana de Futebol. Porém, Faizal Sidat recusou a posição do alemão e concedeu-lhe uma semana de descanso junto da família na Alemanha, para permitir que este se possa refazer do banho desportivo que culminou com a traumática goleada de 4 a 0 frente ao Marrocos.

Algo está mal aqui e que só um cidadão atento consegue perceber, aliás, é esta a análise que é feita pelos leitores que elegeram esta xiconhoquice. É que, no entender dos mesmos, em qualquer país do mundo, o sucedido em Marraquexe é fundamento suficiente para qualquer treinador colocar o lugar à disposição e, mais do que isso, em última instância, o presidente da federação até o próprio ministro dos desportos.

Esta decisão da FMF, como acusam os nossos leitores, só prova que há favorecimentos, compadrios e comissões com o nome de Gert sobretudo no seu ordenado, ou seja,

Gert Engels pode não estar a receber o mesmo ordenado que sai dos cofres do Estado.

Eis as questões que teimam em não se calar: Se foi provada a incompetência dos treinadores estrangeiros, porque é que ainda insistimos neles e ainda lhes oferecemos chorudos ordenados e Maregalias? O que mais tem a fazer Gert Engels aqui como seleccionador nacional?

E como recomendam os nossos leitores, seria tão bom que ele fosse trabalhar na Escolinha de Tico como treinador-adjunto de uma equipa de formação, ena pá...!

2. Encerramento da Rádio Comunitária Mecequece

A Rádio Comunitária Macequece foi forçada a interromper a sua emissão esta sexta-feira (12) cerca das 15h10 por ordem do presidente do Conselho Municipal da Cidade de Manica, Moguene Materisso Candieiro.

Os motivos deste atentado à liberdade de imprensa são ainda desconhecidos. Segundo a Rádio Catandica, os voluntários da Rádio Macequece encontravam-se em plena actividade no momento

em que uma brigada do Conselho Municipal da Cidade de Manica, na companhia da Polícia Municipal, ordenou o encerramento daquela estação emissora.

Haja vergonha e tamanha estupidez. Já não basta ter de aturar políticos sem um pingão de noção do que fazem e agora ter de suportar decisões estultas como esta! É demais. Se calhar a mente de alguns ainda jaz na era pós-independência onde, do nada, tomavam-se decisões a bel-prazer só porque há quem detém o poder. Aliás, porque estamos na era moderna, este tipo de decisão só pode ser encontrada em países como a China e Coreia de Norte onde a ditadura continua a conduzir os destinos do povo.

Mas porque nunca sociedade nem todos devem ser racionais, no entender dos nossos leitores, há que dar a mão à palmatória pela sábia decisão no intelecto do Moguene Materisso Candieiro.

3. Balgamento de um escrivão em Lichinga

Um membro da Polícia da República de Moçambique (PRM) afecto à guarda do Tribunal Judicial da Ci-

dade de Lichinga, alvejou acidentalmente a tiro o Escrivão daquele órgão na sequência da fuga de dois reclusos que iam a uma audiência.

Ao que foi apurado, o agente da lei e ordem que se encontrava fora do edifício foi alertado da fuga e encetou uma série de disparos tendo um atingido o braço do funcionário que na altura dava entrada no tribunal para mais um dia de trabalho.

O indivíduo, felizmente, encontra-se fora do perigo mas ainda sob cuidados médicos numa unidade sanitária daquele ponto do país. Nem mais uma palavra. Acabaram-se as balas perdidas e agora surgem outras para acabar com os inócentes indesejados deste país: balas acidentais.

Enfim, e como nos escreveu um leitor: acidentalmente seremos alvejados nós os moçambicanos de terceira, os tais que ficam “parados na paragem duas a três horas e meia, calados e sem coragem duas a três décadas e meia, embriagados com o nosso medo à nossa maneira...(porque neste país) a justiça funciona para todos os criminosos de primeira” (Excepto da música de Azagaia, Filhos da...).

Um professor no distrito

Rafael Fumo saiu de Maputo para dar aulas num local desconhecido. Ou seja, mudou-se de armas e bagagens da capital para o interior da província de Gaza. Actualmente, reside e dá aulas em Dindiza, sede do distrito de Chigubo.

Texto: Rui Lamarques • Foto: Miguel Manguzeu

Um dia antes da data que celebra os professores, @Verdade foi ver como é que são as aulas na Escola Primária Completa de Dindiza e depois conversou com Fumo para compreender o seu dia-a-dia naquele ponto do país.

“É complicado”, disse-nos sem reservas. A explicação, essa, veio depois: “aqui falta tudo, desde cadernos às salas de aulas. Desde que a tempestade arrancou as chapas de zinco daquelas três salas (aponta para um edifício sem tecto) que passámos a dar aulas debaixo destas árvores”. Por outro lado, “nem sempre as crianças frequentam as aulas”. Portanto, “sob o ponto de vista de administração de conteúdos, esse é o maior problema.”

O que separa as crianças das salas de aulas, no entender de fumo, é a falta de água. Ou seja, “um pai pensa nos problemas imediatos e não no futuro”. Por exemplo, “se eles tiverem de optar entre cuidar do gado e colocar um filho na escola a escolha é simples. Isto porque, por um lado, a população daqui, na generalidade, é criadora de gado e, por outro, a escola não garante rendimentos. Repare que os funcionários públicos daqui, na sua grande parte, são oriundos de outros pontos do país. Desse modo, é fácil compreender que papel tem a escola para esta população”.

A composição da sala na maior parte das aulas revela uma maior presença de raparigas. Algo estranho num distrito, mas não em Chigubo. “Aqui os rapazes têm de apascentar o gado e as miúdas procurar água. Como aqui em Dindiza, os problemas de água ocorrem em menor escala para o consumo humano, as raparigas têm mais tempo para estudar em relação aos rapazes. Com os rapazes é diferente. Eles têm de percorrer distâncias muito maiores e isso faz com que não venham à escola. É normal que um aluno venha um vez por semana”.

“Quando começou o ano lectivo a minha turma tinha mais de 60 crianças. Hoje tenho menos de 20 alunos”.

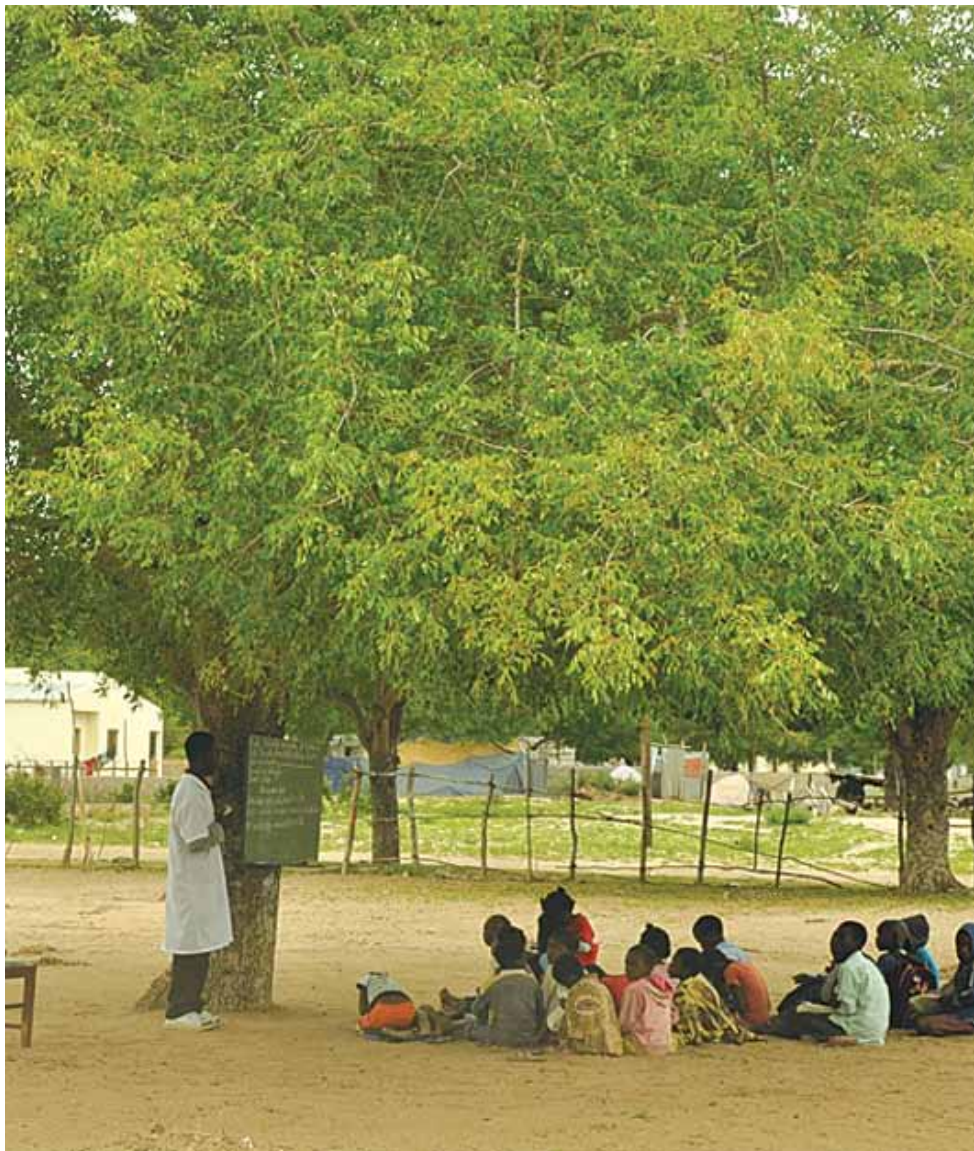
No que diz respeito ao ensino, para além da falta de salas de aulas, o facto de não existirem livros é algo que inquieta o professor Fumo. “É complicado ensinar estas crianças, que mal falam português, sem livros”. Por outro lado, “os nossos quadros também não ajudam e pelo menos aqui na sede devíamos ter carteiras para motivar os alunos”.

“Nestas condições não podemos fazer grandes milagres. O aproveitamento escolar, não em termos de passagem de ano, uma vez que ninguém chumba, é fraco”. A sinceridade de Fumo não se fica por aí e vai mais longe: “não temos alunos que saibam ler”.

Não nega que a culpa possa ser do professor, mas pensa que o problema é bem maior. “O professor até pode ser mau, mas não temos como saber porque o cenário da educação propicia o mau desempenho”. Instado a comentar o que o leva a traçar um quadro tão funesto, Fumo aponta para o estado da escola e baixa o rosto como que a dizer que a forma como as autoridades locais tratam a escola é uma metáfora do futuro dos alunos. Depois explica: “estas crianças têm capacidade para aprender, mas precisam de algo mais. Um quadro e um pau de giz é muito pouco. Os conteúdos não estão adaptados à realidade delas. Não há como singrarem neste meio. Elas estão aqui para passar o tempo e nós não temos como mudar este cenário”, diz.

Onde vive

Sair da capital para leccionar num distrito sem corrente eléctrica quase 24 horas por dia foi um choque para Fumo. Porém, mais grave ainda “foi descobrir que não havia uma residência para morar”. Ainda assim, o jo-



vem ido da capital não virou a cara à luta e foi em frente na sua missão de ensinar as crianças de Dindiza a ler e a escrever. No princípio, conta, ficaram magoados por lhes terem dito que teriam uma residência do Ministério da Educação.

Porém, chegados ao distrito a realidade mostrou outra coisa. Não esconde que pensou em largar tudo e voltar para Maputo, mas o facto de ter “saído da casa dos meus pais” para se tornar “um homem” foi mais forte. Aliás, “não há melhor lugar do que este para transformar uma pessoa”.

“Hoje valorizo muito mais as minhas pequenas conquistas. Dindiza libertou-me do egoísmo que habitava em mim”, conta. Esse crescimento, porém, não inibe Fumo de criticar as coisas que julga erradas ou até de questionar, ainda que em surdina, a aplicação de bens públicos no distrito. Não se esquece, por exemplo, que os painéis solares que dão corrente à residência oficial do Administrador do distrito foram prometidas aos funcionários da Educação e da Saúde.

“O Administrador podia continuar a usar o gerador. Agora ficou com duas fontes de iluminação e nós continuamos sem corrente eléctrica. Nem sequer temos a prometida casa da Educação. Aquelas duas casas (aponta) não sei para que servem”.

Construir a sua própria moradia

Quando Fumo se habituou à ideia de ser professor num lugar sem energia teve de se acostumar à dura realidade de procurar uma casa. Ainda que Dindiza seja um lugar onde o dinheiro não abunda, Fumo nunca pensou em alugar uma casa.

“Os preços nem são muito altos, mas todo dinheiro que puder poupar terá grande utilidade um dia”. Foi, portanto, com tal pensamento que foi ter com um colega e propôs que construíssem uma casa com material local. Engana-se, porém, quem pensa que a moradia custou um balúrdio. O material necessário, sem contar com as chapas de zinco, não custou mais de 1500 meticais. Com mais outros 500 para a mão-de-obra Fumo e o colega desembolsaram 2000 meticais. Volvido um mês já tinham a casa pronta e deixaram de pagar por um espaço. É certo que a casa não tem corrente eléctrica, “mas é nossa”, diz um Fumo orgulhoso.

Onde encontrar água

Em Dindiza nada é fácil, mesmo para um professor primário. Fumo tem de percorrer grandes distâncias para encontrar água. Do local onde reside até as instalações do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades tem de percorrer cinco quilómetros. A sorte, diz, é que possuem uma bicicleta, o que facilita o trabalho. Porém, “às vezes não temos tempo para ir buscar água e acabamos por consumir a que encontramos”. O que encontramos, na linguagem de Fumo, quer dizer água insalubre e prejudicial à saúde.

Custo de vida

Ainda que a informação sirva para alguma coisa, o que preocupa naquela sede distrital é a ausência de serviços financeiros. “Isso cria grandes embaraços na nossa vida”. Efectivamente, a única forma de um funcionário público ter acesso directo ao seu dinheiro é indo ao distrito de Chókwè onde há instituições bancárias. “É lá onde levantamos os nossos salários”. Na verdade, ir levantar o salário num lugar que dista

154 quilómetros tem vários constrangimentos. O primeiro, diz, é o custo da viagem de ida e volta para quem auferir um salário magro. “Essa viagem significa um corte substancial no nosso vencimento”, diz.

“Temos de desembolsar cerca de 400 meticais para ir e vir”. Acrescenta diante do nosso espanto: “pode parecer pouco, mas aqui é mais do suficiente para adquirir um saco de farinha”.

Por outro lado, todos funcionários públicos assinaram uma procuração e alguém da administração vai levantar uma parte do dinheiro, valor que não ascende os 100 meticais. “Num distrito onde um saco de farinha de 12 quilogramas custa 350 meticais esse dinheiro não serve para muita coisa”.

Fumo pretende pedir a transferência e ir dar aulas num lugar onde possa continuar os estudos, mas sabe que tal pretensão dificilmente será atendida. Ainda assim não pensa em desistir. Quanto aos alunos, não tem grandes ambições. “Se pelo menos cinco aprenderem a ler terei cumprido a minha missão. Mas isso é uma meta muito ambiciosa”.

Olha para os lados e explica: “estamos a falar de crianças que foram criadas para apascentar gado e cujos pais não ligam o mínimo à educação. Ou seja, crianças criadas num contexto que desvaloriza completamente a escola. Por isso, ainda que algumas revelem uma capacidade cognitiva muito acima da média, as dinâmicas sociais constituem uma barreira para a sua afirmação como sujeitos”.

Questionado sobre as dificuldades que é viver num contexto sem informação e nas consequências que isso pode ter para um estudante que quer ser sociólogo, Fumo foi claro: “não há melhor espaço para estudar o social do que Chigubo. É certo que não tenho espaço de interacção com outras formas de analisar os fenómenos, mas poucos têm a matéria-prima de que eu disponho”. “Não nego que é difícil, mas é algo ao qual nos acostumamos”. É certo, diz, que não temos acesso ao que se passa no mundo porque não temos corrente eléctrica, mas é “uma experiência enriquecedora dar aulas num local como este. Mas isso não quer dizer que eu quero morrer aqui. Preciso de sair e conhecer outros mundos”

Meningite priva locomoção a Ekson Matola

Ekson Matola, de oito anos de idade, residente no bairro de Hulene "B", arredores de Maputo, não fala, não anda, não come sozinho e nem se pode manter de pé. É uma criança condenada a nunca mais se locomover porque uma meningite paralisou os seus membros inferiores e superiores. Vive deitado numa esteira incómoda, da qual só se livra quando se encontra nos braços da mãe, Margarida Matola. O menino, segundo a progenitora, está neste estado desde os dois meses de vida, altura em que foi acometido pela doença.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Miguel Manguenze

Margarida Matola e Feliciano Novela são os pais biológicos do pequeno Ekson, que vive a dor de depender de terceiros para fazer tudo. Nasceu normal como muitas outras crianças, porém, aos dois meses e meio de vida, contraiu uma meningite que culminou com a deficiência física, que se traduziu na perda dos movimentos. Perante aquele cenário, diga-se, triste, a família e o menino vivem um tremendo martírio.

Entretanto, Feliciano Novela, o pai, abdicou de desempenhar tal papel. Pura e simplesmente abandonou-os e eximiu-se da sua responsabilidade paternal e social. Desde que saiu de casa em 2004 ainda não deu nenhum sinal de vida.

Margarida Matola conheceu Novela algures na cidade de Maputo. Decidiram unir-se e formar uma família. Ela acolheu-o em sua casa, mas, passado algum tempo, a ideia de construir um lar não passou de um plano falhado. Ekson Matola é fruto dessa relação. "Pensei que com ele podia construir uma família como meu marido. Acolhi-o em minha casa, mas ele desvalorizou a minha generosidade. Deixou-me na desgraça e passo dias e noites a chorar. Agora procuro garantir carinho e saúde ao meu filho".

Margarida trabalha numa empresa de segurança na qual está afectada ao sector das limpezas. Para além de Ekson, toma conta de outros

dois filhos e consegue sustentá-los com o parco salário que ganha.

Se para alguns ter pai é sinónimo de felicidade, Ekson vive o contrário. Por causa do seu estado de saúde perdeu o carinho paternal. Visivelmente emocionada, a senhora conta que antes de o menino ficar deficiente já vivia uma relação marcada por atritos com o esposo. Com a doença, o ambiente entre o casal tornou-se "turvo", insustentável. Novela abandonou a família e eximiu-se de custear as despesas do lar e do tratamento do seu filho por alegada falta de dinheiro.

"O meu filho não anda, não fala, não fica de pé e não come sozinho. Ele é dependente em tudo. Está sempre deitado ou no colo. Quando vou trabalhar ele fica sozinho e, às vezes, em casa sozinho porque durante a manhã a minha filha vai à escola e o irmão faz alguns biscates para ajudar nas despesas da casa", disse.

O começo da amargura

A doença de Ekson Matola começou nos fins de 2004. Meses depois de vir ao mundo, passou mal e a mãe procurou por um acompanhamento médico no Hospital Central de Maputo. Através dos exames clínicos ficou-se a saber que ele padecia de meningite e tinha um líquido no cérebro que au-



Publicidade



Shaping the future of African media





5TH AFRICAN MEDIA LEADERS FORUM

DATE: 8-9 November 2012

Africa 3.0

Strengthening Media and Governance Through Citizens' Engagement and Innovation

If you are interested in sponsoring, exhibiting at or participating in this Forum, please contact us at fundai@africanmediainitiative.org or +254 20 269 4004

PARTNERS AND SPONSORS



mentava o tamanho da sua cabeça. Para contrariar esta tendência, os médicos tiveram que lhe submeter a uma cirurgia. No princípio, parecia que tudo estava controlado, até o dia em que a criança teve uma convulsão, em Junho do 2011.

Em Setembro do mesmo ano, houve necessidade de se proceder a mais uma operação porque o mesmo líquido que deteriorava o seu quadro clínico persistia e a anterior cirurgia tinha criado uma ferida profunda na cabeça, da qual o líquido em causa se expelia. Feito o tratamento, o tamanho da cabeça diminuiu, mas depois de algum tempo o menino teve uma segunda convulsão e foi parar à sala de reanimação durante dois dias.

Segundo a mãe, o maior pesadelo foi ver o filho perder o movimento dos membros. A ele, o destino, diga-se, trágico, arrancou a oportunidade de frequentar uma escola, de correr de um lado para o outro com os amigos. À Margarida Matola torturam as lembranças do tempo em que Ekson gatinhava normalmente pelo quintal e contaminava a família com os seus sorrisos.

"O que mais me inquieta é o facto de os médicos dizerem que não sabem quais são as causas desta doença, mas eles fazem muita coisa pela saúde do meu filho", reconhece.

Margarida revela que ganha 3.300 meticais, valor que não cobre sequer metade das despesas de

casa. Não sabe o que é repouso porque todos os fins-de-semana vai à machamba, que constitui a sua segunda fonte de rendimento.

Uma cadeira de rodas para aliviar o sofrimento

A mãe do pequeno Ekson afirma que os médicos aconselharam-na a mandar o filho a sessões de fisioterapia pelo menos duas vezes por semana. Os exames médicos concluíram que a doença está numa fase crítica, o que retira qualquer probabilidade de recuperação dos movimentos.

Desde o dia 10 do corrente mês, Ekson Matola vive dias diferentes. Foi-lhe oferecida uma cadeira de rodas feita de papelão, no âmbito das celebrações do Dia Mundial da Saúde Mental. Os técnicos de saúde que cuidam da sua terapia fizeram-no com o propósito de atenuar as dores constantes de que se queixa e evitar o agravamento da perda dos movimentos.

Margarida Matola afirma que está aliviada e agradece efusivamente aos trabalhadores e técnicos do Hospital Central de Maputo pelo gesto, uma vez que vai minimizar o sofrimento do seu filho. Aliás, para além da satisfação, diz alimentar a esperança de que melhores dias ainda virão, de pessoas de boa-fé, no tocante à ajuda a Ekson.

O que é a meningite e como preveni-la?

A meningite é uma inflamação das meninges, membranas que envolvem o sistema nervoso central e a espinal medula. Trata-se de uma alteração que pode ser grave porque as meninges, ao aumentar de tamanho, pressionam o cérebro – que é um órgão vital – e também os vasos sanguíneos que o irrigam.

Os sintomas da meningite (doença que atinge mais crianças ainda em tenra idade) são desconhecidos, mas deles constam a febre, pescoço dolorido, pequenas manchas vermelhas na pele, vômito, convulsões, falta de apetite e cansaço anormal.

Para evitar a meningite é necessário não partilhar talheres, palhinhas, copos e demais objec-

tos que contenham a saliva de outras pessoas. Não partilhe igualmente cigarros, charutos ou cachimbos. Não deixe as crianças colocarem na boca objectos que estiveram na boca de outras crianças. Evite aproximar-se de pessoas que estejam a tossir ou a espirrar e, quando estiver nestas duas últimas situações, tape a boca e lave as mãos frequentemente com água morna e sabão, pois é possível que tenha tocado nalgum objecto já contaminado. Não deixe que outras pessoas beijem os seus filhos mais novos directamente na boca.

No caso dos adolescentes, estes devem ser informados do facto de que, quando beijam alguém na boca, estão a passar e a receber bactérias.

Tete: Reassentados da Vale em erupção silenciosa

No mais apetecível destino do início do século XXI, a província de Tete, onde se localiza a maior reserva global de minerais do hemisfério sul, concretamente no distrito de Moatize, as populações reassentadas pela gigante multinacional Vale do Rio Doce, podem a qualquer momento entrar em erupção.

Texto & Foto: Luís Nhachote*

O aviso à navegação fora dado na localidade de Cateme, no mês de Fevereiro do ano corrente, quando a população decidiu impedir a circulação do comboio que levava os preciosos minerais para o porto de Nacala. O Estado, usando da premissa de detentor da violência legítima, violentou os manifestantes. No entender das comunidades locais, o Governo é complacente no incumprimento das promessas de indemnização feitas pela Vale.

O @Verdade esteve em Tete, onde passou em revista as relações entre os intervenientes (população, Vale e Governo provincial), e o que se pôde depreender é que as condições para a erupção estão criadas: a qualquer momento um novo Cateme pode eclodir.

Onde impera a lei do mais forte

Em 2009, o governo provincial, através da administração da localidade de Chipanga, informou a população local de que seria transferida para uma nova zona para dar lugar à exploração do carvão mineral.

Os que foram considerados, na altura, desempregados, de acordo com o levantamento feito, exponencialmente desempregados, tiveram como destino Cateme, o primeiro epicentro dos protestos. Outros, tidos como aqueles que tinham empregos, embora precários, foram reassentados na zona 25 de Setembro, a poucos quilómetros da área de exploração.

Estes últimos sentem-se revoltados desde os meados de Setembro e dizem-se traídos pelo governo local e pela Vale. Tudo porque as indemnizações, na sua óptica, são injustas e desadequadas. Mais, exigem formação e emprego para os seus descendentes, para além da manutenção das casas que lhes foram atribuídas.

E, no caso das habitações, a situação não é para menos. As mesmas apresentam fissuras. O hospital, cuja construção está na fase conclusiva, constitui uma das preocupações.



Por outro lado, a juventude clama por emprego. Enquanto isso, a Vale, assim como outros gigantes da mineração implantados naquela província, crescem a olhos vistos.

A greve contornada

Por sentir que as suas reclamações não têm sido levadas a peito desde 2009, os reassentados do bairro 25 de Setembro decidiram partir para os protestos. Os líderes comunitários e outras estruturas daquela zona dirigiram-se à sede do governo do distrito de Moatize para expor, mais uma vez, as suas preocupações, exigiram que a Vale lhes devolvesse o espaço onde está implantada, e agendaram uma manifestação para o dia 10 de Outubro, quarta-feira da semana passada. O levantamento popular só aconteceria caso as suas reclamações não fossem satisfeitas.

Naturalmente que após a remodelação governamental feita dois dias antes (dia 8 de Outubro), os efeitos políticos chegaram à mesa da Vale e não havia interesse nenhum em ver um levantamento popular, pois esse seria o primeiro “beliscão” ao antigo governador de Tete Alberto Vaquina, o novo Primeiro-Ministro.

No dia 9, gestores da Vale e actores do governo provincial permitiram que a população fosse a Chipanga para reavaliar as dimensões das suas propriedades, que incluem machambas, árvores de fruta, entre outros.

Com este passo, que inclui o pagamento de indemnizações, parte do grupo decidiu abandonar a ideia da manifestação, enquanto outros são pela sua realização como forma de luta para que todos sejam devidamente ressarcidos.

“Não somos unidos”

Pedro Elias é um dos representantes da comissão dos reassentados. Ele explicou ao @Verdade que o bairro 25 de Setembro está dividido em nove quarteirões e que os chefes de cada um deles é membro de direito na comissão, incluindo mais quatro elementos que são escolhidos por via de votação.

Na sua opinião, “não somos unidos porque cada um está preocupado em resolver o seu problema, e não o do colectivo, cuja dimensão é maior”. Elias deu como exemplo o hospital, que “já foi concluído há muito tempo, mas ainda não foi aberto, o que nos obriga a deslocarmo-nos à vila, mesmo para uma simples consulta”.

Por seu turno, Mama Duzeria, como é conhecida a secretária-adjunta do Bairro 25 de Setembro, também lamenta o facto de a Vale não estar a honrar os seus compromissos. “Disseram-nos que eles vieram para ficar e que iam dar emprego e oferecer cursos aos nossos filhos. Porém, nada disso está a acontecer, desde 2009”.

Para ela, a Associação de Apoio e Assistência Jurídica às Comunidades deve ajudar-lhes a interpretar o que está escrito nos documentos, assinados em 2009. Só assim iremos saber o que devemos fazer. As coisas aqui não estão bem, e a qualquer momento isto pode transformar-se em Cateme”.

Entretanto, não nos foi possível ouvir os representantes da Vale, muito menos do Governo (quer local, quer central). A burocracia continua a imperar no seio das instituições, o que torna impossível pôr em prática uma das regras do Jornalismo: o direito ao contraditório.

*Com o apoio da IBIS

Caro leitor

Pergunta à Tina...Porque dói tanto quando ele penetra?

Olá queridos! Enfim, parece que o Verão chegou, época de curtir sol, praia, beber muitas loiras ou pretas, e depois perder o controlo da situação e mandar a razão para fora do quarto e ali mesmo na hora, partir para a acção sem a camisinha! Acontece muitas vezes, eu sei. Mas é necessário pensar-mos que nós somos responsáveis por nós mesmos, e muitas vezes por outras pessoas também e, por essa razão, temos de cuidar da nossa saúde sexual e reprodutiva: pode-se evitar a gravidez e as infecções indesejáveis. Se queres saber como podes fazê-lo envia-me uma mensagem.

Envie-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina. Sou uma jovem de 26 anos de idade e casada há 2 anos. Tenho tentado engravidar mas não consigo. Ajuda-me, por favor! Marlene

Olá minha jóia! A incapacidade ou dificuldade de engravidar é o maior stress dos casais que desejam ter filhos. Eu imagino que estejas a passar por isso. A primeira coisa que quero que tu e as outras leitoras saibam é que a infertilidade não é PROBLEMA DAS MULHERES, mas um mal que afecta tanto homens como mulheres. Então, quando fores à procura de soluções, não te esqueças de que o teu marido também pode ser a causa. Mas voltando para as causas que afectam as mulheres, eu começo por dizer que elas são variadas, e vão desde as orgânicas (que têm a ver com a funcionalidade do teu sistema reprodutor) até as emocionais. É muito importante que tu procures saber qual é a causa que te afecta: pode ser, por exemplo, a irregularidade do teu ciclo menstrual; pode ser o problema das tuas trompas, por onde passam os óvulos, ou pode ser o problema mais comum (mas que muitas mulheres não sabem), que é a endometriose (uma doença que é caracterizada pela presença do tecido do útero a crescer fora do útero. Esta doença tem cura se for identificada); pode ter também a ver com uma infecção de transmissão sexual que possas ter apanhado no passado e não foi totalmente curada. Então, a melhor coisa a fazer é procurar um/a médico/a ginecologista que te vai ajudar a diagnosticar o real problema e propor soluções onde for possível. Entretanto, é também importante saberes que nem sempre os tratamentos são eficazes, porque muitas vezes eles têm entre 80 a 99% de sucesso. Assim sendo, deves estar sempre preparada para o facto de não conseguires resolver de forma natural, e procurar outras soluções, como, por exemplo, a inseminação artificial do embrião ou adoptar um bebé. Tudo de bom para ti e para o teu marido.

Olá Tina. Tenho 14 anos de idade e o meu namorado 18. Ainda sou virgem, mas quando tentámos pela primeira vez quase deixava de o ser. O meu medo é de ficar grávida, mas usamos o preservativo. O que faço? Preciso do teu conselho. Beijós. Telma.

Olá querida. Tu só tens 14 anos e eu, desculpa julgar, acho que ainda és muito novinha. Tu só deves fazer sexo quando realmente te sentires com vontade, e tiveres informação certa/correctíssima e preparação emocional. Procura saber de tudo sobre o sexo: o que é? Quais são as consequências de fazer sexo na tua idade? Há infecções de transmissão sexual, como o HIV, que se podem transformar em grande stress para a tua vida, e atrapalhar a tua concentração na escola, minha querida. Toma muita atenção. Agora, se decidires ceder, mesmo que eu tenha dito isto tudo, então não te esqueças disto: 1) USA O PRESERVATIVO...OBRIGA O TEU NAMORADO A USAR! 2) Conversa com uma amiga mais velha, ou, se tiveres confiança, com a tua mãe ou uma tia sobre o que deves fazer para te prevenires das doenças e da gravidez indesejada. Na tua idade, tens a escola, tens as actividades familiares e religiosas para te ocupar, e eu acho que começar a pensar na prevenção da gravidez e das ITS pode exigir muito de ti. Em todo caso, não deixo de dizer que para evitar a gravidez e as IT, é necessário que conheças muito bem o teu ciclo menstrual e que USES SEMPRE o PRESERVATIVO. Eu aconselho-te também a procurares as enfermeiras dos Serviços de Amigos dos Adolescentes e Jovens (SAAJ) em qualquer hospital ou centro de saúde. Lá receberas toda a informação de que tu precisas para te orientares. Cuida da tua saúde!

MozMed A plataforma virtual de saúde em Moçambique

Manda tuas questões através de SMS para **6640** ou Internet **http://mozmed.com/** e recebe resposta dos especialistas de saúde e de outros cidadãos

Livro de Reclamações d'Verdade

O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Professores sem salários há mais de seis meses na Matola

Boa tarde Jornal @Verdade. Somos professores recém-contratados a nível da cidade da Matola, província de Maputo, e estamos divididos em dois grupos, sendo que o primeiro começou a trabalhar nos finais de Março e outro nos princípios de Junho. Contra tudo o que nós esperávamos, até agora ainda não foram pagos os nossos salários. É desse ordenado que a maioria de nós depende. Não é fácil ficar mais de seis meses sem receber, trabalhando arduamente todos os dias.

O que mais nos preocupa é que este problema de falta de pagamento de salários aos professores só se verifica no distrito da Matola. Será que os outros professores têm direitos e nós não? Qual é a motivação que nós, como professores, teremos trabalhando num ambiente como este?

Resposta

Relativamente a este caso, ouvimos a directora distrital de Educação, Juventude e Tecnologia da Matola, Inês Simbine, que disse, a priori, que os professores que se encontram nesta situação não são contratados, mas sim substitutos. "Eles são ao todo 77 professores, divididos em dois grupos, sendo que o primeiro começou a trabalhar nos finais do segundo trimestre deste ano e o segundo iniciou as suas actividades em Junho".

Inês Simbine assegurou que os professores em causa ainda não receberam os seus salários não porque houve um desvio de aplicação de fundos, mas sim porque, tratando-se de professores substitutos, é necessário que eles estejam devidamente registados no cadastro e só depois disso é que a Direcção Provincial de Plano e Finanças vai autorizar o pagamento. A fonte assegurou que existe cabimento orçamental para pagar salários aos professores em causa.

Questionada sobre se, volvidos mais de seis meses, o proces-

Já procurámos saber junto à Direcção de Educação, Juventude e Tecnologia da Matola das reais razões que estão por detrás deste problema. Alguns funcionários, que assumem cargos directivos, disseram que houve desvio de aplicação de fundos, ou seja, o dinheiro enviado para o pagamento dos nossos salários teria sido alocado a outros sectores.

Entretanto, volvidos mais de seis meses, a promessa da Direcção Distrital de Educação, Juventude e Tecnologia da Matola é a de que teremos os nossos salários, mesmo sem avançar datas. Independentemente das razões invocadas para a falta de pagamento do nosso ordenado, nós estamos a sofrer, para além de sermos pais de família, somos estudantes e estamos a viver em casas arrendadas. As pessoas não acreditam que estejamos há mais de seis meses sem receber. Isso até parece mentira, mas é uma pura verdade.

so não estaria a demorar demais, Simbine respondeu que "eu não posso dizer se o processo vai ou não demorar, mas o que eu posso confirmar é que esses professores serão pagos com retroactivos. Não posso dizer quando é que isso vai acontecer, é só aguardarem".

A directora distrital de Educação Juventude e Tecnologia da Matola disse ainda que tem mantido encontros com os professores visados no sentido de lhes explicar sobre a situação em que se encontra o processo.

Segundo ajunta, há duas semanas estiveram reunidos e os docentes garantiram que vão continuar a trabalhar normalmente enquanto aguardam pelo pagamento dos seus ordenados.

Inês Simbine disse ainda que o distrito da Matola contratou para este ano pouco mais de 80 professores, os quais estão a receber os seus salários normalmente desde que começaram a trabalhar.

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

População da Ilha de Moçambique queixa-se de más condições de vida

A população da Ilha de Moçambique, na província de Nampula, queixa-se de estar a ser marginalizada pelas autoridades locais, sobretudo pelo Governo, alegadamente porque há anos que clama pela melhoria das suas condições de vida, mas nenhuma resposta satisfatória nesse sentido foi dada até hoje.

Segundo os ilhéus, os dias têm sido um autêntico martírio e caracterizados pela falta de condições básicas de sobrevivência, como hospital condigno, água potável, vias de acesso, energia eléctrica de qualidade, mercados-modelo, parques e jardins, entre outras infra-estruturas.

Destes problemas, a degradação do hospital local e a severa escassez de água potável são as maiores inquietações daquela população, que percorre, em caso de alguma en-

fermidade, longas distâncias para ser tratada numa unidade sanitária condigna, com preferência para os distritos de Monapo e de Nacala-Porto.

Momade Abdulala Joaquim, natural da Ilha de Moçambique, referiu que não percebe a razão da existência do município local porque este não consegue resolver os problemas básicos dos munícipes, tais como a falta de sanitários nas vias públicas e em algumas residências. "O hospi-

tal não passa de um ruína. Tivemos informação de que foi vendido e no seu lugar seria construído um novo. Passam mais de dois anos, nem água vem nem água vai".

Margarida António, que também reside naquele lugar, refere que a situação em que a Ilha se encontra não justifica que tenha sido a primeira capital do país. "Não há universidade pública, privada, nem escola de formação técnico-profissional".

Texto: Nelson Miguel



Mamparra
of the week

ARÃO NHANCALE

O Mamparra desta semana é atribuído pela primeira vez, por distinção, ao edil do município da Matola, o senhor Arão Nhancale.

Sem a dimensão da cultura de Estado de Direito e Democrático, o mamparra desta semana, anfitrião do Fórum Empresarial da Matola, solicitou a retirada, da sala que acolhia o evento, do seu homólogo, Manuel de Araújo, presidente do município de Quelimane, alegadamente (como reporta a Imprensa esta semana, inclusive relatos de amigos do @Verdade que lá estiveram) por a sua presença criar "embaraços ao mais alto nível".

"Mais alto nível" aqui refere-se à chefia do seu partido, e logicamente dos seus líderes, os senhores Armando Emílio Guebuza e Filipe Paúnde. Terão sido eles que, ao tomarem conhecimento da presença de Manuel de Araújo, ligaram ao Arão Nhancale e ordenaram que colocasse o edil de Quelimane na rua?

Será que Nhancale não sabe que, antes de Manuel de Araújo ser edil por um partido no qual não milita, é um cidadão moçambicano com direitos iguais como qualquer moçambicano?

No supramencionado evento, desfilaram figuras do cenário político nacional e internacional, inclusive de um presidente de um dos municípios da vizinha África do Sul que, naturalmente, ao tomar conhecimento deverá ter ficado espantado e chocado com tamanha, bestial e inigualável mamparrice.

Na África do Sul, de onde veio o convidado àquele fórum, o Congresso Nacional Africano (ANC), partido no poder desde o fim do regime do Apartheid, não governa em todos os municípios, mas a convivência entre os edis e a oposição é sã, algo que o mamparra do Nhancale deve não saber, talvez por não ter tempo de ler jornais, ouvir ou ver noticiários.

Pode dar-se o caso de Nhancale estar tão atarefado em resolver as cargas métricas de problemas que afectam os nossos concidadãos daquele município, que não militam todos no partido de que ele é membro!

Arão Nhancale, no referido encontro, segundo as declarações de Manuel de Araújo, chamou-o para uma sala para, em privado, apelar para que aquele saísse daquele lugar devido ao tal embaraço ao "mais alto nível" que ele estava a causar, pedido ao qual ele não acatou pois como moçambicano, cidadão, ele inscrevera-se para participar num encontro de interesse público.

Porque a mamparrice já estava feita e as medalhas da consagração já lhe assentavam no fato da arrogância e da estupidez, Nhancale ganhou desta forma o prémio por merecida distinção. Se lhe sobrar o mínimo de coragem, deve dizer "ao mais alto nível" que "meti os pés pelas mãos"!

E na hora da consagração popular, Arão Nhancale deveria voltar a vestir o fato da arrogância soberba e exibir as medalhas da mamparrice para que os moçambicanos, no caso particular dos matolenses, registem esse momento.

Este tipo de mentalidade, tacanha e mesquinha, merece ser deitada e queimada no lixo da história da nossa jovem democracia para que os meninos de hoje saibam cantar o futuro de moçambicanidade, sem discriminação partidária!

Abaixo os mamparras!

Mamparra, mamparra e mamparra.

Até para a semana.

Cidadania

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade Celebra-se, esta terça-feira (16), o Dia Mundial da Alimentação numa altura em que os distritos das regiões sul e centro de Moçambique estão em alerta porque enfrentam fome. Os Agregados Familiares já não conseguem garantir pelo menos duas refeições por dia. Consequentemente, 45 por cento de crianças sofrem de desnutrição.



Nene Guilherme Cumbe é pena há 20 horas



Abubacar Abdul Latif Estamos em África onde tudo é possível e o impossível não existe. há 20 horas



Ibraimo Teleha Chabite Gasta-se tanto dinheiro por coisas futeis e a população e k paga por isso. há 20 horas · Gosto · 1



Bruno Hitrick Roshan Em vez de mandarem vir ñ sei quantos Mercedes. Custa

ajudar as populações? há 18 horas



Ana F. Silva E nós? que ainda nos damos ao luxo de selecionar a marca da água que bebemos!!! há 17 horas



Osvaldo Matavel Esta imagem é ilucidativa sobre a verdadeira dimensão da pobreza dos Moçambicanos que o "inacesso" a coisas concretas digo coisas de comer, beber, cobrir, abrigo. Pelo que devem os politicos despirem-se de preconceitos, deixarem de falar de algo abstra... mais há 13 horas

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade Todos os dias, pela manhã, Joana Pedro e as suas duas filhas têm de percorrer pelo menos dois quilómetros a pé até ao rio Licungo, o único que fornece o precioso líquido a quase toda a população de Mocuba, na província da Zambézia, para obter água para o consumo, e não só.



Emilio Uamusse É uma situação crítica é da responsabilidade das entidades competentes resolver o mais cedo possível rumo ao desenvolvimento da nossa pérola do indico. Segunda-feira às 7:19 · Gosto · 3



Cristina Maria Água encanada já pra a população, é um sofrimento não só para as mulheres e sim pra todos, cansa e é falta de respito para com as pessoas Segunda-feira às 7:23 · Gosto · 1



Joaquim Joao Correia mas todos os dias os chefoes andam de BENZ e nao se preocupam com esta situacao... Segunda-feira às 7:24



Filodio Conrado e' triste, sempre respeitei rios por causa dos crocodilos, o governo gasta mto dinheiro

por causa d alguns eventos desnecessario custa ajudar exa populaxao? Segunda-feira às 7:25



Narciso A. Machava Uma triste realidade nossa! Mas que fazer!? Um sofrimento exclusivamente "MADE IN MOZ" patrocinado pelo Governo. Segunda-feira às 7:27 · Gosto · 1



goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade O Presidente do Conselho Municipal da cidade Manica, Moguen Materisso Candieiro, confirmou o encerramento da Rádio Comunitária de Macequece, propriedade da Associação de Comunitária Macequece de Manica, alegando que é ordem da maioria dos l... Ver mais



Belton Sonhador Ta a piorar a pobreza no país Domingo às 22:49 · Gosto



Ortega Lourenco Mabasso Mabasso Hehehehehehehe kakakakakakaka Nda tsakatica Domingo às 23:01



Ruben Luis Conhaque Epa nao sabemos qual era a linhagem da tal radio em termos d conteudo Domingo às 23:15



Hobety Luys Upa é lamentavel pa os Manikenses se xta radio for a unica no Distrito elex pdrao ficar akilo ki era o intertenimento local. Segunda-feira às 2:25



Taurino Mazonda És uma coisa bune trxte Segunda-feira às 6:45



Osvaldo Francisco Eles nao soberam aproveitar em

quase todas provincias tem radios comunitarios para fazer chegar noticia local cm todos os detarios mais eles usam cmo palco de lutas isso é muito triste Segunda-feira às 7:01



Saul Malungate A cidade de Manica ta cada vez mais a se isolar em termos de informações. Já nao existe sinal da TVM há muito tempo agora já é rádio Macequece? Que pena. Segunda-feira às 7:09



Zito Tomas É o resultso do de governantes ignorantes "burros" Segunda-feira às 18:27



Tomas Pedro Carvalho Um pouco suspeito esse encerramento Segunda-feira às 21:33

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade Nem a chuva, em Maputo, afasta os nossos leitores

105 pessoas gostam disto.



Paulo Ckasquett Chaucka Ha ha gamei. 13/10 às 8:58



Chila Angela Sim sim 13/10 às 9:01



seja. 13/10 às 9:45 · Gosto



Brenner Amade hehee ta mao issu 13/10 às 9:02



Elisabeth Micas goxto! 13/10 às 9:05



Vanilton Xavier Fardo Isto é trabalho arduo. trabalhar com a forxa d vontade..parabens @verdade. com 13/10 às 9:06 · Gosto · 1



Celio Magaia Força, é nesse mmento k s dxobre os preguiçosos. 13/10 às 9:08



Joaquim F. Cumbana Gosto muito! 13/10 às 9:26



Joao Bosco H. Luis Yeah é verdade Jornal Verdade e, toda pagina da net que peço servidor diz a "PAGINA SOLICITADA ESTÁ MOLHADA". 13/10 às 9:28



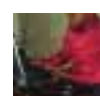
Danilo Laice Mandem xta xuva a zambézia ta um calor de asar passarinhos 13/10 às 9:37



Sozinho Mud Quando o povo quer ter a verdade dos factos nao se intimida com o que quer que



Nercia Joana ... tudo suporta-se em busca da VERDADE. Força VERDADE 13/10 às 10:17



Carlos Rodrigues Simango A verdade... 13/10 às 10:42



Domirro Miqueias Sigauque veracidade + verdade = verdade 13/10 às 11:06



João Fornasini é verdade gostei. 13/10 às 11:34



Ereketai Derera gosto 13/10 às 14:16



Andre Dimas @ verdade saindo pela porta de traz, he he he he... Onde esta abicha habitual? Esta so pod ser de "cavalo" parabens a equipe.! 13/10 às 14:20



Insmontec Segurança Equipamentos Maputo em tempo de chuvas, valente em busca da informação. Segunda-feira às 5:13



Amed Abdul ISSO que e gostar de leitura Segunda-feira às 9:45



Por SMS para 82 11 11



Por twitte para @verdademz



Por email para averdademz@gmail.com



Por mensagem via BlackBerry pin 28B9A117

CIDADÃO Baptista REPORTA

Mais um assalto à mão armada na Namaacha. Desta vez foram as bombas da Total, e, como sempre, os meliantes entraram e saíram a seu bel-prazer da vila, tendo passado pelo posto de controlo sem problemas. Afinal para que serve aquele posto? Quais são as viaturas revistas quando saem da vila em direcção à cidade de Maputo? Quando é que o cidadão comum se vai sentir protegido pela força que está no controlo?

CIDADÃO REPORTA

Acidente de viação na avenida Eduardo Mondlane, zona da Pandora, em Maputo, envolvendo autocarro dos TPM. A mesma embateu num poste e houve dois feridos ligeiros.

CIDADÃO Voz do Povo Moz REPORTA

Na Zambézia, a maioria dos professores contratados este ano terá um dia negro já que não pôde festejar o dia 12 de Outubro, dia consagrado ao professor em Moçambique. Eles estão há nove meses sem receber, ou seja, desde a sua contratação nunca saborearam um tostão dos seus ordenados, estando sujeitos a viver na base de dívidas num sofrimento infernal que o distrito, o dito "Pólo do Desenvolvimento", proporciona, com falta de comunicação e transporte. "Trabalho em péssimas condições e o meu director obrigou-nos a contrair nele um empréstimo de mil meticais para contribuição, negamos porque já temos muitas dívidas e ele prometeu-nos dias difíceis. Quando nos deslocamos à cidade para pedir ajuda aos familiares para comprar alimentos, ao retornar ao trabalho encontramos o livro cheio

de faltas e não aceitam justificar. Sofremos mais no que toca ao transporte e estamos sujeitos a percorrer mais de 50km a pé. A exigência é maior, mas o nosso lado ninguém vê. Já ligámos para todas as instituições do Estado mas nem água vem nem água vai. Sempre dizem que vão resolver a situação no mês seguinte, mas isso não acontece. Tenham pena de nós e pedimos ajuda o mais rápido possível a quem do direito. Socorro!!!". Este é o grito de um dos jovens que decidiram ir ao distrito, uma vez que o Governo lhes tem incentivado nesse sentido. O que mais aflige os jovens é que os órgãos de informação se distanciam deste caso. Paguem aos jovens que saíram de vários pontos do país para fazerem a sua vida!!!

Veja todos reportes em verdade.co.mz/cidadaoreporter/

Ao não anunciar o seu sucessor: Guebuza cometeu o maior erro estratégico da sua vida política

*Continuação do texto que constou da edição passada

• José Pacheco

• **Pontos fortes:** Tem a característica principal dos bons políticos. É bastante frio e calculista e é um verdadeiro cínico. Sabe utilizar muito a confiança política que Guebuza depositou nele;

• **Pontos intermédios:** Ideologicamente ainda não se definiu;

• **Pontos fracos:** Por ser bastante arrogante e prepotente ainda não politicamente maduro; anda sempre às cavalitas do “papai” Guebuza.

• **Apoio e relacionamento com as bases do partido:** As bases toleram-no porque sabem que anda às cavalitas do chefe. Possui um apoio medíocre a nível dos 25%;

• **Apoio e relacionamento relativamente ao Comité Central:** Limitado, a nível de 25%.

• **Apoio e relacionamento com os bastidores das Forças de Defesa e Segurança:** Limitado. Na altura quando ficou com a pasta do Interior não conseguiu equilibrar os interesses corporativos e da população. A sua imagem ficou muito queimada nas hostes dos generais. Tem apoio ao nível dos 25%;

• **Apoio e relacionamento com o Juventude:** Relacionamento mau e apoio quase nulo. Nunca deveria ter tido que os jovens nas manifestações dos dias 1 e 2 de Setembro eram marginais.

• **Apoio e relacionamento com o Povo:** Quase ao nível dos 5% devido à sua postura arrogante política.

• **Apoio e relacionamento com a “quadrilha política”:** Medíocre, a nível de 25% porque há bem pouco tempo, toda a quadrilha descobriu que o menino gosta da “cavalita” de Guebuza.

• **Apoio e relacionamento com o actual presidente da Frelimo:** Total;

• **Apoio e relacionamento com o actual presidente honorário da Frelimo:** Mais ou menos, a nível de 25%;

• **Apoio e relacionamento com os órgãos sociais da Frelimo:** Medíocre, a nível dos 50%;

• **Capacidade de concorrer com o General Dhlakama nas presidenciais:** A limpo vai ser uma nulidade por causa do sentimento de superioridade em relação ao General Dhlakama;

• **Relacionamento com os partidos políticos da oposição:** Politicamente saudável, a nível de 50%;

• **Relacionamento com os *mass media*:** Politicamente medíocre, a nível de 5%;

• **Relacionamento com as confissões religiosas:** Politicamente medíocre a nível de 10%;

• **Relacionamento com as organizações da Sociedade Civil:** Politicamente medíocre, a nível de 10%;

• **Relacionamento com o empresariado nacional:** Politicamente mau, principalmente com os agro-pecuários. Está ao nível de 10%;

• **Relacionamento com os parceiros e instituições internacionais:**

Quase nulo, a nível de 10%;

• **Humilde:** Não é;

• **Bem-humorado:** Quando lhe interessa;

• **Corajoso:** Sim, o quando os seus interesses e os do chefe estão em jogo.

• **Autocontrolado:** Não é, fica descontrolado com pouca marçaroça;

• **Visionário:** Somente ao nível das boladas de terras como aquela com os brasileiros que a Imprensa independente denunciou;

• **Activo:** Somente para o chefe e nunca para o Povo;

• **Justo:** Nem sequer quer aprender a ser justo;

• **Perseverante:** Dependendo dos interesses políticos e empresarias;

• **Politicamente exemplar:** Vai aprendendo a exemplaridade com a facção de Guebuza.

Comentário do cidadão atento:

Pacheco falhou no combate ao crime organizado. Depois e muito mal visto pelos seus camaradas, primeiro, porque foi entregar pessoalmente em directo o *dossier* contra o seus camaradas do partido na PGR e, segundo, porque tem muitas manchas de sangue devido ao massacre de Mocimboa da Praia e Mongicual e as mortes desnecessárias dos dias 1 e 2 de Setembro. Face a todos os factores e indicadores acima descritos, fazendo a sua soma algébrica, verificamos que Pacheco tem um apoio mínimo do Comité Central para ser candidato a suceder a Guebuza mas é quase nulo o apoio da “quadrilha política”, contudo, tem o apoio incondicional de Guebuza e da sua facção mais radical.

Hipóteses de ser candidato: 50 %

• Eduardo Mulémbwe

• **Pontos fortes:** Tem perfil e potencial para agarrar as bases da Frelimo com mais naturalidade do que os outros candidatos e tem muita experiência acumulada como gestor da Casa do Povo.

• **Pontos intermédios:** Bom oportunista político e populista – aproveitou-se do cargo de procurador-geral para ameaçar os corruptos;

• **Pontos fracos:** Não é um candidato natural por excelência;

• **Apoio e relacionamento com as bases do partido:** Acima da média, ao nível de 75%

• **Apoio e relacionamento relativamente ao Comité Central:** Acima da média, ao nível de 75%.

• **Apoio e relacionamento com os bastidores das Forças de Defesa e Segurança:** Relativo apoio e conhecimento devido a menores distâncias tribais, ao nível de 50%.

• **Apoio e relacionamento com o Juventude:** Relacionamento cordial que promete. Tem muitas ligações estratégicas com jovens que não são tidos como da viragem.

• **Apoio e relacionamento com o Povo:** É um candidato que ao longo do tempo pode ser moldado pelo próprio Povo.

• **Apoio e relacionamento com a “quadrilha política”:** Acima da média. Só a quadrilha o pode colocar na corrida. Não sendo um menino que gosta de “colos e biberões” está ao nível de 75%.

• **Apoio e relacionamento com o actual presidente da Frelimo:** Quase nulo. Está ao nível 0%.

• **Apoio e relacionamento com o actual presidente honorário da Frelimo:** Total, aliás Chissano foi sempre considerado o “pai” político de Mulémbwe. Apoio e relacionamento ao nível de 99%;

• **Apoio e relacionamento com os órgãos sociais da Frelimo:** Acima da média. A sua manutenção na Comissão Política assim o demonstra;

• **Capacidade de concorrer com o General Dhlakama nas presidenciais:** A limpo vai ser uma disputa muito interessante. Mulémbwe, se perder, é capaz de aceitar a derrota sem nenhuns problemas de inferioridade política.

• **Relacionamento com os partidos políticos da oposição:** Politicamente saudável, a nível de 50%;

• **Relacionamento com os *mass media*:** Acima da média e politicamente bom, sobretudo com os media privados.

• **Relacionamento com as confissões religiosas:** Politicamente saudável. Tem ligações já bem cimentadas com a poderosa igreja católica;

• **Relacionamento com as organizações da Sociedade Civil:** Politicamente saudável, a nível de 50%;

• **Relacionamento com o empresariado nacional:** Politicamente reduzido, não se conhece um Mulémbwe empresarial. Está ao nível de 25%;

• **Relacionamento com os parceiros e instituições internacionais:**

Razoável e com perspectiva;

• **Humilde:** Já aprendeu a ser;

• **Bem-humorado:** Quando lhe interessa;

• **Corajoso:** O suficiente para ser candidato;

• **Autocontrolado:** Dentro dos seus limites pessoais e políticos;

• **Visionário:** Ainda não se viu nada, mas com ajuda da sua futura equipa pode fazer a diferença;

• **Activo:** Bastante;

• **Justo:** Está a aprender a ser justo;

• **Perseverante:** Principalmente quando sabe o que quer;

• **Politicamente exemplar:** Vai aprendendo a exemplaridade com os seus erros.

Comentário do cidadão atento:

Mulémbwe cometeu alguns erros por ingenuidade política ou por ter sido induzido ao erro pelos seus mais próximos camaradas. Teve uma grande oportunidade de ficar para sempre ao lado do Povo na resolução do *dossier* “Madgermanes” mas prometeu e não fez absolutamente nada, inclusive até levou meio golpe de Estado pelos mesmos. No entanto pode recuperar esses “erros de palmatória”. Tudo só depende dos jogos dos bastidores. É certo que ganhou muito ímpeto relativamente aos outros concorrentes, mas como na Frelimo nada é transparente, pode ser que a facção de Guebuza o esteja a levar para a sepultura política de uma forma mais diplomática. A quadrilha política vai ter que ser decisiva no seu caso.

Hipóteses de ser candidato: 75 %

• Aires Ali

• **Pontos fortes:** E o único de todos os candidatos que tem o Estado na cabeça. Começou a liderar as instituições do Estado desde a base ate ao topo. Uma mais-valia que pode fazer a diferença;

• **Pontos intermédios:** É um autêntico gás político;

• **Pontos fracos:** Demora muito a reagir a situações que o podem prejudicar;

• **Apoio e relacionamento com as bases do partido:** Razoável, que serve para se candidatar;

• **Apoio e relacionamento relativamente ao Comité Central:** Limitado, a nível de 50%;

• **Apoio e relacionamento com os bastidores das Forças de Defesa e Segurança:** Saudável, a sua calma e diplomacia silenciosa neste campo podem-lhe ser muito úteis. Tem os seus aliados estratégicos;

• **Apoio e relacionamento com o Juventude:** Saudável. Várias vezes reuniu-se com a juventude, agora é preciso que não seja só a juventude da viragem;

• **Apoio e relacionamento com o Povo:** É muitas vezes comparado com Chissano por causa da calma e do modo pensativo de falar;

• **Apoio e relacionamento com a “quadrilha política”:** Acima da média. Só a quadrilha o pode colocar na corrida. Parecendo que não, não é o menino que Guebuza leva ao colo e dá leite de biberão;

• **Apoio e relacionamento com o actual presidente da Frelimo:** Acima da média, comparativamente aos outros;

• **Apoio e relacionamento com o actual presidente honorário da Frelimo:** Também acima da média. Foi Chissano que o resgatou depois da confusão que teve no seu antigo ministério;

• **Apoio e relacionamento com os órgãos sociais da Frelimo:** Saudável. A sua manutenção no Comité Central assim o demonstra;

• **Capacidade de concorrer com o General Dhlakama nas presidenciais:** Tendo aberturas políticas muito diferentes, a concorrência vai ser muito disputada. Ali não tem manchas de sangue no seu casaco e gravata;

• **Relacionamento com os partidos políticos da oposição:** Politicamente saudável, a nível de 50%;

• **Relacionamento com os *mass media*:** Ultimamente está a ser muito queimado evidentemente por causa dos lobbies por debaixo do tapete, mas o relacionamento continua saudável;

• **Relacionamento com as confissões religiosas:** Muito bom, talvez seja o único candidato que navega muito bem em todas as latitudes religiosas;

• **Relacionamento com as organizações da Sociedade Civil:** Politicamente saudável, a nível de 50%;

• **Relacionamento com o empresariado nacional:** Muito bom. Está ao nível de 75%;

• **Relacionamento com os parceiros e instituições internacionais:** Acima da média e com muita perspectiva para o futuro;

• **Humilde:** Já aprendeu a ser;

• **Bem-humorado:** Sempre com um sorriso na boca;

• **Corajoso:** Se não fosse não aceitaria ser primeiro-ministro. Bem ou mal, sabia que o cargo lhe oferecia esta oportunidade;

• **Autocontrolado:** Bastante, quer a nível pessoal, quer a nível político;

• **Visionário:** Tem a sua visão para o país e está bem guardada;

• **Activo:** Bastante;

• **Justo:** Está a aprender a ser justo;

• **Perseverante:** Para chegar aonde chegou é porque é perseverante;

• **Politicamente exemplar:** Vai aprendendo a exemplaridade com os seus erros.

Comentário do cidadão atento:

Aires Ali foi vítima do sistema partidário no congresso de Pemba. Se foi usado como candidato lebre por Guebuza, isso ainda não sabemos. De todos eles é o único que se enquadra na filosofia tradicional da Frelimo – pode ser a grande surpresa da quadrilha política. Politicamente, no seu partido ficou beliscado no congresso por não ter passado para a Comissão Política mas isso não é a condição de afastamento explícito. Neste aspecto tanto Chissano como Guebuza têm um papel crucial e cirúrgico já que Ali é o único candidato que faz a ponte entre os dois sem nenhum tipo de constrangimento e compromisso. O seu carácter e posicionamento político assim o determinam. Ainda está na corrida, porém tudo dependerá de factores subjacentes à governação.

Hipóteses de ser candidato: 75 %

Cidadão Atento

*Esta carta foi escrita antes da remodelação do Governo

Democracia

“É difícil formatar alguém que passou pela AJUDE”

@Verdade foi falar com Paulo Araújo, director da Associação Juvenil para o Desenvolvimento do Voluntariado em Moçambique (AJUDE). Araújo reivindica ganhos na reconstrução do país e dissipa algumas dúvidas em relação à participação da organização no meio político. Diz, por exemplo, que a AJUDE é uma coisa e a política partidária outra. Portanto, qualquer informação que coloque as duas coisas na mesma panela “é um boato”.

Texto & Foto: Rui Lamarques

(@Verdade) – Qual é a missão da AJUDE?

(Paulo Araújo) – AJUDE é Associação Juvenil para o Desenvolvimento do Voluntariado em Moçambique. É uma organização de jovens que no próximo ano completa 20 anos de actividade. Portanto, foi fundada em '93 por um grupo de estudantes do ensino superior e que decidiu que devia fazer algo em prol do país depois da guerra civil que terminou um ano antes. A AJUDE foi fundada, principalmente, para promover a reconciliação entre os moçambicanos.

As primeiras actividades foram realizadas para promover o intercâmbio dentro de Moçambique. Ou seja, levar jovens de um ponto do país para outro para desenvolver coisas concretas como a reconstrução de uma escola ou a reabilitação de um posto de saúde. Ao mesmo tempo promover a reconciliação e a paz entre os moçambicanos.

(@V) – Quais foram os resultados desse trabalho?

(PA) – Isso resultou na construção de escolas, embora feitas com material local. Ainda assim, foi algo significativo porque naquela altura registava-se uma grande escassez de estabelecimentos de ensino. Houve escolas que construímos com chapas de zinco, caniço e estacas em locais como Magude, Xinavane, Ilha de Moçambique, etc. Por esse país todo desenvolvemos muitos programas de intercâmbio. Portanto, temos resultados concretos em termos de infra-estruturas e também promovemos a paz e a reconciliação. As pessoas da Zambézia, Nampula vinham para um programa de duas ou três semanas no sul de Moçambique e tinham de viver e trabalhar com pessoas de outros pontos. Ou seja, para além da construção de uma escola, trocavam experiências e aprendiam a conviver umas com as outras. Nesse aspecto fizemos a nossa parte na reconciliação pós-guerra que era um dos objectivos do país.

(@V) – A construção de estabelecimentos de ensino é, em grande medida, responsabilidade do Estado. A AJUDE teve algum apoio do Governo para o efeito?

(PA) – Não em termos monetários. Nós trabalhamos com o auxílio das estruturas locais. Por exemplo, se nos prediséssemos a construir uma escola em Magude ou Xinavane falávamos com as estruturas locais para indicarem o espaço e solicitarem o apoio das comunidades no corte do caniço. Porém, os fundos para a compra das chapas de zinco vinham dos parceiros estrangeiros que procurávamos. Sempre tivemos de combinar essas duas partes.

(@V) – Nos dias que correm, a AJUDE deixou de construir escolas. Que trabalho desenvolve?

(PA) – Nos últimos anos as dinâmicas mudaram e nós



tivemos de nos adaptar à realidade actual e mudámos o nosso foco. Agora estamos virados para os programas de intercâmbio a médio e longo prazo. Para nós médio são seis meses e longo prazo um ano. Ou seja, criamos oportunidades para jovens que terminam o ensino médio, antes de ingressarem para o superior, de terem uma experiência com a realidade de um outro país. O que é um oportunidade para que conheçam o que são, mas também outras realidades, de tal modo que passam a ser jovens com referências para poderem criticar aquilo que é o statu quo do país.

(@V) – Nesta perspectiva, quantos jovens é que a AJUDE já levou para fora do país?

(PA) – Os programas de intercâmbio de médio e longo prazo estão a ser implementados pela AJUDE desde 2002. Enviámos 40 jovens por ano para fora do país desde que o programa começou. Para países europeus e para o Canadá, especificamente. No mesmo período recebemos o mesmo número de voluntários estrangeiros em Moçambique. Portanto, se fizermos uma conta rápida desde 2002 até hoje (já passam 10 anos) na ordem de 40x10 já podes imaginar quantas pessoas saíram. Aproximadamente 400 jovens já participaram no programa de intercâmbio e que mudaram a sua maneira de ser e estar, sobretudo de encarar o mundo e a vida porque estiveram expostos a outras realidades.

(@V) – Que trabalho estes voluntários fazem nas comunidades onde são inseridos?

(PA) – Isso depende do foco. Por exemplo, em cada cinco anos nós escolhemos um tema porque os nossos programas são financiados por outros. Ou seja, o programa com o Canadá é financiado pelo Governo canadense e eles têm uns temas específicos em que apoiam certas iniciativas. E nós como uma instituição parceira deles tivemos de identificar áreas que fossem de acordo com aquilo que são os padrões de financiamento deste Governo. Nós escolhemos a área de saúde e de saneamento do meio como espaços para nós trabalharmos. Nesse sentido identificamos pessoas e organizações em Moçambique que estão a trabalhar na área da saúde e também na de saneamento do meio. Com estas instituições nós criamos parcerias e os nossos voluntários quando estão no programa de intercâmbio trabalham nessas instituições e aprendem matérias ligadas ao HIV, fazem sensibilização e ao mesmo tempo trazem para as comunidades novas formas de cuidar do seu meio ambiente na componente da gestão e reciclagem do lixo. Os nossos voluntários, quando estão em Inhames, vivem nos bairros periféricos onde há problemas graves de saneamento. Os que vêm de fora ajudam a encontrar técnicas baratas de tratamento de resíduos sólidos, e fáceis de manusear por qualquer um.

(@V) – Nestes 20 anos em quantos províncias é que a AJUDE se encontra?

(PA) – Estamos consolidados em cinco províncias. Temos o escritório nacional em Maputo e temos um escritório em Nampula, Niassa e na Zambézia. Por outro lado, temos pontos focais em Inhambane, Sofala, Manica e Cabo Delgado.

“Tivemos dificuldades em entender o que estava a acontecer”

(@V) – A AJUDE tem 20 anos, mas como é que só agora é que conseguiu publicar os seus estatutos no Boletim da República? Como é que justifica?

(PA) – De facto, tivemos dificuldades em entender o que estava a acontecer, porque o registo de uma instituição como a nossa foi feita pelo Ministério da Justiça em '97, mas a publicação no BR só conseguimos este ano. Sempre houve dificuldades que não conseguimos compreender. Primeiro eram questões financeiras porque os valores para a publicação no BR eram exorbitantes. Como sabes, para se publicar no BR o cálculo dos custos é feito em função das palavras e nem todas organizações têm capacidade para pagar um estatuto de cinco ou sete páginas. Porém, para o nosso caso concreto, não foi nessa ordem. Há alguns anos já tínhamos o valor e iniciámos o processo, mas este desapareceu na Imprensa Nacional. Tivemos de recorrer ao Ministério da Juventude e Desportos para ver se agilizavam o processo, mas algo estranho estava a acontecer que não entendemos. O processo desapareceu novamente. Ora estava com a directora y, ora x, ora z e ninguém queria dar a confirmação de que o processo estava a andar. A última situação que ocorreu é que tínhamos pago, mas ninguém queria dar o recibo para confirmarmos que efectuámos o pagamento. Isso criou-nos algum transtorno, uma vez que para a emissão de vistos dos voluntários por parte da “Migração” eles pedem o BR. Alguns doadores, para darem alguns fundos, querem documentos para confirmar que nós existimos. Tudo isso teve implicações no trabalho da nossa instituição, mas finalmente este ano conseguimos e a publicação foi feita no BR há dois meses.

(@V) – No vosso entender este constrangimento que se criou em torno da publicação dos Estatutos visava dificultar o trabalho da AJUDE?

(PA) – É difícil dizer. Pode ser que sim, pode ser que não. Tendo em conta que nunca tivemos nenhum apoio do Ministério da Juventude e Desportos, nem do Governo nas nossas actividades e também nos distanciamos de certos programas que nós acreditamos que são estranhos aos estatutos da nossa instituição. Portanto, pode ser que haja pessoas que não queriam facilitar a vida da AJUDE. Tudo é possível, mas é mera especulação porque não temos como provar.

Democracia

Desafios

(@V) – Que dificuldades enfrenta a AJUDE?

(PA) – Para nós a questão fundamental é ser difícil compreender porque um programa como o nosso é financiado por um Governo de um outro país. Os benefícios do programa são tanto para o lado moçambicano como para o canadense, mas o nosso Governo não apoia iniciativas como esta. Se forem a ver, os canadenses para além de financiarem o programa de intercâmbio onde estão jovens do seu país, também apoiam programas de intercâmbio entre Moçambique e África do Sul e Moçambique e Tanzânia. O que nós chamamos de cooperação Sul/Sul. Isso mostra que eles estão cientes da importância da transformação que ocorre nos jovens que participam no programa e dos benefícios do mesmo. Este tipo de iniciativas devia ser acarinhado pelo Governo e é possível. Até porque o valor envolvido não é elevado.

(@V) – Isso não seria oneroso para o Governo?

(PA) – Não são muito caros. Se formos a ver os benefícios a longo prazo eu acho que são investimentos que vale a pena fazer. Vou dar um exemplo: o Governo alemão, há quatro anos, iniciou um programa em que enviam 10 mil jovens daquele Estado para países em desenvolvimento. Eles pagam tudo para estes jovens ficarem um ano em programas de intercâmbio. Esses jovens saem do país e vão ganhar uma nova experiência antes de ingressarem na universidade. Ou seja, transformam-se em cidadãos diferentes e com outro conhecimento do mundo. Os canadenses fazem esse programa há 40 anos. Há pessoas no Parlamento e no Senado. Eles têm conhecimento das potencialidades destes programas.

(@V) – Onde é que vão buscar voluntários?

(PA) – Os nossos voluntários são recrutados em todo o país. Os nossos escritórios servem de centros de recrutamento. Para além de as pessoas que pretendem participar no nosso programa recorrerem à nossa página web, ao facebook ou jornais, nós temos candidatos de todas províncias. Todo mundo participa.

(@V) – Sofreram a resistência dos encarregados de educação no início do processo. Como é que contornaram tal situação?

(PA) – Isso é verdade. Houve uma altura em que tivemos dificuldades em ter voluntários para o nosso programa porque alguns pais pensavam que nós éramos uma agência de tráfico de seres humanos. Não acreditavam que uma organização de jovens pudesse promover programas de intercâmbio para fora

do país. Alguns pais tiveram de vir aos nossos escritórios e, tendo em conta a localização dos mesmos, ficavam ainda mais desconfiados das nossas actividades. Mas depois de explicarmos a natureza da nossa organização eles ficaram mais descansados. Ficaram a saber que mesmo o Ministério da Juventude e Desportos conhecia a nossa organização e o Ministério dos Negócios Estrangeiros também. Por aí tivemos alguma dificuldade. Mas agora com as tecnologias de informação não estamos tão dependentes de um jornal onde temos de pagar para divulgar as nossas informações.

(@V) – Aqui nunca pagaram?

(PA) – Mas o jornal @Verdade existe há quantos anos? Nós existimos há muito tempo e temos feito programas desde 2002. Não era fácil colocar anúncios nos outros jornais porque era muito caro. Cobravam-nos valores que não tínhamos capacidade de pagar. No jornal @Verdade publicamos. Aliás, os programas que estão a decorrer este ano foram publicados no jornal @Verdade e no twitter e facebook. Eu acho que por esta via alguma informação sobre a AJUDE passou. Acho que o nome da AJUDE passou a ser conhecido depois de a mesma ter sido seleccionada para participar no Fórum Africano com o Presidente Obama. Depois daquele evento todo mundo foi procurar saber o que é a AJUDE porque viram que apenas três pessoas de Moçambique estiveram naquele evento. Isto fez com que muitas pessoas comessem a procurar saber quem são essas pessoas e de que organizações vinham. A partir daí a AJUDE passou a ser conhecida e aparecer nos jornais.

(@V) – Como é que justifica que a AJUDE tenha reconhecimento além-fronteiras e não dentro do país?

(PA) – Essa é uma pergunta que ia fazer a si como moçambicano. Porque é que não conhece a AJUDE? Mesmo aqui no jornal @Verdade talvez duas ou três pessoas conheçam a AJUDE, mas grande parte não sabe o que é. Mas é a realidade que estamos a viver. Pela experiência que eu tenho de trabalhar com o associativismo há mais de 10 anos é que “se queres aparecer tens de pagar”. Há muitas organizações que conseguiram pagar para aparecer nos jornais embora não tivessem nada a fazer. Não tinham trabalhos e nem faziam nada. Pagavam para dizer que estavam a fazer isto e mais aquilo e os jornais ficavam estampados de informação que na realidade não encontras no terreno. Nós não fazemos isso e o tipo de trabalho que fazemos é reconhecido por pessoas de fora e fica registado. Por isso é mais fácil falar de AJUDE fora do país do que aqui em Moçambique onde divulgam informação de interesse público de forma selectiva.

(@V) – Em Moçambique? Porque as actividades da AJUDE não são reportadas?

(PA) – Nós reportamos. Temos os nossos relatórios dessas actividades e nos sítios onde trabalhamos existem televisões, rádios e jornais. Todos sabem o que estamos a fazer, coincidentemente temos muitos amigos que trabalham nos órgãos de informação e que sabem do trabalho que desempenhamos. Eles podiam escrever ou referenciar o que está a acontecer. Quando estamos em Inhambane, durante três meses, trabalhamos com o Conselho Municipal e outras organizações ligadas ao meio ambiente e orfanatos. Neste momento estamos a apoiar um orfanato com o valor de 16 mil dólares para renovar todo o equipamento do berçário. Os órgãos que lá estão não divulgam. Nós achamos que esse trabalho não vende e por isso não é divulgado. Não há ninguém interessado em divulgar, a não ser que a gente pague, porque o trabalho está lá e fala por si.

(@V) – A AJUDE tem um oficial de comunicação?

(PA) – Não temos nenhum oficial de comunicação porque para nós implicaria ter uma pessoa especializada em fazer tal trabalho. Lembre-se de que no princípio eu disse que gostaríamos de ter pessoas especializadas em certas áreas, mas infelizmente numa organização como a nossa é difícil porque quando tentas recrutar um profissional eles acreditam que a AJUDE está em condições de pagar um valor que não temos, sobretudo pelo facto de trabalharmos com estrangeiros, querem que pague-mos muito dinheiro. Quando recebem as nossas propostas salariais viram as costas. Isso pode ser um das fraquezas, mas não é isso que impede que as informações sejam divulgadas.

(@V) – Outras fraquezas?

(PA) – O facto de não termos actividades de geração de rendas constitui uma fraqueza. Nós estamos totalmente dependentes dos doadores que são os nossos parceiros principais. Outra fraqueza é não conseguir encontrar recursos humanos que queiram trabalhar nas condições que nós podemos oferecer. Nós precisaríamos de um oficial de comunicação e imagem e de alguém para ir atrás de potenciais doadores. Por causa disso o nosso staff é muito dependente dos projectos. Por isso todo pessoal assalariado que temos trabalha com contratos por tempo determinado. Ou seja, estes dependem dos programas. Isso é uma fraqueza para uma organização como a nossa pela mobilidade de pessoas. Ter novas pessoas implica estar sempre a ensinar as mesmas coisas.

Vitórias

(@V) – Nestes 20 anos quais foram as vitórias da AJUDE?

(PA) – Se formos a regressar ao ano em que a AJUDE nasceu, deparamos com muitas organizações juvenis, mas que, volvidos cinco anos, desapareceram simplesmente. As que existem agora talvez não tenham cinco anos de vida. A nossa é uma das poucas que conseguiu resistir 20 anos, porque nós conseguimos manter a nossa linha estatutária e criar redes de contacto internacional que nos possibilitam manter a nossa instituição funcional sem depender de um único parceiro ou doador específico. Portanto, se um parceiro deixa de apoiar nós conseguimos arrancar com outros programas e parceiros. Isso é algo que não foi possível para muitas organizações. O facto de termos resistido 20 anos é um grande ganho. Conseguimos ter escritórios próprios. Acreditamos que conseguimos transformar um grande número de jovens em pessoas críticas.

A diferença de empregabilidade dos jovens que participam no nosso programa com aqueles que não estão é muito grande. Os nossos voluntários quando regressam do programa têm muito maiores possibilidades de ingressar no mercado do trabalho do que aqueles que não participaram. Os nossos voltam com habilidades de liderança, linguísticas e de adaptação a meios multiculturais. Portanto, facilmente alguém que tem um currículo com esses requisitos tem muito mais hipóteses de ser contratado para um emprego do que um que só tem um diploma da escola.

(@V) – Ir ao Canadá representa um choque muito grande. Trata-se de sair de um país subdesenvolvido para o chamado primeiro mundo. Já tiveram jovens que não queriam regressar?

(PA) – Sim. É um choque cultural, mas eles passam por um processo de preparação. Todos que participam no programa passam por uma orientação pré-partida para se explicar o tipo de ambiente que vão encontrar. Usamos exemplos de pessoas que já estiveram nos mesmos programas para darem o testemunho do que os outros podem encontrar. Talvez psicologicamente eles possam estar preparados, mas a realidade pode ser diferente, ainda que não seja de todo nova. Porém, felizmente desde que iniciámos o programa já vão quase 10 anos e os choques não foram motivo para as pessoas ficarem no Canadá ou desistirem do programa. Mas foram motivo para alguns ficarem meio deprimidos quando participam em algumas actividades dentro do programa, mas isso por causa da temperatura e o tipo de comida que é diferente daquilo a que estavam acostumados.

(@V) – Antes os programas começavam no Canadá e de há uns tempos para cá arrancam em Moçambique. Porquê?

(PA) – Nos primeiros cinco anos do programa tínhamos a fase canadense como a inicial, mas a experiência mostrou-nos que depois dos três meses que passavam no Canadá era muito difícil manter os moçambicanos no programa. Quando fosse a vez dos três meses em Moçambique eram os nossos voluntários que se confrontavam com dificuldades de adaptação no seu próprio país. Apesar de serem moçambicanos, depois de terem passado três meses no Canadá estavam mais tentados a deixar o programa do que a terminar o mesmo. Ficavam poucos moçambicanos ou apenas os canadenses. Os moçambicanos estavam susceptíveis de abandonar o programa porque depois do Canadá para eles tudo tinha terminado.

Conseguimos trocar a ordem e já vamos para o quarto ano em que temos programas que iniciam em Moçambique e terminam no Canadá. Assim, o nível de desistência diminuiu quase para zero. A mudança trouxe estabilidade.

Posicionamento político da AJUDE

(@V) – Qual é a relação da AJUDE com a política?

(PA) – Como assim?

(@V) – O que se diz é que a AJUDE drenou dinheiro para a campanha de Manuel de Araújo em Quelimane

(PA) – Felizmente a AJUDE conseguiu manter-se separada da política. Feliz ou infelizmente, alguns dos membros fundadores da AJUDE entraram na vida política activa, o que é diferente. Mas eles fazem parte da primeira geração de membros fundado-

res da AJUDE. Mas há membros da AJUDE que estão na Renamo, outros no MDM e alguns na Frelimo. Até na Presidência da República temos membros da AJUDE que trabalharam nos nossos escritórios e que, por uma razão ou outra, vão ficando no silêncio e não vão falar sobre o seu passado. Mas temos as fichas e tudo que testemunham o passado deles. Nos vários ministérios temos pessoas que passaram pela AJUDE e que saíram da UEM, ISRI, etc. Todos esses são políticos passivos que passaram por lá.

(@V) – É um trampolim para a política?

(PA) – Não. Para nós a AJUDE é uma escola na qual se aprendem muitas coisas e as pessoas que passam por ela têm uma capacidade diferente de entender o mundo. É difícil alguém que passou pela AJUDE ser formatado porque já tem outras vivências e compreende o país. Por causa disso, e associado a diversos factores, as pessoas podem ser levadas a pensar que Manuel de Araújo mantém uma ligação e recebe fundos da AJUDE. Não há como tirar dinheiro da AJUDE

porque não existe dinheiro para além dos projectos traçados. Temos as nossas contas bancárias no Standard Bank e eu acredito que todos bancos são monitorados e qualquer organização que recebe transferências de fora do país passa por uma auditoria.

(@V) – Qual é a diferença entre o Paulo Araújo líder da AJUDE e aquele que apoiou o irmão em Quelimane?

(PA) – Eu sou um activista social e estou ligado ao voluntariado desde '99 por influência do meu irmão. Eu não tinha como não

ajudar o meu irmão porque era a primeira vez na história da nossa família que ele se ia candidatar ao município de Quelimane. Eu participei de forma activa na elaboração da estratégia dele e na campanha para ele se tornar naquilo que é hoje. Não foi mais do que isso. Eu não estava interessado em trabalhar no município ou em ser vereador. Se estivesse esse seria o passo a seguir. Para nós isso foi claro desde o início. Não fui apenas eu. Tenho outro irmão que agora está em Londres que também participou activamente. Todos familiares e ami-

gos que acreditavam apoiaram. Eu apoiei como familiar, amigo e cidadão. Não tem nada a ver com a AJUDE.

(@V) – Mas esse apoio não causou más interpretações dentro da AJUDE?

(PA) – É difícil formatar alguém que passou pela AJUDE. Nós tivemos uma vantagem de o nosso escritório ser horizontal, onde todos sabem o que acontece e quais são as responsabilidades. Não havia nenhuma dúvida em relação a esse aspecto. Portanto, isso não passa de boato.

Um jovem da oposição num meio hostil

A polémica está lançada e a espalhar-se. Dividiu os funcionários do Serviço Distrital de Planeamento e Infra-estruturas de Chigubo (SDPI) e chegou à Imprensa. Agnaldo Rui Jo Navalha alerta para a “tirania” da administração, exercida sobre os membros dos partidos da oposição.

Texto: Rui Lamarques • Foto: Miguel Manguenze

Ter um emprego, para um jovem que está a começar a vida é o primeiro passo para garantir alguma estabilidade. Porém, para Agnaldo Rui Jo Navalha o emprego trouxe uma sucessão de dores de cabeça. O problema começou quando assumiu que era membro do Movimento Democrático de Moçambique e recusou “o cartão de membro do partido Frelimo”.

Quando chegou a Dindiza, sede distrital de Chigubo, Navalha foi convidado a fazer parte do partido no poder pelos seus superiores hierárquicos. “Disse-lhes que um jovem com a minha idade, vindo da cidade, só podia ter alguma cor partidária ou nunca mais pertenceria a um partido”.

“Criaram depois uma comissão de verificação liderada pelo administrador. Quando chegaram a tal ponto disse-lhes que era membro do MDM. Nessa conversa afiançaram-me que não sofreria qualquer tipo de perseguição, mas deixaram claro que para prosseguir os meus estudos tinha de me filiar ao partido no poder”.

Navalha sofre descontos frequentes no seu ordenado. Ou seja, sempre que sai do distrito para ir fazer avaliações fá-lo com a consciência de que o seu salário sofrerá cortes substanciais. Os pedidos de dispensa são sempre indeferidos. A desculpa usada pelo SDPI para o efeito é baseada no facto de não lhe terem autorizado a estudar. Algo que, no entender do visado, é feito por causa da sua camisola política.

O teor das notas é sempre o mesmo e o efeito é devastador nas expectativas de um jovem adquirir conhecimento. Ou seja, Navalha vive um dilema: deixar de estudar e auferir o salário na íntegra ou prosseguir os estudos e receber migalhas. Atravessa-lhe uma sensação de impotência quando lê “indefiro, pois o SDPI não tem conhecimento de que o funcionário está a estudar pois não foi autorizado”.

Numa cópia do cheque da SDPI, que @Verdade teve acesso, (por questões de privacidade não vamos publicar) Navalha viu-se privado de um terço do seu salário. A exposição que elaborou questionando tal procedimento não teve resposta.

Tentativa de expulsão

Se Navalha pensava que o objectivo era apenas impedir-lhe de estudar não tardou muito para descobrir que as ambições dos seus superiores hierárquicos visavam a sua expulsão e para tal até a lei seria atropelada.

Não se justifica, por exemplo, que um funcionário do SDPI seja expulso da Função Pública por alegadamente ter injuriado um funcionário de uma escola no recinto desta. O motivo, diz um documento da Escola Secundária Armando Emílio Guebuza, é que a atitude de Navalha constitui uma violação ao regulamento da escola. O texto em questão diz que “é proibida a entrada de pessoas estranhas nas salas de aulas”. O que, no entender da direcção, criou perturbação.

Na verdade, Navalha foi convidado por um professor para assistir a uma aula, uma vez que ambos são estudantes de Geografia no ensino superior.

O chefe de secretaria convidou o jovem a abandonar o recinto da escola e este acatou sem discutir. “Fiquei triste pelo acto, mas abandonei o recinto”.



Alguns dias depois do sucedido, estranhamente, Navalha recebeu uma nota de acusação a qual referia que “de acordo com informação recebida do director da escola (...) quando interpelado pelo senhor Emiliano David Mucavel, chefe de secretaria a fim de perceber aquele movimento estranho proferiu palavras de injúria, tendo-o classificado de analfabeto e vagabundo”.

Na sequência vem escrito que “o senhor Emiliano, para além do documento escrito da direcção da escola (...) teria participado a injúria de que passou ao director do SDPI de Chigubo, na presença do director da Escola Secundária Armando Emílio Guebuza e do Secretário Permanente Distrital quando se encontravam num momento de lazer no complexo turístico Safar em Dindiza”.

Navalha escreveu a sua nota de defesa e referiu que, primeiro, foi ao estabelecimento de ensino na qualidade de cidadão e, segundo, não ofendeu ninguém.

Confissão de Emiliano

Desse modo o esquema para expulsar Navalha do aparelho do Estado estava orquestrado. Porém, a acareação revelou dados novos e colocou Emiliano em maus lençóis. Ou seja, Emiliano contou que foi obrigado a prestar falso testemunho com o objectivo de afastar um membro da oposição do distrito. Assim, Navalha escapou, dessa vez, de uma manobra para o deixar desempregado.

A vida de Emiliano, essa é que mudou radicalmente e agora enfrenta um processo de expulsão por falso testemunho e, pelo andar da carruagem, deixar de ser funcionário público para abraçar o desemprego.

Venceu uma batalha, mas não a guerra

Há quase um ano em Chigubo, Navalha anda com a mobília às costas. Não encontra residência porque as pessoas sofrem ameaças por albergarem alguém de um partido da oposição. Num comício público, há quatro meses, o Secretário Permanente Distrital prometeu incendiar a casa onde ele mora. Tal acto amedrontou a população e, hoje, “ninguém quer colocar a sua situação em risco”.

Outras pessoas também foram vítimas por privarem com Navalha. Os funcionários públicos confirmam grande parte da história de Navalha, mas recusam dar a cara.

Actualmente, Navalha priva com duas pessoas. Os outros fogem dele, qual leproso. Apesar de resistir contra as investidas “de quem manda” o jovem quer abandonar o distrito. Isso tudo porque, ao contrário do que o Presidente da República diz, “neste contexto o distrito não pode ser o pólo de desenvolvimento”

Parem com as barragens no Zambeze

No passado mês de Setembro a posição da Justiça Ambiental (JA) contra a construção de mais barragens no rio Zambeze foi apoiada pelos Amigos da Terra Inglaterra, País de Gales e Irlanda do Norte (EWNl). Este gesto foi demonstrado por 230 grupos de activistas locais, incluindo 100 membros individuais da Grã-Bretanha! Enquanto decorriam em Londres acções de solidariedade contra a construção de Mphanda Nkuwa, nos Estados Unidos, na cidade de S. Francisco, o nosso parceiro, “Internacional Rivers”, lançou um estudo sobre os impactos das mudanças climáticas no Rio Zambeze, que veio fortalecer os argumentos da JA contra não só a barragem de Mphanda Nkuwa, como também contra qualquer outra barragem que possa vir a ser erguida neste rio. O estudo é da autoria do Dr. Richard Beilfuss, um hidrólogo de renome internacional com uma vasta experiência em assuntos relacionados com o Zambeze. O referido estudo, que tem como título “Risco Hidrológico e Grandes Hidroeléctricas na África Austral: Avaliando os Riscos Hidrológicos, Incertezas e as suas Consequências para os Sistemas Dependentes de Energia Hidroeléctrica na Bacia do Rio Zambeze”, traz os possíveis perigos para as propostas de novas barragens no rio Zambeze.

Quando se fala em secas extremas e cheias mais destrutivas criam-se riscos para as barragens existentes, assim como as projectadas porque elas não estão suficientemente preparadas para as mudanças climáticas, e as barragens tornar-se-ão economicamente não viáveis, com desempenhos abaixo do esperado face às secas extremas. Igualmente, podem constituir um perigo pois não estão a ser projectadas para lidar com cheias, cujos efeitos tendem a tornar-se mais nefastos. O rio Zambeze, que é o quarto maior em África, apresenta, segundo o Paine Inter governamental das Mudanças Climáticas, os piores potenciais efeitos das mudanças climáticas, quando comparada com as 11 principais bacias hidrográficas da África Subsaariana, e irá enfrentar uma redução mais substancial de precipitação e de escoamento.

Vários estudos estimam que a precipitação ao longo da Bacia vai diminuir na ordem dos 1015%, sendo o aumento da escassez de água uma grande preocupação para as zonas semiáridas da Bacia do Zambeze. As barragens na Bacia do Zambeze estão a ser planeadas com muito pouca participação pública e atenção aos amplos impactos sociais e ambientais que estes projectos podem acarretar. Entre as várias recomendações, o estudo alerta para uma necessidade de se diversificar os recursos energéticos de modo a reduzir a dependência da energia hídrica que é fundamental para a adaptação às mudanças climáticas nas regiões com escassez de água. O estudo também apela para que os investimentos tenham como objectivo aumentar a resiliência ao clima. “Os modelos climáticos alertam para os impactos das alterações dos padrões de precipitação e de escoamento da bacia na produção de cereais, na disponibilidade de água, e na sobrevivência de espécies. No entanto, as grandes barragens hidroeléctricas ameaçam diminuir, ao invés de aumentar, a resiliência climática, especialmente para a população pobre rural, dando maior prioridade à produção de energia do que ao abastecimento de água, eliminando os picos de inundação naturais que auxiliam a produção alimentar, aumentando deste modo a perda de água por evaporação”. Como recomendação, o Dr. Beilfuss afirma que “os responsáveis pela elaboração do plano de energia e os governos regionais devem reconhecer estes riscos hidrológicos e tomar medidas para melhorar o planeamento e gestão das grandes barragens na Bacia. No mínimo, as barragens existentes e as futuras devem ser submetidas a uma análise profunda em relação aos riscos climáticos.”

Por: Justiça Ambiental

Democracia

Política intrumete-se na comunicação social em Manica

Os ouvintes da Rádio Comunitária Macequece, que opera no distrito de Manica, província com o mesmo nome, desde 2005, ficaram três dias privados de informação devido à intromissão política do edil daquele ponto do país, Moguene Materisso Candieiro, na gestão interna daquela estação emissora. A emissão, interrompida por volta das 15 horas da sexta-feira passada, foi retomada esta segunda-feira, à mesma hora, depois de uma forte intervenção do Fórum Nacional de Rádios Comunitárias (FORCOM).

Texto: **Redacção**

Moguene Candieiro mobilizou para as instalações da Rádio Comunitária Macequece as polícias Municipal e de Protecção e ordenou que elas gradeassem as portas e ficassem de permanência para impedir qualquer tentativa de entrada de alguém, incluindo dos próprios gestores.

O presidente do Município de Manica alegou que estava a satisfazer o desejo da maioria dos líderes comunitários e dos membros fundadores da Rádio Comunitária Macequece, que não concordam com os critérios de gestão. O edil, sem especificar a que critérios se referia, ora contestados, qualificou ainda os voluntários da mesma Rádio de crianças que estão sempre em “guerrinhas”, o que se repercute na ausência de teor educativo nos programas que compõem a grelha informativa.

Ademais, a rádio teria sido encerrada, segundo o autarca, porque não existe comunicação entre ela e o governo local, para além de que o Comité de Gestão eleito unanimemente no dia 26 de Maio deste ano não é reconhecido.

Entretanto, perante a situação, diga-se, que coarctava o direito à informação aos cidadãos e gozo das liberdades de imprensa e de expressão por aquela estação comunitária, o FORCOM dirigiu-se ao terreno para averiguar o caso. A primeira situação com que deparou foi uma mensagem segundo a qual “a Frelimo é que fez, a Frelimo é que faz”, proferida por um líder comunitário do bairro 4º Congresso, Manuel Tomo, por sinal um dos mandatários de Candieiro. Agastada com os pronunciamentos, a equipa do FORCOM tentou colher a reacção do secretário distrital do Partido Frelimo em Manica, David Franklim, para confirmar se as palavras enunciadas por Manuel Tomo traduziam ou não o sentimento e a posição do partido face ao encerramento daquela Rádio ou eram simplesmente de quem as emitiu. Durante os contactos, a administradora do Distrito de Manica, Filomena Meigos Manhiça, ao ser confrontada com o sucedido, disse não estar a par do assunto, pelo que não podia pronunciar-se.

Porém, o comandante distrital da Polícia da República de Moçambique, Anito Machava, confirmou ao FORCOM ter recebido ordens de Moguene Candieiro para enviar às instalações Rádio Comunitária Macequece uma força policial a fim de conter uma suposta manifestação que perigava a ordem no local. O comandante fê-lo sem hesitação, mas deslocou-se ao terreno para se inteirar da informação que acabava de receber.

Mas, para o seu espanto, nenhuma manifestação havia senão a vigilância que os seus homens exerciam nas instalações de um órgão de comunicação social. Segundo o FORCOM, há dois meses quatro jornalistas da emissora em alusão foram detidos em situações não esclarecidas. O facto deu-se um dia antes do decurso de uma assembleia-geral convocada pelo ex-presidente da mesa da assembleia-geral, Simão Tomás Soares. Este “é uma pessoa próxima e amiga do presidente do município e da antiga coordenadora da Rádio afastada por actos de corrupção e má governação”.

Este aspecto, associado à alegada falta de comunicação entre a rádio e o governo local e a outras justificações dadas por Moguene Candieiro, transparece uma disputa de interesses, com tráfico de influências à mistura, na gestão daquele empreendimento de comunicação.

Para o Fórum, o encerramento da Rádio Comunitária de Macequece constituiu um atentado ao direito à informação e, por conseguinte, ao direito do cidadão de se informar e ser informado por todos os meios legais. Esbarra com os princípios da liberdade de expressão, norma internacional e incondicional de Direitos Humanos e com a Liberdade de Imprensa e de Expressão consagrados na Constituição da República, no seu artigo 48º.

Por isso, apela para que “toda a pessoa ou entidade, incluindo o Estado, o Governo e os partidos políticos, se abstenham da prática de actos ou omissões que impeçam o exercício do Direito à Informação e da Liberdade de Imprensa e de Expressão. O direito de acesso à informação é um elemento incontornável para a garantia da consolidação da Paz e da Democracia”.

Reacção dos ouvintes

Alguns ouvintes da Rádio Comunitária Macequece consideram que o fecho daquela estação emissora, por ordem do presidente do Conselho Municipal de Manica, é político e descabido de fundamentos. Os residentes dos bairros de Vumba, Manhati, Chinhampere, incluindo os vendedores do Mercado Central daquela cidade, estão agastados com o facto e contra a decisão política tomada por aquele dirigente. Acusam-no de uso abusivo de poder e exigem dele uma explicação. Eles queixam-se também de estar a pagar taxas de radiodifusão sem no entanto beneficiarem plenamente dos respectivos serviços, pois os sinais de rádio e televisão, incluindo o das públicas TVM e Rádio Moçambique, chegam com má qualidade. Aqueles cidadãos, de acordo com a Rádio Catandica, referem que Moguene Candieiro está a privar o povo de acesso à informação numa situação em que ele e outros ligados ao poder usufruem até de antenas parabólicas para se informar.

A relutância de Moguene Candieiro

A Rádio Comunitária Macequece só retomou as emissões depois de uma forte intervenção do FORCOM, que manteve um encontro com um Conselho de local, no qual Moguene Candieiro tomou parte, e com alguns líderes comunitários e secretários de células. No encontro, o edil de Manica tentou, sem sucesso, manter a rádio fora do ar por mais dias, alegando que um novo Comité de Gestão devia ser criado em substituição do actual que supostamente não reúne competências para liderar os destinos de uma estação emissora que trabalha em prol da comunidade.

Historial da Rádio Comunitária Macequece

A Rádio Comunitária Macequece, propriedade da Associação Comunitária Macequece de Manica (ACOMAM), foi fundada em 2005, no âmbito do Projecto Nacional de Desenvolvimento dos Media, coordenado pelo PNUD e implementado pela UNESCO, com fundos doados pela comunidade internacional. Ela faz parte de oito estações do mesmo género criadas entre 2000 e 2005, nas províncias de Maputo, Inhambane, Sofala, Manica, Zambézia e Niassa, nomeadamente: as rádios comunitárias Voz Coop, da UGC; Rádio ARCO, da Associação ARCO de Homoine; a Rádio Dondo, da Associação do Dondo; Rádio GESOM, em Chimoio; Rádio Monte Thumbine, em Milange, e as rádios comunitárias de Cuamba e Metangula, ambas da província do Niassa. No término do tempo de vida do projecto, em 2006, o PNUD passou os títulos de propriedade às associações gestoras destas estações de rádio, sob a chancela do Governo, representado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação. Dentro do mesmo projecto, este grupo de rádios comunitárias associou-se a outras estações igualmente geridas por associações cívicas e organizações religiosas, denominada Fórum Nacional das Rádios Comunitárias (FORCOM), para constituírem uma plataforma de diálogo, coordenação e cooperação entre si.

Por sua vez, o Fórum afirma-se como um espaço de coordenação e de defesa dos direitos legítimos das rádios associadas, à luz da Constituição da República de Moçambique e das demais legislação relevante.

Publicidade

KPMG
cutting through complexity

KPMG MOÇAMBIQUE

Acima de tudo, agimos com integridade
Above all, we act with integrity

- Lideramos pelo exemplo
We lead by example
- Privilegiamos o trabalho em equipa
We work together
- Respeitamos as características individuais
We respect the individual
- Analisamos os factos antes de formarmos a nossa opinião
We seek facts and provide insight
- Somos transparentes e honestos na comunicação
We are open and honest in our communication
- Dedicamo-nos às nossas comunidades
We are committed to our communities

www.kpmg.co.mz

SEMANA DStv



ESTORIL X FC PORTO

Após uma vitória controversa sobre o Sporting, os líderes deslocam-se a Lisboa para defrontar o Estoril, no que se espera ser uma partida difícil para o Porto.

DIA 28 DE OUTUBRO, 22:15, SIC INTERNACIONAL

A PROGRAMAÇÃO

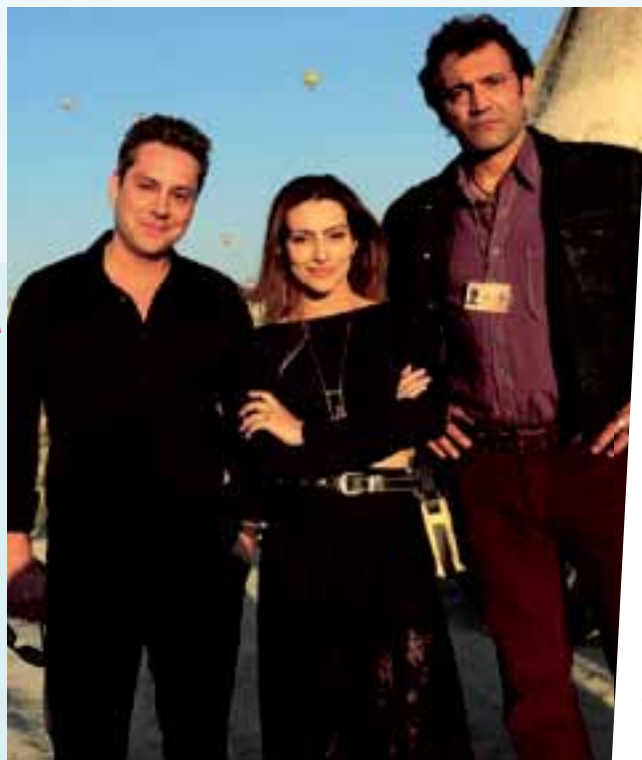
SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Avenida Brasil 23:20 Fantástico DISCOVERY 21:10 Como Fazem Isso: Airbus/Moto-serra 21:35 Como Fazem Isso: Barragem Hidroelétrica 22:05 Trabalho Sujo: Técnico de Parques Eólicos 00:00 Pesca Radical TV RECORD 19:30 Fala Portugal 20:00 Rei Davi 21:00 Balacobaco 22:00 Legendários 23:00 Esporte Record	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Salve Jorge 23:20 Tapas e Beijos 00:00 Gabriela 00:40 Marília Gabriela TV RECORD 20:30 Fala Portugal 21:00 Rei Davi 22:00 Balacobaco 23:00 Receita Pra Dois 00:00 Esporte Record News SS1 MÁXIMO 17:30 Spartak Moscovo x Benfica 18:00 Liga Alemã HL 19:30 Primeiro de Agosto Magazine 20:15 Manchester Utd x Braga	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Salve Jorge 23:20 A Grande Família TVC1 18:50 Ganância 22:05 Doidos Por Mary Ted continua apaixonado pela mesma rapariga desde os tempos de liceu e contrata um detective privado para a localizar. 00:00 Medo Profundo SS1 MÁXIMO 14:20 Real Madrid x Celta de Vigo 18:00 Zenit x Anderlecht 20:15 Porto x Dynamo Kiev 23:00 Borussia Dortmund x Real Madrid	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Salve Jorge 23:20 Som Brasil AXN 20:44 Missing 21:36 Investigação Criminal Os membros da equipa são o objectivo de Paloma Reynosa, que tenta vingar-se de Gibbs. 22:30 À Vista Desarmada 23:26 Os Borgia SS1 MÁXIMO 18:55 Lion x Athletic Bilbao 21:00 Marítimo x Bordeaux 23:05 Liverpool x Anzhi M.	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Salve Jorge 21:55 Globo Repórter SS1 MÁXIMO 06:25 GP da Índia: Treinos 10:25 GP da Índia: Treinos 21:20 Augsburg x Hamburgo FOX LIFE 19:22 As Leis de Kate 20:07 Clínica Privada 20:52 Uma Família Muito Moderna É o aniversário de Phil e ele quer que um novo produto seja lançado ao mesmo tempo. 21:15 Uma Família Muito Moderna	TVC3 20:20 Houdini - O Último Grande Mágico 21:55 Bloodworth Bloodworth é um cantor de música 'country' que regressa à sua cidade natal, para descobrir que a família que deixou para trás está feita em pedaços. 23:30 Dia de Fúria FOX 21:06 American Dad 21:29 Family Guy 21:53 Os Simpson 22:18 Os Simpson SS1 MÁXIMO 10:20 GP da Índia - Qualificação 13:30 Aston Villa x Norwich 15:45 Reading x Fulham 18:15 Manchester City x Sawnsea	SIC INTERNACIONAL 20:00 Quadratura do Círculo 20:45 Alta Definição 21:15 Gosto Disto 22:00 Jornal da Noite 22:15 Liga Portuguesa: Estoril x FC Porto SS1 MÁXIMO 10:00 GP da Índia - Qualificação 11:00 GP da Índia - Corrida 15:15 Everton Liverpool 17:45 Chelsea x Manchester Utd. TVC1 20:05 Conan, O Bárbaro 21:55 Blitz - Sem Remorsos 23:30 Alianças Criminosas

OS DESTAQUES



REI DAVI, DE VOLTA NA TV RECORD!

Inspirada numa das mais lindas e conturbadas passagens da Bíblia, a minissérie Rei Davi é um épico que retrata a vida de um homem polémico, um herói valente e destemido, senhor da guerra, libertador do seu povo e, ao mesmo tempo, um artista generoso, sensível, poeta, músico e amigo de Deus. Uma história de fé e coragem, que mostra como um humilde pastor de ovelhas derrotou o temível gigante Golias e transformou as doze tribos de Israel numa grande nação, forte e respeitada. Também a história de um amor proibido e das suas consequências devastadoras, do qual nasceria um dos maiores reis de todos os tempos. **DE SEGUNDA A SEXTA, 21:00, TV RECORD**



SALVE JORGE ESTREIA

Depois de vários anos a residir nos Estados Unidos, Bianca (Cleo Pires) regressa ao Rio de Janeiro. É nessa altura que ela conhece o vaidoso advogado Stênio (Alexandre Nero) e os dois iniciam um namoro. No auge do romance, Stênio convida Bianca a acompanhá-lo à Turquia. Os olhos deslumbram-se com as paisagens enfeitadas por mesquitas majestosas, cujas cúpulas e minaretes apontam para o céu. Naquele ambiente pulsante, Bianca conhece o guia turístico Zyah (Domingos Montagner) e apaixona-se por ele, um homem rústico e forte. Será Zyah capaz de abandonar algumas tradições em nome do amor?

DE SEGUNDA A SÁBADO, 22:10, TV GLOBO



JAKE E OS PIRATAS DA TERRA DO NUNCA: JAKE SALVA BUCKY

Peter Pan regressa uma vez mais à Terra do Nunca para ajudar Jake e os seus amigos piratas a recuperarem o seu barco Bucky após o terem perdido numa corrida contra o Capitão Gancho e o seu navio, o Jolly Roger.

DIA 27 DE OUTUBRO, 09:45, DISNEY CHANNEL

LIGA DOS CAMPEÕES

Acompanhe esta semana todos os grandes jogos da 3ª jornada da fase de grupos da Liga dos Campeões. Líder do Grupo A com 6 pontos, o FC Porto recebe em casa o Dínamo de Kiev numa partida para a qual os 'Dragões' avançam como favoritos. Já o surpreendente Braga visita o Manchester United com o intuito de causar uma surpresa, no SS1 Máximo.

- Manchester Utd. x Braga, 23 Out., 20:15
- FC Porto x Dínamo de Kiev, 24 Out., 20:15



Pode efectuar o pagamento da sua DStv sem ter de se deslocar a uma loja da MultiChoice?

- Pagamento por ATM da Rede Ponto24 com cartões de débito nacionais de todos os bancos do país
- Pagamento por telemóvel – apenas aplicável para detentores de cartões de débito da rede Ponto24 através do *124#
- Transferência, por internet banking ou depósito directo nas nossas contas do FNB, BCI, Bbim, e Standard Bank*

* Guarde o recibo como prova de pagamento

DStv™

Fome que não nos larga

Poucos cidadãos de Maputo e Matola sabem que o carvão vegetal, que a ele recorrem para preparar as suas refeições, é explorado numa zona onde não há alimentos por cozer nem água para consumo. Indiferentes à sorte dos nativos, animados pelo lucro e insensíveis a questões ambientais, os exploradores de carvão não param de desmatar Chigubo, um distrito a norte de Gaza assolado pela seca. Em muitas localidades não se conhece água potável, ainda que seja possível encontrar nos pequenos charcos que se formam depois de uma chuva rarefeita.

Milhares de cabeças de gabo bovino servem como marcador de prestígio: os donos preferem cavar raízes de árvores para se alimentar a vender um animal.

Texto: Rui Lamarques • Foto: Miguel Manguze

Em pleno campo, na localidade de Zinhane, distrito de Chigubo, numa manhã de Verão que acompanhou a equipa do @Verdade, um charco de água barrenta, inesperado, destoa na paisagem árida que os nossos olhos alcançam. À beira da poça, um grupo de mulheres e crianças aprovisiona água em recipientes de 25 litros. Ao lado, duas dezenas de animais domésticos, entre bois e cabritos, também matam a sede.

Visto de fora, o quadro poderia fazer lembrar as imagens que o Moçambique urbano conhece de países como a Somália. Mas, aqui, a presença de uma equipa que não cruzou nenhuma fronteira não permite pensar que se trata de uma outra nação. Estamos no Moçambique profundo. Apesar de o charco se encontrar em Zinhane, aqui também estão residentes de outras localidades. Há pessoas de Machaila, uma localidade que dista 24 quilómetros.

Há três semanas, nem este charco existia e as pessoas tinham de comprar água de especuladores que a transportavam de outros pontos da província. “Alguns camionistas trazem regularmente água de Mapai e vendem 25 litros por 50 meticais”, conta Celeste, funcionária do único estabelecimento comercial de Machaila. Mapai é um posto administrativo do distrito de Chicualacuala e dista 107 quilómetros de Machaila.



O preço da água é muito caro para os bolsos dos residentes de Machaila, mas quando os especuladores trazem as pessoas lutam para adquirir.

Em Machaila existe um fontenário, mas o líquido que jorra é salgado. Tão salgado como a água do mar. Quando as pessoas daquela localidade não conseguem encontrar aquele bem de consumo dos charcos recorrem àquela fonte.

Ainda assim, adquirir por tal preço é um luxo que nem todos bolsos suportam. Mesmo a água barrenta dos charcos que se formam sempre que o céu liberta algumas gotas é comercializada por um preço menor, mas igualmente oneroso para os bolsos da maior parte dos residentes de Chigubo. “10 meticais o bidão”.

Efectivamente, devido aos padrões de precipitações escassas e erráticas nas áreas áridas e semiáridas do sul de Moçambique, nos últimos dois anos, Chigubo virou uma zona de risco de segurança alimentar, segundo os dados da avaliação multisectorial sobre “Água, Saneamento, Higiene e Segurança Alimentar” da Oxfam. Embora os números indiquem que 10 mil pessoas (metade da população) foram afectadas, o cenário no terreno mostra um quadro bem mais negro e preocupante.

67 por cento da produção esperada ficou afectada. Por outro lado, o Relatório da Monitoria da Situação de Segurança Alimentar e Nutricional, do Ministério da Agricultura (MINAG), refere que as reservas alimentares duraram até Agosto. Um dado que é veementemente desmentido pela realidade no terreno e as vozes dos residentes que afirmam que o problema da fome começou em 2006 e se agravou nos últimos dois anos. O que o documento do MINAG ignora é que a maior parte da população vive distante das principais localidades e postos administrativos. Em locais literalmente intransitáveis. Situação que limita as suas estratégias de sobrevivência e acesso aos alimentos, como também faz com que tais comunidades sejam deixadas de lado pelas estatísticas do MINAG.

A título de exemplo, a área plantada no Posto Administrativo de Chigubo, em 2011, foi de 5442 hectares, dos quais 4352 foram perdidos. Em 2012, 3.865 hectares foram trabalhados pelos agricultores e a perda foi de 1.284 hectares. A produção esperada registou 20 por cento no primeiro ano e sofreu uma redução de cerca de 92 por cento no segundo.

Outubro é o início do período de escassez

Num ano normal, o mês de Outubro é considerado o início do período de escassez, o que geralmente dura até as colheitas do ano seguinte, entre Janeiro e Fevereiro. Contudo, as machambas de Chigubo não produzem nada há dois anos. As culturas estão completamente secas e as chuvas não caem em quantidade suficiente para o plantio da mapira e mexoeira, elementos principais da dieta alimentar da população daquele distrito.



Por outro lado, nenhum grupo consegue satisfazer as suas necessidades alimentares básicas com a sua própria produção, tendo em conta que as famílias muito pobres só atingem 50 por cento de produção num ano médio. A linha de base elaborada pela USAID & FEWSNET também revela que “a população muito pobre e pobre representa a maioria da população que se caracteriza pela limitada posse e escassos insumos produtivos como animais e bois de tracção animal”.



Destaque



A pequena Marta

Com um bidão cheio equilibrado na cabeça, Marta, de 14 anos de idade, prepara-se para andar 24 dos 48 quilómetros que percorre diariamente para obter água depois que o charco se formou.

Muitas raparigas são forçadas a abandonar os estudos por causa das distâncias que têm de percorrer à procura do precioso líquido.

Em Chigubo, o acesso a água, segundo a avaliação multisectorial, “é crítico e as mulheres e as crianças investem muito tempo na sua recolha e no abeberamento dos animais. No que diz respeito às fontes, a avaliação bem mais simpática diz que se “situam a uma distância de 14 a 17 quilómetros das comunidades”. A média de água por família é de 25 litros por dia e 10 nas famílias afectadas.

Embora as crianças, flores que nunca murcham no discurso oficial, mereçam a oportunidade de ser felizes e de frequentar o ensino escolar, no coração de Chigubo as fontes de água é que determinam o futuro das crianças no que ao ensino diz respeito. A seca e a impotência da administração local transformaram o distrito no pior dos pesadelos para quem quer estudar.

Na Escola Primária Completa de Chamaila, por exemplo, estudam actualmente 215 alunos, mas no início do ano lectivo o número chegava de quase o dobro de crianças. Na sede distrital, Dindiza, o cenário repete-se. Nesta altura do ano as turmas têm metade dos alunos que iniciaram este exercício lectivo.

Custo de vida

O mercado de Chamaila é disso um exemplo elucidativo. As três bancas que o compõem estão despidas de produtos de primeira necessidade. A única coisa que pode ser encontrada é petróleo de iluminação. Em Zinhane e Dindiza, embora haja mais produtos expostos, a situa-

ção não é muito diferente.

No mercado de Dindiza não é possível comprar uma galinha porque ninguém vende. As festas de final de ano também desconhecem carne de vaca, embora existam cerca de 20 cabeças de gado em todo o distrito.

Os residentes têm de trazer quase tudo de Chókwè. Uma recarga de telefone, cujo preço em Maputo é de 100 meticais, aqui custa 120. Um varão de seis milímetros custa 48 meticais em Chókwè, mas quando chega ao posto Administrativo de Dindiza o custo total, incluindo transporte, fica 25 meticais mais caro.

Que Moçambique pertence a um grupo de países em vias de desenvolvimento – o chamado terceiro mundo – torna-se mais palpável quando se pisam os 13952 quilómetros quadrados da superfície de Chigubo onde há muita fome, mas quase nada para comprar.



Finalmente choveu...

Choveu o suficiente no final de Setembro para deixar charcos de água, mas muito pouco para o solo gerar filhos semeados pelas enxadas dos camponeses. Essa é a decepção de Joana e Anastácia partilhada por Ernesto, o que retrata o desencanto dos habitantes de Chigubo em relação ao futuro. “Onde ficam as chaves do céu para libertar a chuva”, questiona Joana numa língua que desconhecemos, mas o nosso fotógrafo traduz da melhor forma que consegue. Antes de respondermos, Joana volta a concentrar-se no seu trabalho de colecionar algas no charco para confeccionar a única refeição da sua família naquele dia. “É a única coisa que vamos comer, depois disto vamos dormir e esperar pelo dia de amanhã”, diz como um sorriso no rosto que desarma qualquer dúvida.

O cenário de uma mulher com algas na mão não podia ser mais explícito que o desejo de combater a pobreza não passa de discurso e que deixá-lo para trás, apesar de ser uma promessa antiga, permanece presente em pequenos sinais e em muitos lugares deste país.



Lições de sobrevivência

A 30 quilómetros do charco, no coração de Chamaila, Rosa Chaúque, de 26 anos de idade, extrai a raiz de uma árvore para confeccionar a única refeição do dia. Como Rosa, 29 por cento dos residentes de Chigubo vivem na pele o défice de alimentos e consomem frutos silvestres. A maioria da população modificou a sua frequência alimentar, passando de duas refeições para uma por dia.

Ficar sem o que comer não é algo que se possa prever, mas nem todos desabam diante de tal realidade. A família de Rosa é disso um exemplo. Enquanto houver raiz de licutse, aquele agregado de cinco pessoas não dorme sem meter algo no estômago. Isso, porém, não afasta Rosa da machamba. “Nunca se sabe quando vai chover”, diz.

Lá para o fim do dia, quando regressa da vã tentativa de engravidar a terra com sementes, Rosa procura uma árvore. Em Machaila chamam-lhe licutse. Na verdade, a mãe de três filhos aproveita a raiz. O processo consiste em fazer uma cova em redor da árvore até encontrar a raiz. Depois, sem comprometer a sobrevivência da planta lenhosa, é extraída uma parte do órgão que lhe garante duas funções: a absorção de alimentos e a fixação na terra.

Meia hora depois deste exercício, a mãe de três filhos divide a raiz em pedaços com recurso ao machado. Uma bacia serve para guardar as pequenas porções de onde saem para um pilão. O acto seguinte leva o líquido extraído das raízes num recipiente para uma panela. À medida que o líquido ferve, Rosa retira a espuma que reveste a superfície do preparado. Volvidas duas horas, o produto está acabado e os filhos de Marta aproximam-se para se servirem.

“É a única coisa que vamos comer. Depois disto vamos dormir”, diz.



Destaque

“A população não pode esperar que o Governo venha com um camião distribuir comida”



(@Verdade) - Quantos habitantes constituem a população de Chigubo?

(Marcelo Helena Nhampule) - 2750 habitantes de acordo com o censo de 2007.

(@V) - Qual é a situação em relação à insegurança alimentar?

(MHN) - Os que tinham produzido pouco já consumiram esse pouco. De uma maneira geral, o distrito teve maior crise no posto administrativo de Chigubo. Em Dindiza, houve fome em menor escala. Na localidade de Saute, não houve nenhuma produção nas duas épocas agrícolas.

(@V) - Diante deste quadro como é que o governo distrital resolve o problema da fome?

(MHN) - Estamos a trabalhar com as populações sensibilizando-as, porque pela natureza do distrito, que é de um clima árido, tem de se perceber que a situação nutricional não deve estar apenas baseada na agricultura. O distrito pratica também actividades de criação. A criação pecuária é que está a fazer a compensação do défice de produção agrícola. Estamos a sensibilizar a população para vender os seus animais e adquirir alimentos. Estamos a sensibilizar a população para praticar outras actividades como é o caso do artesanato. Temos grupos de artesãos que fazem cestos, peneiras, colheres de pau, pilões.

(@V) - Como é que contornam a resistência das famílias?

(MHN) - Estamos a sensibilizar.

(@V) - Tem sido fácil?

(MHN) - A compreensão é lenta, mas por causa da pressão da fome a que estão submetidos acatam. Nós estamos a dizer que, neste momento, a população não deve esperar que o Governo vá com um camião distribuir comida. É preciso que trabalhem. Que procurem maneiras de fazer face aos problemas para contrariar os efeitos da fome. Temos criação? Então vamos vender uma parte, não toda, mas uma parte. Há situações em que nós temos pessoas com 50 ou 100 animais, mas ainda reclamam de fome na visita do Administrador. Levantam-se e dizem: “estamos a passar fome”. Mas têm 50 animais no curral. Portanto, estamos a sensibilizar no sentido de fazer ver que os animais que eles têm não são para ornamentar ou para garantir prestígio porque alguns acham que têm mais prestígio quando possuem mais animais. Servem para resolver os problemas da família. Aos poucos estão a compreender.

(@V) - Mas nem todos habitantes têm gado. Aliás, a maior parte não tem animais. Portanto, a percepção de que a pobreza não é real não vinga.

(MHN) - A pobreza, aqui no distrito, bem interpretada, não é assim tão absoluta como se pode depreender. Há pobreza porque nem todos têm animais, mas com base no fundo de desenvolvimento do distrito a maior parte dos projectos que estamos a financiar é de criação de animais. Estamos numa situação em que dentro dos próximos dois anos a nossa estatística em relação ao gado bovino pode estar na razão de uma pessoa para um animal. Estamos a caminhar para tal estatística.

@Verdade foi falar com Marcelo Helena Nhampule, Administrador de Chigubo, sobre os problemas daquele ponto do país. Nhampule afirma que a população não pode esperar apoio do Governo e que este distribua bens alimentícios. Vai mais longe e olha para a venda do gado como uma solução para ultrapassar a crise. Também diz que o sonho do Governo é abrir 30 furos de água este ano.

(@V) - Em Machaila e Zinhane as pessoas compram água com bactérias por 25 ou 50 meticais. Aliás, na primeira localidade as pessoas consomem água salgada.

(MHN) - Indo ao ponto relacionado com a água reconhecemos que é uma preocupação grave. O que está em causa é que, em alguns pontos, mesmo com perfurações bastante profundas não se chega a encontrar água potável. Os estudos geofísicos para o nosso distrito indicam que a água só pode ser alcançada em condições para o consumo a partir dos 150 metros de profundidade. Falando de Machaila, abrimos um furo no ano passado (2011) com uma profundidade de 150 metros e mesmo assim a água não é potável. Agora estamos com planos de abrir mais um outro furo e vamos ver qual será a nossa sorte. A nossa aposta é que sejam abertos furos com mais de 150 metros. Menos do que isso não se aplica no nosso distrito.



(@V) - Em algum momento encontraram água própria para o consumo?

(MHN) - Neste momento temos uma máquina de perfuração que felizmente apanhou água em Cubo a uma profundidade de 150 metros. Dizem que a água é boa, mas eu ainda não pude bebê-la. Esperamos que minimize o sofrimento de falta de água em Cubo.

A população tirava água a cerca de 24 quilómetros. Tinha de apanhar um carro até ao local e depois ficar à espera de um outro que viesse no sentido contrário para trazer a água. Portanto, a vida era muito complicada. O governo do distrito estava a apoiar abastecendo água com o trator.

(@V) - Que custos isso tem para o governo distrital?

(MHN) - É um investimento de difícil suporte. Mesmo o que estamos a fazer não cobre todas as necessidades da população, mas posso dizer que de Março para cá gastamos cerca de 1500 litros de gasóleo no abastecimento do trator. Não é pouco dinheiro. É muito dinheiro que se perde por causa da falta de água.

(@V) - Alegam que o nível de desistência escolar está relacionado com a criação de gado. Ou seja, as pessoas têm de percorrer longas distâncias para encontrar água e, consequentemente, tiram as crianças da escola. Que medidas o governo distrital implementa para contrariar esta tendência?

(MHN) - É certo que há desistências de alunos. Ontem (dia 13 de Outubro) visitei duas escolas e fiquei preocupado com a situação de desistências. Na verdade, são dois fenómenos: desistências e frequências irregulares. Os alunos que frequentam a escola com certa regularidade são quase a metade dos que iniciaram o ano. Os outros aparecem hoje e amanhã não. São estes fenómenos. Desistências na maior parte dos rapazes, porque a crise de pastos que se viveu afastou as crianças do sexo masculino para

sítios onde existe água para o gado consumir. Esse foi o fenómeno que levou à redução da frequência dos rapazes. Falamos com os pais, mas eles colocam na balança questões presentes. É aquilo que estamos a ver. Este ano perdemos alunos do sexo masculino.

(@V) - Tal situação não pode mudar enquanto a seca prevalecer?

(MHN) - Enquanto continuarmos com esta crise teremos um grosso número de rapazes a não poder ir à escola. Mas o nosso trabalho é sensibilizar para que tenham em conta os direitos da criança.

(@V) - Que futuro se desenha para as comunidades?

(MHN) - O plano da administração é de abrir 30 furos de água este ano. Se conseguirmos fazer isso estaremos a ajudar as comunidades e será uma solução para as comunidades e, por tal, muitos rapazes poderão voltar ao ensino.

(@V) - Verifica-se uma grande exploração de carvão no distrito. Que benefícios as comunidades locais retiram desta actividade? Ou seja, cobram alguma taxa aos exploradores?

(MHN) - Concretamente não há taxa nenhuma. Os exploradores pagam as taxas na administração provincial. O distrito beneficia de uma taxa de 20 por cento de exploração. Portanto, do valor que se paga pelas licenças há um retorno de 20 por cento que beneficia as comunidades. Este ano recebemos cerca de 280 mil meticais que foram entregues a diversas comunidades. Neste momento estamos a sentir que temos de trabalhar com os exploradores de modo a que não seja pago apenas o que recebemos agora. A administração tem de ficar com algum benefício. As actividades de exploração do carvão têm a ver com as vias de acesso e nas que há maior exploração deste recurso estão a ficar degradadas por causa do uso constante dos camiões. São danos que ficam na estrada. Estamos a programar uma reunião com os exploradores para que não sejam cobradas taxas elevadas. Mesmo que sejam cinco meticais por saco que eles tiram, desde que tal sirva para apoiar os trabalhos de manutenção das vias.

(@V) - Mas as árvores que usam para produzir carvão podem resultar em ganhos maiores. Por exemplo,



plo, podem criar carpintarias para a produção de parque e empregar jovens. Tal hipótese já foi alguma vez equacionada?

(MHN) - Neste momento temos um beneficiário que está a preparar uma carpintaria com o objectivo de produzir parque. Ainda não está terminado o processo de aquisição das máquinas. Esse será o primeiro e acreditamos que depois dele virão mais. A matéria-prima que temos para fazer parque é mecrosse, mas também temos chanaze. Estamos a trabalhar no sentido de potenciar alguns interessados nessa área.

Enfermeiros não recebem há três meses

O único benefício que advém da falta de água é a ausência de mosquitos. A malária, até aqui a principal causa de internamento em Moçambique não constitui problema em Chigubo. O que acontece com maior frequência são as doenças diarreicas, algo que se deve à qualidade da água.

A média de atendimento nos quatro postos de saúde do distrito é de 120 pessoas por dia. Apenas em Dindiza, na sede do distrito, é que há uma ambulância.

Nos postos de Zinhane e Chamaila, o problema de água causa um outro: o material de saúde enferruja devido ao

grau de salinidade da água. Um enfermeiro que pediu para não ser identificado fez saber que a fome também afecta o pessoal médico que não recebe há três meses. Por outro lado, as pessoas revelam resistência em disponibilizar um metical para as consultas. Os medicamentos são grátis e as consultas para as crianças também.



Indonésia: Kuta, onde o ‘luto’ é mais sentido pelas ruas do que pelas pessoas

A Rua Legian, a principal da cidade de Kuta, em Bali, onde há dez anos ocorreram os atentados mais mortíferos da história da Indonésia, demorou a recuperar do ataque muito para além daquilo que os próprios balineses desejavam.

Texto: jornal Público, de Lisboa • Foto: IstockPhoto

Quem passa junto ao memorial dos atentados de 12 de Outubro de 2002 em Bali, no meio da Rua Legian, encontra confusão e filas de trânsito, seja a que hora do dia for. A estrada é estreita, como a maioria das vias de uma cidade que não nasceu para acolher tanta gente. É comum ver motociclistas a preferirem os passeios.

Em frente às lojas e restaurantes, há imensos ojek (táxis-motos) estacionados e negócios móveis que dificultam até a passagem dos turistas, que hoje são a maioria dos transeuntes. Mas, nem sempre foi assim. Após os atentados de 2002, os turistas deixaram de vir a Bali com medo do terrorismo.

Anselmus Harut “tinha acabado de passar” naquela rua quando se registaram os atentados na noite de 12 de Outubro de 2002, por isso diz que teve “muita sorte”. O azar veio depois, em forma de desemprego.

Ele, tal como muitos amigos, deixaram de poder trabalhar, porque “o povo balinês depende do turismo”.

Anselmus está triste porque perdeu um amigo nos atentados, mas o seu discurso vai sempre parar à importância do turismo. Se os turistas ainda “têm algum medo” de novos ataques, com receio de perder as vidas, os balineses estão mais preocupados na medida em que um novo ataque significaria uma nova crise.

A partir de Outubro de 2002 e até 2005 sensivelmente, aquela rua, onde antes havia a confusão a que hoje se assiste novamente, tornou-se “um pouco silenciosa”, conta o jovem de 30 anos, que, tal como muitos balineses, está confiante no trabalho das autoridades contra o terrorismo.

Sítio dos atentados é agora local de culto e superstições

A afluência de turistas na Rua Legian é maior sobretudo junto ao memorial das vítimas dos atentados, que foi edificado em 2004, onde no passado existia o Puddy’s Pub, local onde explodiu a primeira das duas bombas.

Aguno Wirawan, proprietário do Sanjaya Hotel & Spa, um espaço existente desde 1972 no início de uma pequena rua que começa ao lado do memorial, diz que “todos os turistas gostam de ver o memorial, porque sabem que muitas pessoas morreram ali”.

Para ele, o memorial serve para “memorizar” o que aconteceu e colocar fé na ideia de que “os terroristas



tas não venham de novo”.

Do lado direito do memorial, há uma representação da cultura local hinduísta onde todos os dias são oferecidas rezas e flores.

Alessio Roversi, gerente do Maccaroni, um restaurante italiano construído em 1996, que fica a algumas dezenas de metros do memorial na Rua Legian, explica que no local do antigo Sari Club – em frente do qual se registou a maior explosão em 2002 – há agora uma zona de estacionamento, porque os balineses “acreditam que quando algo muito mau acontece, pelo menos durante 10 a 15 anos nenhum negócio pode ser feito na área”.

Reconstrução e desânimo após 2002

Hoje, em torno do memorial, há um banco, duas grandes lojas de marcas de surf conhecidas e inúmeros e variados negócios ligados ao turismo.

Alessio Roversi destaca que o Maccaroni, que colapsou com os atentados, embora sem provocar feridos por já se encontrar encerrado, foi “o primeiro sítio a começar a ser reconstruído”.

Já o Sanjaya Hotel & Spa, depois de ter sido remodelado em 2000, sofreu alguns danos, mas as alterações só puderam ser feitas mais tarde, isto porque não havia clientes que suportassem as despesas, conta Aguno Wirawan.

Nos dois locais, a recuperação económica foi difícil, sobretudo porque as receitas turísticas só começaram a crescer em 2005, ano em que houve novos atentados na ilha, embora de menor dimensão.

Aguno Wirawan recorda que, por causa dessa crise, passou um tempo em que as refeições se limitavam a arroz, por vezes com legumes.

Os atentados de 2005, que fizeram 20 mortos, não afectaram tanto o turismo. Hoje, destaca o gerente do Maccaroni, regista-se até uma “grande mudança” relativamente a 2002 na rua mais “famosa” de Kuta, com mais negócios e um “trânsito louco”.

Numa década, o número de turistas em Bali du-

plicou, sendo que agora anualmente visitam a ilha mais de dois milhões e meio de pessoas.

Contudo, há marcas que permanecem. Por exemplo, segundo Alessio Roversi, depois dos atentados de 2002, as discotecas passaram a fechar mais cedo, por volta das 3h.

“Bali está mais seguro do que em 2002”

I Gusti Ngurah Tresna, conhecido como Agung ou Mr. Tourtle, é um dos homens mais famosos da Kuta Beach, uma das praias mais conhecidas da zona e que fica muito perto da longa Rua Legian.

Agung é o responsável pela segurança da praia, mas em vez de um uniforme veste um fato de treino e coloca os óculos de sol por cima do boné.

Faz parte de um grupo que nasceu da comunidade em 1990 e que trata de garantir a segurança na zona para agradar aos turistas, sobrevivendo com as receitas dos vendedores junto à praia.

“Depois da tragédia, a polícia, o governo e as pessoas locais passaram a dar mais atenção à segurança em Bali, porque sabem que vivem do turismo. Por isso, agora Bali é mais seguro do que há dez anos”, diz a tradutora após ouvir Agung.

O responsável entende que não se pode dizer que os ocidentais já não estão na mira dos terroristas, porque eles “atacam qualquer um”.

Segundo Agung, as bombas de 2002, as primeiras na ilha, tornaram os balineses “mais introspectivos sobre a vida”, sobre a segurança da comunidade e sobre a forma de manter o local mais seguro.

Nos dias que correm, Agung considera que a maior criminalidade está na mentira, com algumas pessoas a enganar os turistas para obter dinheiro.

A sensação de uma maior segurança não está apenas na mente dos balineses. Hoje em dia, não só em Bali, mas também noutros pontos da Indonésia, as pessoas e as viaturas são revistadas à entrada de grandes espaços, como centros comerciais e hotéis, um sistema que, ainda assim, apresenta algumas falhas.

Mundo

Nobel da Paz para a União Europeia: uma decisão “moral e política”

O Comité Nobel atribuiu o Prémio da Paz à União Europeia pelo seu papel na promoção da unidade e da reconciliação. Mas foi um histórico e emocionado Jacques Delors, antigo presidente da Comissão Europeia, quem melhor entendeu a decisão – é um prémio moral e político.

Texto: jornal Público, de Lisboa • Foto: Lusa

O prémio da Paz distingue “a pessoa que tiver feito mais ou melhor pela união entre nações, abolição ou redução de exércitos e pela promoção da paz”, como deixou escrito Alfred Nobel. Já foi atribuído a 124 indivíduos ou organizações, sempre pelo que fizeram, por um trabalho passado. Este ano, porém, as justificações oficiais apontam também para o futuro. E a leitura que Delors fez do texto do Comité Nobel é certa. “É um prémio moral no sentido em que saúda os países que, reconhecendo a sua atitude do passado, fizeram a paz entre eles. É um prémio político porque surge num momento em que há muitas críticas, muitas estatísticas, prognósticos desfavoráveis à UE”, disse. Apesar de os últimos anos terem sido extremamente difíceis – prosseguiu Delors –, o prémio mostra que “os valores da solidariedade e da confiança podem ajudar a fazer um mundo melhor”.

Ou seja, o Comité Nobel olhou para o que fez nascer a união económica e política – duas guerras mundiais – e quis dizer que é da maior importância a existência de uma instituição agregadora num novo momento de grande fractura. A Europa está em profunda crise financeira e social e em alguns países os ingredientes políticos e as disparidades vão fazendo eclodir momentos de grande violência.

Diplomacia de influência

A União Europeia tem as suas raízes na Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, nascida em 1951 em Paris e que criou uma integração económica entre países que se tinham enfrentado na II Guerra Mundial – França, Itália, República Federal Alemã, Bélgica, Holanda e Luxemburgo. Os grandes inspiradores do projecto foram Robert Schuman e Jean Monnet. Anos mais tarde, o clube seria alargado e passaria a chamar-se Comunidade



Económica Europeia antes de se tornar União. Falando em Oslo, a capital da Noruega, Thorbjørn Jagland, o presidente do Comité Nobel (e também o secretário-geral do Conselho da Europa, uma dupla função que já lhe foi criticada), disse que a União Europeia foi a força promotora da aproximação da Alemanha e da França, foi um elemento essencial a seguir à guerra sangrenta nos Balcãs nos anos 1990, foi um agregador de jovens democracias (como a grega, a portuguesa e a espanhola) e um unificador depois da queda do muro de Berlim.

A AFP descodificou a mensagem atrás de todos estes exemplos: a UE é um jogador poderoso dentro do chamado soft power (a diplomacia de influência), e foi também este lado que foi premiado. E há outros exemplos desse poder, prosseguia a AFP que ouviu uma analista do Centro para a Reforma da Europa, Katinka Barysch: a Turquia é um país que beneficiou dessa “influência positiva” que a Europa tem. Aboliu a pena de morte, fez grandes reformas e foi estimulada quando abriu negociações com vista à adesão”. (As negociações estão, de momento, em ponto morto). “A mensagem aqui é que temos que ter em mente o que este continente já conseguiu e não permitir que ele volte a desintegrar-se”, disse Jagland. O antigo chanceler alemão Helmut Kohl, reagiu no mesmo sentido dizendo que o Comité Nobel foi “muito sensato” em ter atribuído o Nobel da Paz este ano à UE. “Encoraja-nos a manter apertados todos os laços apesar das dificuldades e dos problemas que ainda temos que ultrapassar”.

Salvar o euro?

Já no período de perguntas e respostas após o anúncio, foi perguntado ao presidente do Comité Nobel – que é um defensor da entrada da Noruega na União Europeia – se estava a tentar sal-

var o euro. De acordo com o jornal The Guardian, Jagland disse que os membros do Comité não pertencem a países da UE e que o prémio não deve ser visto como uma tentativa de retirar a Europa do buraco de problemas em que caiu.

A seguir considerou que os habitantes da Grécia, de Portugal e da Irlanda (os países com empréstimos e com a sua gestão financeira a ser avaliada pelo Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional e Banco Central Europeu) têm “empatia” pela ideia de Europa, tendo beneficiado dela e não querendo perder o que “já alcançaram”. “Muitos podem criticar as actuais políticas, mas a questão aqui é diferente.

“O prémio, que será entregue no dia 10 de Dezembro em Oslo, poderá ser recebido por um ou por todos os presidentes das três principais instituições comunitárias (o português Durão Barroso é presidente da Comissão Europeia; o belga Herman van Rompuy é presidente do Conselho Europeu e o alemão Martin Schulz preside ao Parlamento Europeu).

O destino dos cerca de 930 mil euros que vêm com o diploma do Nobel da Paz ainda é desconhecido.

A questão “ainda não foi debatida ou decidida”, mas será brevemente entre “as três instituições”, disse a porta-voz da Comissão Europeia, Pia Ahrenkilde.

África do Sul: Estado deve 1.3 bilião de randes em indemnizações a reclusos

Um relatório da Inspeção Judicial para os Serviços Correccionais da África do Sul, JICS, indica que o Ministério dos Serviços Correccionais, responsável pelas cadeias, deve cerca de 1.3 bilião de randes em indemnizações aos reclusos e antigos detidos por violência física e violações sexuais ocorridas ao longo do cumprimento das suas penas.

Texto: Milton Maluleque

Segundo o documento, cerca de 17% dos casos de violência física contra os reclusos são cometidos pelos guardas prisionais. O relatório aponta ainda que os detidos são torturados com recurso a chambocos e banhos de água em alta pressão. Alguns reclusos chegam a ser isolados em celas solitárias por muitos dias sem direito a alimentação e outros são subsequentemente transferidos para outras prisões como forma de se evitar que as atrocidades perpetradas contra si não sejam descobertas pelos investigadores.

Das 71 queixas de violência física apresentadas, apenas uma é que culminou com a penalização do seu autor, um guarda. No ano passado, o ministério que vela pelas prisões devia cerca de 1.3 bilião de randes em indemnizações aos reclusos e antigos detidos. Este valor inclui 976 milhões correspondentes às compensações por lesões corporais e perto de 4.5 milhões por violações sexuais. De acordo com Emily Keehn, especialista em assuntos prisionais junto da Sonke e membro da Rede para a Justiça do Género, a condição do recluso é alarmante na medida em que não existe nenhuma norma de protecção à violação sexual nas prisões.

“O ministério está a gastar altas verbas em indemnizações aos reclusos devido às violações sexuais, mas nada faz para prevenir a ocorrência deste tipo de atrocidades”.

Mortes nas cadeias

Ainda segundo o estudo, no ano passado foram registadas 47 mortes nas prisões, das quais quatro resultaram de torturas por parte dos guardas prisionais e 12 por assassinato. Em relação às restantes 16, o ministério não conseguiu identificar as causas por não ter tido acesso aos resultados da autópsia.

Entretanto, os suicídios são apontados como uma das causas de mortes nas prisões sul-africanas. “Este cenário (dos suicídios) é inquietante pois há indicações de que cerca de 98% dos reclusos com perturbações mentais e que pediram assistência médica foram tratados,” afirmou Clare Ballarde, investigadora da Universidade do Cabo Ocidental.

De acordo com a pesquisadora, se o suicídio é a causa do alto índice de mortes não naturais nas cadeias, é chegada a altura de se questionar a qualidade do tratamento que é dado aos reclusos.

Falta de assistência médica

Perto de 32% das cadeias sul-africanas não possuem um médico ou enfermeiro sequer. O ministério de tutela alega que tal se deve à falta de pessoal qualificado e adianta que cerca de 17 unidades prisionais não receberam nenhuma visita nos últimos três meses. O relatório revela ainda que cerca de 804 reclusos perderam a vida de uma forma natural. Destes 110 foram vítimas de tuberculose, 74 de HIV e SIDA e 74 de pneumonia. Muitos dos detidos contraíram estas doenças dentro das prisões.

Um outro estudo conduzido pelo especialista em tuberculose, Robin Wood, dá conta da existência de 90% de risco de contaminação por tuberculose no Centro Prisional de Pollsmoor, localizado na Cidade do Cabo. O estudo aponta que os medi-

camentos para o combate às múltiplas variações da tuberculose que chegam a apresentar uma resistência ao tratamento é disponibilizado em cerca de 40% das cadeias. Wood aponta ainda no seu estudo que, mesmo com a existência do elevado índice de violações sexuais, somente 19% das prisões disponibilizam preservativos aos reclusos.

Detenções arbitrárias

Do relatório pode-se constatar que existem cerca de 30% de reclusos que aguardam julgamento, e a maior parte deste encontra-se privada de liberdade há mais de seis meses ou por um período maior.

Porém, é difícil determinar se a polícia teria feito as detenções de forma arbitrária ou não, embora haja dados que indicam que perto de 18 mil pessoas são detidas sem justa causa por mês, contribuindo para a superlotação das cadeias.

Refira-se que o Ministério dos Serviços Correccionais recusou-se a responder a questões específicas do inquérito que ditou o relatório sobre a condição dos reclusos na África do Sul. Por seu turno, Sibusiso Ndebele, ministro dos Serviços Correccionais, destacou, num comunicado, que “o ministério está a implementar um plano estratégico de mudanças para melhorar a gestão financeira à luz das anomalias identificadas”.

No capítulo da gestão financeira, foram gastos cerca de 71 milhões de randes em despesas oficiais e perto de 215 milhões em despesas não declaradas. Aparentemente, existe uma confusão quanto ao número de prisões existentes no território sul-africano. O relatório anual do Ministério dos Serviços Correccionais refere que há 243 centros correccionais, mas o da Inspeção Judicial para os Serviços Correccionais diz que o país conta com 236 prisões.

O mundo árabe precisa da Europa para evitar o Inverno

O prolongado conflito na Síria continua a ceifar vidas enquanto a comunidade internacional, paralisada por questões geopolíticas, observa as disputas entre países, as dificuldades económicas da Tunísia e do Egipto e a ascensão de governos islâmicos na região. Alguns activistas e analistas temem pelas liberdades procuradas, algumas delas conseguidas, durante a Primavera Árabe. A única esperança, segundo eles, é o contínuo apoio da comunidade internacional para o longo caminho que ainda têm de seguir.

Texto: Daan Bauwens/ Envolverde-IPS • Foto: Lusa

“Tivemos alguns retrocessos, mas continuamos a precisar do seu contínuo apoio”, disse a activista tunisina Nabila Hamza, presidente da Fundação para o Futuro (FFF), ao falar na sede da União Europeia (UE), em Bruxelas, para pedir ao bloco que prolongue a sua participação na transição democrática de alguns países árabes.

Segundo um estudo da organização Freedom House, com sede nos Estados Unidos, somente a Tunísia mostra uma melhora em matéria de governação.

Bahreïn retrocedeu e o Egipto mostrou uma melhoria menor.

A classificação foi realizada com base em cinco critérios: responsabilidade e expressão pública, liberdades civis, vigência do direito, anti-corrupção e transparência.

Num debate realizado na sede da Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova York, no final de Setembro, o presidente do Conselho Europeu, Herman Van Rompuy, e o Primeiro-Ministro britânico, David Cameron, pediram ao fórum mundial para não desanimar com os retrocessos e redobrar o apoio aos que constroem a democracia.

“Conseguir uma mudança verdadeira leva tempo”, disse Rompuy na Assembleia Geral das Nações Unidas. Vários especialistas também trocaram opiniões na semana passada sobre os últimos acontecimentos na região e debateram o papel específico da UE na construção da democracia.

O encontro foi no painel Primavera Árabe, Revoluções e Efeito Dominó, organizado no escritório de Bruxelas da representação do Estado alemão de Renânia do Norte-Westfalia.

O professor Todd Landman, director do Instituto para a Democracia e a Resolução de Conflitos, da Universidade de Essex, defendeu o contínuo apoio estrangeiro, ainda que o resultado eleitoral não satisfizesse os próprios doadores.

O europarlamentar Alexander Graf Lambsdorff, chefe da missão de observação eleitoral da UE na Líbia, lamentou os muitos obstáculos burocráticos no processo de alocação da ajuda do bloco europeu.

Hamza concordou e acrescentou que “a UE espera que contratemos especialistas para decifrar documentos de ajuda oficial enquanto estamos numa revolução”.

Por intermédio da FFF, Hamza supervisiona o desembolso de mais de 10 milhões de dólares em apoio a 166 projectos geridos pela sociedade civil em 15 países árabes, e mostra-se optimista sobre as



mudanças na região. “Egipto, Líbia e Iémen possuem uma multiplicidade de organizações em que homens e mulheres participam igualmente em assuntos civis”, afirmou.

“Lutamos pelos direitos humanos, contra a corrupção e pela liberdade de imprensa desde o começo dos anos 1950, mas agora podemos fazê-lo sem sermos processados. Há novas leis sobre liberdade de associação na Tunísia, e estão a ser redigidas outras na Líbia e no Egipto. O contexto legal está a mudar”, assegurou Hamza.

Outro fenómeno a destacar, segundo Hamza, é o regresso de “jovens activistas da diáspora à Tunísia. As pessoas que estavam exiladas e proscritas voltam para colaborar na construção do país.

Este encontro cultural cria uma dinâmica maravilhosa, especialmente em matéria de participação”. Para Hamza, a eleição de governos islâmicos não deveria ser considerada um retrocesso. “Os islâmicos são considerados pela população como mártires da opressão, isso é o que lhes deu legitimidade. Por isso foram eleitos tão facilmente”, explicou.

“Porém, na Tunísia e no Egipto, dois países onde os movimentos islâmicos quiseram incluir a sharia (lei islâmica) na nova Constituição, fracassaram”, afirmou.

“Após semanas de discussões e sob forte pressão da sociedade civil, o partido islâmico da Tunísia redigiu um projecto constitucional no qual homens e mulheres” têm os mesmos direitos, afirmou Hamza.

“Vemos uma mudança no Islã político. Agora que os islâmicos devem governar um país, tornaram-se mais pragmáticos”, opinou. “Há pressões internas para resolver problemas como o desemprego e a distribuição da riqueza, além das externas.

Agora fazem parte do mundo, precisam do apoio dos países ocidentais para sobreviver, e dizem aos seus povos que a fé não é a resposta para todas as suas necessidades”, acrescentou.

Ela também pediu urgência à UE para aumentar o seu apoio à democratização do mundo árabe.

“Foram feitas muitas promessas e criados muitos programas para nos ajudar”, lembrou Hamza, referindo-se ao programa Apoio Europeu para a Associação, Reforma e Crescimento Inclusivo (SPRING).

No contexto dessa iniciativa, a Comissão Europeia comprometeu-se a ajudar na transição democrática, na criação de instituições e no crescimento económico da região após a Primavera Árabe.

“Acreditamos que se pode fazer muito mais, especialmente pelas organizações civis, as únicas observadoras da democracia que podem forçar os governos a serem responsáveis”, enfatizou.

“Necessitamos de apoio porque devemos permanecer vigilantes, pois ainda há o perigo de novas ditaduras. Estamos num período de transição. Afinal, à Europa convém que a Primavera Árabe prospere”, observou Hamza.

“A transição é um processo. A comunidade internacional deve apoiar este processo, não os projectos de curto prazo. Precisamos de paciência estratégica para ver os verdadeiros êxitos da revolução.

Os doadores querem resultados imediatos, mas uma revolução tem altos e baixos”, ressaltou.

Seja o primeiro a saber.
Receba as notícias
d'Verdade no telemóvel.

ENVIE UMA SMS PARA O
NÚMERO **8440404**
COM O TEXTO
SIGA VERDADEMZ



Mundo

Como os Talibãs ganharam a batalha das bombas caseiras

A onda de “ataques amigos” contra as forças estrangeiras no Afeganistão domina este ano as notícias sobre esta guerra. Porém, há outro facto mais importante: a categórica derrota norte-americana diante dos artefactos explosivos improvisados dos Talibãs.

Texto: Gareth Porter/ Envolverde-IPS

Alguns meios de comunicação afirmam que o exército dos Estados Unidos conseguiu algum progresso contra essas bombas, mas sem apresentar o contexto das tendências sazonais ou focando-se exclusivamente nas baixas norte-americanas.

A realidade mostra que o aumento de tropas não conseguiu reverter o acentuado aumento de ataques com explosivos improvisados e das baixas que causaram, que o movimento extremista Talibã iniciou em 2009 e continuou até 2011. Nesse período de dois anos, as tropas dos Estados Unidos sofreram 14.627 mortes, segundo o Departamento de Defesa e a organização não governamental iCasualties, que regista as baixas das guerras do Iraque e do Afeganistão de fontes publicadas.

Desse total, 59% (8.680 mortes) foram causadas por explosivos improvisados. A proporção de todas as baixas norte-americanas por ataques deste tipo aumentou de 56% em 2009 para 63% no ano passado.

A decisão dos Talibãs de apelar para esse tipo de arma é um aspecto central da sua estratégia para responder à ofensiva bélica decidida por Washington.

Exigiu uma grande quantidade de tempo e de energia das tropas norte-americanas e demonstrou que a sua campanha contra-insurgente não conseguia reduzir o tamanho nem o poderio da guerrilha islâmica.

Além disso, ofereceu ampla evidência à população afegã de que os Talibãs mantinham a sua presença inclusive em distritos especificamente ocupados por tropas dos Estados Unidos. Os chefes militares norte-americanos tentaram controlar esta estratégia com duas medidas contraditórias, que ignoravam a realidade política e social do Afeganistão.

Por um lado, a organização conjunta para a derrota dos explosivos improvisados do Pentágono (conhecida pela sigla Jieddo) gastou mais de 18 biliões de dólares em

dispositivos de alta tecnologia para detectar este armamento antes de explodir. Isto incluiu robôs e dirigíveis com câmaras de espionagem.

A tecnologia permitiu descobrir mais artefactos, mas os Talibãs simplesmente dedicaram-se a fabricar e instalar muitos mais, elevando a pressão. Por outro lado, a estratégia concebida pelo general David Petraeus, e aplicada pelo general Stanley A.

McChrystal, sustentava que a rede de explosivos improvisados seria desmantelada quando o povo virasse as costas para os Talibãs. Então, os generais colocaram tanques e blindados e milhares de tropas para patrulhar a pé a fim de travar relações com a população local.

O passo seguinte foi um salto na quantidade de ferimentos “catastróficos” em soldados norte-americanos causados por bombas improvisadas.

Na sua avaliação de 30 de Agosto de 2009, McChrystal disse que a Força Internacional de Assistência para a Segurança (ISAF), enviada pela organização do Tratado do Atlântico Norte, “não terá êxito se não estiver disposta a compartilhar pelo menos o mesmo risco que nós”.

E sugeriu que uma vez que se ganhasse a confiança da população, esta informaria à ISAF onde se encontravam as bombas.

McChrystal deu maior ênfase ao patrulhamento sem tanques no Outono de 2009. Os Talibãs responderam elevando a quantidade de artefactos dirigidos contra essas patrulhas, de 71 em Setembro daquele ano para 228 em Janeiro de 2010, segundo dados da Jieddo.

Isto significava que a população tinha mais conhecimento da localização das bombas, o que deveria ter como resultado que informasse mais sobre esse armamento às tropas estrangeiras, segundo a estratégia de Petraeus.

Mas os números mostram que ocorreu o contrário. Nos primeiros oito meses de 2009, a média de armas denunciadas pela população foi de 3%. Mas, de Setembro daquele ano até Junho de 2010, caiu para 2,7%.

Depois de Petraeus substituir McChrystal como comandante da ISAF, ordenou inclusive mais patrulhas, sobretudo nas províncias de Helmand e Kandahar, onde as

tropas norte-americanas procuravam controlar o que havia sido o reduto dos Talibãs nos anos anteriores. Nos cinco meses seguintes, a denúncia de explosivos improvisados caiu para menos de 1%. Enquanto isso, cresciam os ataques com esse armamento contra as patrulhas: de 21 em Outubro de 2009 para uma média mensal de 40 entre Março e Dezembro de 2010.

Os soldados feridos chegaram a 316 por mês nesse período, duas vezes e meia maior do que nos dez meses anteriores. Este êxito foi o principal motivo do aumento de baixas e feridos norte-americanos.

Em 2009, houve 1.211 feridos e 159 mortos devido às bombas improvisadas. Em 2010, 3.366 feridos e 259 mortos. Os ferimentos causados às tropas que patrulham a pé são muito piores: amputações traumáticas de membros e outras lesões severas, muito piores do que as sofridas em ataques contra veículos blindados.

Em 2011, as mortes norte-americanas por bombas improvisadas caíram para 204, e o total de baixas passou de 499 para 418. Mas o número de feridos por esse artefacto cresceu 10% e a quantidade de todos os feridos em combate foi quase a mesma de 2010, segundo a iCasualties.

Nos primeiros oito meses deste ano, o número de feridos caiu 10% em relação a igual período de 2011, e o de mortes foi 29% menor. A queda no número de feridos deve-se em parte à transferência de milhares de tropas norte-americanas de Kandahar e Helmand para o leste afegão.

No começo de 2011, o Pentágono sabia perfeitamente que não conseguiria cumprir o que havia planeado antes e durante a ofensiva. Num eloquente comentário ao jornal The Washington Post em Janeiro desse ano, o director da Jieddo, general John L.

Oates, afirmava que “não é correcto afirmar que estamos a perder a guerra de explosivos improvisados, porque a ideia não é destruir a rede”. O objectivo é “desbaratá-los”, dizia Oates, movendo, assim, o arco do lugar para não ter que admitir que não haviam feito golos.

A admissão implícita de que o patrulhamento a pé de Petraeus já não é referenciado no comando da Iasaf é que a ordem de Agosto de 2010 foi retirada do seu site na Internet.

Voleibol em Moçambique: Um desporto sustentável sem sede, campo e profissionalismo

O voleibol em Moçambique é uma modalidade que aparenta estar conturbada devido à falta de união entre os seus fazedores que, vezes sem conta, lavam a "roupa suja" na esfera pública, desnudando o problema de gestão com que o edifício se debate. Nesta edição temos como entrevistado Camilo Antão, presidente da Federação Moçambicana de Voleibol (FMV), que, dentre outros assuntos, fala da saúde da modalidade e da instituição que dirige, para além de responder aos críticos que dizem que ele devia demitir-se, alegadamente por estar há bastante tempo na condução dos destinos do vôlei no país.

Texto & Foto: David Nhassengo

@Verdade – Qual é o estado actual do voleibol em Moçambique?

Camilo Antão – No nosso entender, como federação, o vôlei no país está num bom caminho no que diz respeito à promoção e à massificação. Mas temos o factor de rendimento que ainda é um grande obstáculo.

@V – Por que razões faz esse paralelismo?

CA – Por um lado, esta modalidade é praticada a nível de base onde temos o mini-vôlei. Estamos também a desenvolvê-la nos diversos escalões como juvenis, juniores e seniores. Igualmente, é praticado com regularidade na disciplina de voleibol de praia, assim como o parco voleibol ou o de recreação. Existe também no país o voleibol para deficientes.

Por outro lado, temos a questão da profissionalização e da alta competição, duas abordagens que devem ser impulsionadas.

@V – Pretende dizer que não há profissionalismo no país?

CA – Neste momento não há. Precisamos de atletas que vivem somente para o vôlei e que levem esta modalidade mais a sério. Temos falta de infra-estruturas, bem como de um pessoal que esteja a servir o voleibol a tempo inteiro. Refiro-me aos treinadores e ao pessoal técnico no geral. Mas tudo isto parte dos clubes.

@V – E o que pode ou deve ser feito para que tenhamos esse profissionalismo no país?

CA – Mudar as circunstâncias. Os clubes, por exemplo, precisam de campos e sedes.

Porém, esta mudança passa necessariamente por uma reflexão conjunta no sentido de analisar o que tem de ser feito para despertar as pessoas para o vôlei. É necessário que haja um trabalho de união a partir dos clubes até à própria federação, passando pelos governos locais e pelos municípios.

@V – Mas por quem deve ser construídas as infra-estruturas?

CA – Pelo próprio Governo.

@V – Qual é o ponto de situação das províncias nesta modalidade?

CA – O vôlei existe no país. Nas províncias de Manica, Nampula, Zambézia, Sofala e cidade de Maputo as competições são regulares. Nos restantes pontos existe uma tendência de desenvolvimento da modalidade como, por exemplo, na província nortenha de Cabo Delgado, onde há o mini-vôlei de praia.



@V – E qual é o ponto de situação nas províncias onde não se pratica o vôlei?

CA – Estão a trabalhar ainda na iniciação e algumas ainda na recreação. Na província de Maputo o voleibol está concentrado ainda na iniciação das duas disciplinas (praia e de sala). Em Gaza e Inhambane temos uma situação similar. Situação complicada está em Tete e Niassa, onde não existem associações provinciais.

@V – Significa que a visão do voleibol nacional é a formação?

CA – Sim.

@V – E porque não apostar nos seniores?

CA – Temos de garantir o futuro. Não pretendo com isto dizer que pusemos os seniores de lado. Não. Trabalhamos com eles e alguns estão a dar resultados desejáveis, mas é preciso garantir que mais pessoas daqui a alguns anos estejam a praticar o vôlei.

@V – E qual tem sido o papel da federação neste capítulo da massificação e formação de novos talentos?

CA – A federação investe muito mais em material, como bolas, equipamento e redes. Temos muito material por oferecer.

@V – De onde vem esse material?

CA – Foi-nos oferecido pela Federação Internacional de Voleibol. Porém, dentro do nosso território, temos sérias dificuldades em tirar esse material do porto uma vez que temos tido falta de fundos para o desalfandegamento.

@V – Quais são neste momento os problemas que assolam o vôlei a nível nacional?

CA – Os problemas partem da própria federação que não tem sede para o seu funcionamento. Não tem um secretário técnico que trabalhe a tempo inteiro e não tem sequer um campo ou pavilhão para a prática do voleibol.

@V – E os desafios?

CA – Massificar a modalidade para encontrar novos talentos, embora já estejamos a trabalhar nesse sentido; melhorar o marketing para encontrar mais patrocinadores ou seja, vender cada vez mais o nosso produto; melhorar a qualidade de treino dos clubes porque precisam de levar a sério a modalidade; aumentar o número de competições nacionais bem como a nossa participação internacionalmente; leccionar cursos variados sobre o vôlei de praia; lutar para termos árbitros internacionais; colocar atletas de ponta a jogarem fora do país sobretudo onde o voleibol é mais a sério; ter instalações permanentes, como sejam campos onde se pratica vôlei com o tapete original da modalidade e melhorar as condições das nossas praias no capítulo da limpeza e bancadas.

@V – A federação, como instituição, respira boa saúde?

CA – Ela é estável. Temos os órgãos deste organismo a funcionar devidamente. Há união, harmonia entre os membros de direcção e há trabalho. Porém, há que frisar que a federação sente a falta de um secretário técnico.

Liga Muçulmana em Abijan a pensar no pódio

Arranca hoje até ao próximo dia 28 na capital da Costa do Marfim, Abijan, a décima oitava edição da Taça dos Clubes Campeões de África em seniores femininos. Moçambique far-se-á representar pela campeã nacional, a Liga Desportiva Muçulmana de Maputo, que chega ao evento com vontade de conquistar o pódio e dignificar o nome do país.

Texto: David Nhassengo



A Liga Muçulmana não só vai para esta competição para enobrecer o país, como também para defender a belíssima prestação tida durante o torneio preliminar de qualificação para esta prova em Maputo em que se sagrou vencedora. Aliás, por este mérito, as campeãs nacionais são cotadas como as favoritas à conquista da prova, sendo que um dos seus objectivos é conquistar o pódio, ou seja, um dos três lugares, conforme deixaram ficar minutos antes de embarcarem rumo à capital costa-marfinesa na última terça-feira (16).

Para esta competição, a equipa treinada por Nazir Salé reforçou o grupo que venceu o torneio de Maputo e chamou a experientíssima atleta internacional moçambicana a evoluir na Itália, Clarice Machanguana. A poste, de 37 anos de idade, juntou-se a mais duas atletas contratadas pelo clube para "atacar" a Taça dos Cubes Campeões Africanos, nomeadamente a norte-americana Jazz Covington e a senegalesa Aya Traore.

De referir que o torneio conta com um total de 12 equipas, sendo a actual campeã o Interclube de Angola, que perdeu com a equipa campeã nacional no jogo que decidiu a vencedora da prova de Maputo no dia 08 do mês em curso, no pavilhão do desportivo.

O Palácio Desportivo de Treichville será o palco das emoções da Taça.

Eis a lista completa dos clubes participantes:

The Sporting Club Sfax (Tunísia)
Abidjan Basketball Club (Costa do Marfim)
Club Sportif of Abidjan (Costa do Marfim)
First Bank (Nigéria)
First Deepwater (Nigéria)
Arc-en-ciel (RD Congo)
RADI (RD Congo)
N'DELLA (Gabão)
Eagles wings (Quênia)
Liga Muçulmana (Moçambique)
Interclube (Angola)
Primeiro de Agosto (Angola)

continua Pag. 24 ➔

Desporto

CAN 2013: Mambas e a “hecatombe” das mais valentes

A selecção nacional de Moçambique, “Mambas”, sofreu uma pesada derrota na noite de sábado (14) diante do Marrocos e viu a sua vantagem conquistada na primeira mão transformar-se em cinzas, tendo sido vergenhosamente aniquilada no inferno de Marraquexe. Diga-se, em abono da verdade, que o CAN-2013 acabou por se tornar uma miragem e o resultado do Estádio da Machava uma fábrica de sonhos inalcançáveis.

Texto: David Nhassengo • Foto: Lusa

A bem de qualquer adepto assumido de futebol, a partida de Marraquexe deve passar para o esquecimento. O mais provável é que alguém sofra de um trauma de aversão ao futebol ao lembrar-se dos diabólicos 90 minutos da partida da noite daquele sábado.

E com toda razão. Os “Mambas”, que vinham de Maputo com uma vantagem folgada de 2 a 0, nada fizeram para mantê-la e acabaram por sofrer uma pesada mas também humilhante derrota diante do Marrocos.

A partir do primeiro minuto, a selecção nacional demonstrou que ia apenas para defender o resultado ao colocar quatro homens atrás da linha ofensiva marroquina com Zainadine Jr, Mexer, Gabito e Miro. Mas tal estratégia não funcionou. Foram necessários 40 minutos para o sistema defensivo montado por Gert Engels ceder ao da selecção marroquina.

Numa jogada claramente ofensiva dos Mambas, o ponta de lança Jerry atrasou o esférico do meio-campo, tendo este sobrado para um marroquino que o puxou pela esquerda do ataque, centrando para a cabeça de Barrada. O defesa central Miro, incumbido de controlar aquele avançado, deu as costas e só viu a bola ser travada pelas malhas de Kampango.

No segundo tempo, o combinado nacional voltou tal como foi aos balneários: atordoado e à espera das iniciativas de ataque dos marroquinos para reagir. Ao minuto 64, Kharja converteu positivamente uma grande penalidade castigando uma falta de Miro, cometida dentro da área, o que lhe valeu a expulsão. Este facto desequilibrou por completo os Mambas, que denotavam uma falta de estratégia técnica para contrapor a dos marroquinos.

Estava feito o 2 a 0. A eliminatória estava igualada, mas, mesmo assim, Gert Engels pensou numa solução e fez o que devia ter feito antes da partida: sacrificar Jerry por ser o elemento mais improdutivo da equipa



A cinco minutos do fim, o balde de água fria veio da cabeça de Arabi e já em tempo de compensação. Amrabat marcou o quarto e último golo que completou o vexame do tamanho de 22 milhões de habitantes da Pérola do Índico, o país da auto-estima.

Cabo-Verde faz história

Já no domingo (14), a selecção cabo-verdiana fez história ao qualificar-se pela primeira vez para a fase final de um Campeonato Africano das Nações (CAN), mesmo depois de sofrer uma derrota diante dos Camarões por 2 a 1. É que Cabo-Verde beneficiou da vitória de 2 a 0 da primeira mão conquistada no Estádio da Várzea, na Cidade da Praia.

No confronto de Yaoundé, a equipa lusófona fez o que a si competia, que era de chegar a um golo para dificultar ainda mais a pretensão da equipa adversária, de revirar a eliminatória. O cabo-verdiano Héldon foi o autor do primeiro tento, ao minuto 22.

Nove minutos mais tarde, Emaná empatou a partida e Idrissou, ao quarto minuto de compensação, fez a reviravolta para os anfitriões, selando o resultado que não foi suficiente para colocá-los na maior festa desportiva africana do desporto-rei, pela segunda vez consecutiva.

A festa angolana contra o Zimbabwe

Diferentemente de Moçambique, e seguindo os passos dos cabo-verdianos, os Palancas Negras garantiram também a qualificação para o CAN da África do Sul ao vencerem por 2 a 0 o Zimbabwe, dando volta à desvantagem com que vinham depois da derrota de 3 a 1 sofrida em Harare no jogo da primeira mão.

Aconteceu uma festa autêntica em Luanda, uma vez que os Palancas precisaram apenas de sete minutos para marcar os dois golos da reviravolta. Volvidos quatro minutos, na sequência de um pontapé de canto cobrado por Djalma, Manucho respondeu afirmativamente de cabeça e levou a bola ao fundo das malhas. Três minutos depois, os dois actores repetiram o lance e, mais uma vez de cabeça, Manucho bisou na partida.

A selecção angolana passou os restantes minutos da partida a gerir o resultado e a meio da segunda parte ainda podia ter dilatado o marcador. Porém, sofreu quando na etapa final o Zimbabwe assumiu as rédeas do jogo, embora não tenha violado as redes contrárias.

De referir que o CAN-2013 organizado pela África do Sul tem início marcado para o dia 19 de Janeiro e com fim previsto para 10 de Fevereiro.

Eis os resultados completos da última eliminatória

(em maiúsculas as selecções apuradas)

Malawi	0	1	GANÁ	(0-3)
Botswana	1	4	MALI	(1-7)
Senegal	0	2	C. MARFIM	(2-6)*
NIGÉRIA	6	1	Libéria	(8-3)
Uganda	1	0	ZÂMBIA	(8-9)**
MARROCOS	4	0	Moçambique	(4-2)
TUNÍSIA	0	0	Serra Leoa	(2-2)
ARGÉLIA	2	0	Líbia	(3-0)
TOGO	2	1	Gabão	(3-2)
Camarões	2	1	CABO VERDE	(2-3)
ANGOLA	2	0	Zimbabwe	(3-3)
NÍGER	2	0	G. Conakri	(2-1)
G. Equatorial	2	1	RD CONGO	(2-5)
B. FASO	3	1	R. C. Africana	(3-2)
ETIÓPIA	2	0	Sudão	(5-5)

* Senegal desqualificado devido incidentes durante jogo
** Marcação de grandes penalidades

Matchedje e Estrela Vermelha a caminho do Moçambola 2013

Iniciou no fim-de-semana último a luta pelos três lugares vagos da próxima edição do Campeonato Nacional de Futebol, o Moçambola. Duas partidas marcaram o pontapé de saída da “poule” de apuramento no sábado e as restantes foram disputadas no domingo, com destaque para as equipas do Matchedje de Maputo, Sporting de Monapo e Estrela Vermelha da Beira, que já assumem a liderança nas três regiões, respectivamente Sul, Centro e Norte.

Texto: David Nhassengo

O Campo do Texlom na Matola foi palco do pontapé de saída da “poule” na zona Sul com o Djuba FC a receber em casa a equipa dos militares da capital.

As condições do campo eram péssimas. Impróprias para a prática de futebol visto que a chuva que caiu naquela urbe no dia anterior (sexta-feira, dia 12) deixou o “pelado” com charcos de água. Ademais, o espaço não tem balneários em condições, quer para os próprios jogadores, quer para o próprio público que era obrigado a recorrer às árvores para satisfazer as suas necessidades biológicas.

Mesmo na lama, houve futebol e o público não deixou de apoiar as duas equipas, com destaque para o Matchedje que levou àquele campo um batalhão das Forças Arma-

das de Defesa de Moçambique.

Nos primeiros minutos jogou-se de igual para igual e não se podia sequer prever o resultado final. A bola era muito bem disputada, sobretudo na zona intermediária, contudo, à dada altura, a equipa visitante subiu as linhas de jogo numa manifesta atitude de arriscar com tudo para chegar ao tento.

Foram necessários 15 minutos para o Djuba FC consentir o primeiro golo, na sequência da marcação de um pontapé de canto. Pilar, o guardião das redes dos caseiros, fez uma saída em falso que foi muito bem aproveitada por Azarias, que abriu o marcador com uma baliza parcialmente desprotegida.

A equipa da casa, o Djuba FC, não cruzou os braços e passou a co-

mandar o jogo a partir do minuto 20 até ao intervalo, tendo criado várias situações de golo que, infelizmente, não alteraram o resultado. No mesmo período, o Matchedje só saía em contra-ataque mas sem criar jogadas de perigo dignas de realce.

No segundo tempo, a história da etapa final da primeira parte repetiu-se. Porém, foi contra essa corrente que Zacarias bisou na partida. O relógio marcava o minuto 73 quando, num livre directo desviado pela barreira, Pilar deixou o esférico escapar da sua mão esquerda.

Em casa mandou o Estrela Vermelha

Ainda no sábado, uma moldura hu-

mana fez-se ao campo do Ferroviário da Manga, arredores da cidade da Beira, para prestar o seu apoio à equipa da casa que se estreia nesta luta por um lugar no Moçambola, edição 2013.

Quer o Estrela Vermelha da Beira, quer o Desportivo de Tete, não conseguiram abrir o marcador no decurso do primeiro tempo nem no segundo.

Foi na etapa de compensação que a equipa da casa chegou ao golo, que foi bastante contestado pela equipa adversária porque a bola não se foi instalar no fundo das malhas, uma vez que as redes estavam furadas.

Porém, o árbitro validou-o e os três pontos foram abonados à equipa da casa.

Eis o quadro completo de resultados

Zona Norte - Primeira jornada			
Atl. Mecanheles	0-1	Desp. Nacala	
Spor. Monapo	2-1	Desp. de Ibo	
Próxima jornada			
Desp. Nacala	X	Spor. de Monapo	
Desp. Ibo	X	Atl. Mecanheles	
Zona Centro - Primeira jornada			
E. Ver. da Beira	1-0	Desp. Tete	
Pal. Quelimane	0-0	Textáfrica	
Próxima jornada			
Tex. Chimoio	X	E. Ver. Beira	
Desp. Tete	X	Pal. Quelimane	
Zona Sul - Primeira jornada			
Djuba FC	0-2	Matchedje	
AD da Maxixe	0-0	Fer. Gaza	
Próxima jornada			
Fer. de Gaza	X	Djuba FC	
Matchedje	X	AD da Maxixe	

Desporto

continuação →

**@V – E como é que funciona sem essa figura?**

CA – Através de voluntários. Mas também dentro do corpo directivo há quem acumula as funções de modo a não parar com os nossos projectos.

@V – E para que serviria um secretário técnico?

CA – Para os aspectos técnicos, como lidar com a organização dos eventos, trabalhar directamente com as selecções. Não que isto tenha uma ligação directa com a falta de um secretário técnico, mas a federação não tem uma página na Internet e não tem como enviar comunicados de imprensa por via electrónica, o que dificulta a nossa publicidade e articulação com os media.

@V – E a nível de contas?

CA – Temos dinheiro mas não o suficiente. Temos patrocinadores mas não o desejável. Contamos também com apoio do Fundo de Promoção Desportiva (FPD).

@V – Por falar no FPD, quanto é que recebem daquela instituição?

CA – Neste momento não posso precisar, não sou bom a fixar números.

@V – Ainda assim, tem sido suficiente?

CA – De 2011 a esta parte não. No ano passado foi gasto no âmbito da nossa preparação e participação nos X Jogos Olímpicos. Aliás, o Comité Organizador dos Jogos Africanos (COJA) deve-nos dinheiro. Tivemos de usar o nosso dinheiro para custear uma série de despesas.

Em 2012, o fundo que recebemos do FPD serviu para a participação do país nos torneios internacionais qualificativos para os Jogos Olímpicos na cidade de Maputo, na Namíbia, na Argélia, no Ruanda e no Marrocos. Utilizámo-lo também para o nosso estágio no Brasil. Algumas dessas despesas foram suportadas por mim.

@V – Quanto é o que COJA deve à federação de vôlei?

CA – Cerca de 300 mil meticais.

@V – E o dinheiro disponibilizado pelo FPD custeou somente essas actividades?

CA – Não. Vamos leccionar um curso de voleibol de praia e adquirir mais equipamento desportivo, para além de pagar os direitos aduaneiros. Temos em vista também a realização do Campeonato Nacional de Voleibol em Janeiro.

@V – E como tem sido a relação com os patrocinadores? Será que a FMV tem apoio que não seja do Governo?

CA – É preciso perceber a génese da própria federação. Ela nasceu só com o apoio de patrocinadores e até hoje continuamos a trabalhar com eles. Realizámos recentemente o Campeonato Nacional de Voleibol apenas com o apoio dos nossos parceiros.

@V – A FMV é sustentável?

CA – Sem o apoio do Governo nós podemos existir só

com os nossos patrocinadores. O único obstáculo estaria na participação internacional das nossas selecções.

@V – Quem são os patrocinadores da FMV?

CA – Nós já tivemos bons momentos neste capítulo. Mas neste momento trabalhamos com a Mcel, o Standard Bank, a TVSD, a Coca-Cola e com tantos outros.

@V – Existe algum segredo para a federação contar com tanto apoio do sector privado?

CA – Vender o nosso produto que neste momento é o voleibol de praia.

@V – Qual é a abordagem que faz das competições internas?

CA – Precisamos de melhorar. Há necessidade de se trabalhar mais a nível provincial e nacional. Precisamos de mais eventos como o intercâmbio que existe entre as províncias de Manica e Sofala, que regularmente põem as suas equipas a competir entre si.

Há que referir que temos os campeonatos nacionais que temos organizado regularmente com o envolvimento de todas as camadas nas disciplinas de sala e de praia. Neste momento estamos a pensar em introduzir a Taça de Moçambique e a Supertaça.

@V – Para quando a introdução dessas competições e porque até hoje não as temos?

CA – A partir do próximo ano. Tudo passa por uma questão de planificação e estarmos bem financeiramente. Mas como deve saber, o nosso elenco gosta mais de trabalhar do que de falar, portanto, quando tivermos o apoio necessário, voltaremos para anunciar esses dois eventos.

@V – E as competições internacionais?

CA – Temos participado nos campeonatos regionais da Zona IV e recentemente nas qualificações para os Jogos Olímpicos. Não voámos mais por falta de fundos. Neste momento estamos a preparar a participação de quatro clubes nacionais, três masculinos e um feminino no torneio Clube dos Campeões de África, que vai decorrer na capital da Zâmbia, Lusaka, entre os dias 17 do mês em curso a 25 de Novembro.

@V – E qual tem sido a prestação de Moçambique nessas participações no que concerne aos resultados?

CA – Temos conquistado várias medalhas a nível da Zona IV. Conquistámos recentemente a medalha de bronze numa competição mundial e hoje estamos em terceiro lugar no ranking africano do voleibol de praia feminino.

@V – Mas porque não marcámos presença nas Olimpíadas de Londres?

CA – O nosso nível de rendimento ainda é muito baixo comparativamente aos nossos adversários.

@V – No voleibol de praia?

CA – Logicamente.

@V – Há uma percepção de que a FMV aposta mais no vôlei de praia. Porquê?

CA – O vôlei de praia é uma disciplina menos dispendiosa. Jogam apenas dois atletas por cada equipa.

@V – Quais são neste momento os projectos da federação?

CA – Continuar com os cursos de formação de treinadores, dos árbitros em matérias de voleibol de praia e de sala. Um vai decorrer na cidade de Maputo a partir do dia 30 do mês corrente até ao dia 06 de Novembro. Pretendemos também realizar um curso de mini-vôlei nacional em Maputo, mas estamos reféns da falta de dinheiro para a deslocação e estadia dos participantes das províncias na cidade capital, Maputo. O mesmo será leccionado por dois treinadores da Inglaterra.

Queremos promover ainda mais o mini-vôlei, sobretudo o de sala, e introduzir no desporto moçambicano um patrocinador internacional com interesses económicos no país. Queremos ainda trazer a Moçambique o campeonato do mundo da modalidade e atingirmos os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016.

@V – Fala de falta de fundos, mas diz que a federação é sustentável. Não é um paradoxo?

CA – Os nossos patrocinadores apoiaram recentemente a organização do campeonato nacional. Entendemos que eles também têm limitações.

@V – O que é que esse parceiro internacional irá trazer de novo?

CA – Vamos formar uma selecção juvenil de vôlei de praia, descobrir mais talentos nas escolas e nos clubes para fortalecer as nossas selecções. Poderemos profissionalizar o voleibol nacional, desenvolver protocolos com as universidades de modo a desenvolver o desporto com bolsas de estudo e massificar ainda mais o vôlei nas comunidades. Iremos colocar os nossos jogadores fora do país.

Com essa parceria, poderemos também realizar estágios de pré-temporada antes do início de grandes competições internacionais bem como realizar vários jogos amigáveis com equipas e selecções brasileiras. Existe a possibilidade de desenvolver o vôlei para os deficientes e o Brasil poderá contratar atletas moçambicanos.

@V – E quem é esse parceiro?

CA – Não posso revelar o nome.

@V – É brasileiro?

CA – Sim.

@V – Para quando a formalização da parceria?

CA – Devia ser este ano, mas ainda não nos encontramos, estamos à espera deles. Devem chegar ao país brevemente.

@V – E o que ele ganha com esta parceria?

CA – Com a publicidade e com os resultados que vamos alcançar.

@V – Está orgulhoso do trabalho que faz?

CA – Estou.

@V – Indicadores?

CA – De tudo quanto disse de positivo, acrescento a boa organização das competições de voleibol dos Jogos Africanos, a implementação do voleibol de praia, a boa relação de trabalho com o Ministério da Juventude e dos Desportos, FPD, Instituto Nacional Desporto, Comité Olímpico de Moçambique e com o Conselho Nacional dos Desportos.

Firmámos uma parceria com a Universidade Pedagógica e hoje podemos continuar a contar com os nossos patrocinadores. Congratulo-me também pela boa relação de trabalho que mantemos com a maioria dos associados.

Graças à minha influência, temos hoje boas relações de trabalho com a Confederação Africana de Voleibol e com a própria Federação Internacional da modalidade.

@V – O elenco do Camilo Antão na direcção da FMV tem sido duramente criticado e é acusado de estar a amortecer a modalidade no país. O que tem a dizer?

CA – É muito fácil criticar do que ver as coisas positivas que acontecem e elogiá-las. Os que nos criticam destrutivamente não dão nenhum exemplo de trabalho e, felizmente, nós somos de trabalho e menos polémicas.

Somos reconhecidos internacionalmente como bons gestores do voleibol e demos o exemplo nos Jogos Africanos.

Eu convido os críticos a colaborarem e a trabalharem profissionalmente.

@V – É dos mais antigos dirigentes federativos que o país jamais viu. Para quando será a próxima assembleia-geral da federação para a eleição de novos órgãos?

CA – Em Fevereiro do próximo ano.

@V – Vai recandidatar-se?

CA – Quando foi criada a lei que obriga os dirigentes federativos a serem reeleitos apenas uma vez, decorria o actual mandato. Vou submeter a minha recandidatura.

Fórmula 1: Vettel vence na Coreia e lidera “Mundial” de pilotos

A quatro provas do fim, a temporada 2012 tem um novo líder e ele chama-se Sebastian Vettel. No último domingo, o alemão venceu o GP da Coreia do Sul e ultrapassou Fernando Alonso, que liderava a classificação desde a oitava prova do ano.

Texto: Redacção/Agências

Após ultrapassar o companheiro Mark Webber na largada, Vettel passou em Yeongam até receber a bandeira xadrez do rapper coreano PSY, que dominou o circo da Fórmula 1 durante todo o fim-de-semana. Vettel conseguiu o seu terceiro triunfo consecutivo, um domínio que lembra a soberania da RBR em 2011, e virou o jogo sobre Alonso: chegou aos 215 pontos na tabela de classificação e agora está a seis à frente do espanhol, terceiro na corrida.

Foi uma primeira volta de tirar o fôlego, com intensas disputas na estreita pista de Yeongam. Apesar de estar na parte suja do traçado, Vettel largou melhor que Webber e tomou a liderança na primeira curva. Mesmo com o companheiro de RBR na disputa pelo título, o australiano não aliviou: nas curvas seguintes, tentou dar o troco ao alemão, mas sem sucesso.

Logo atrás, Hamilton, Alonso, Raikkonen e Massa protagonizaram belos duelos, e os quatro carros ficaram praticamente lado a lado. Melhor para a dupla da Ferrari: Alonso ganhou a terceira posição de Hamilton, enquanto Massa tomou o quinto lugar de Raikkonen.

No pelotão intermediário, Button penou com a dupla da Sauber. Foi tocado pelo seu futuro companheiro de McLaren, Sergio Pérez, na primeira curva. Na sequência disso, foi atingido em cheio por Kobayashi e deixou a corrida. Com a asa dianteira danificada, o japonês precisou de ir para as boxes, caiu para o fim do pelotão e, voltas depois, ainda foi punido com um drive through. Nico Rosberg também foi tocado no incidente e abandonou a prova na volta seguinte.

Com o Mercedes de Rosberg parado na saída da curva 3, a direcção de prova não permitiu o uso da asa móvel até conseguir remover o carro, o que aconteceu na 10ª volta. Até lá, houve poucas ultrapassagens.

Com a asa móvel autorizada, os duelos voltaram, com destaque para as lutas entre Ricciardo e Senna pela 13ª posição e Schumacher e Di Resta pelo 10º lugar. Enquanto isso, Vettel imprimiu uma boa sequência e criou boa vantagem sobre Webber na liderança.

Se Grosjean passou ileso na primeira volta, quase bateu nas boxes. Ao sair dos pits, por pouco não acertou a Force India de Hulkenberg.

A primeira rodada de pit stops não provocou mudanças no pelotão da frente. Hamilton foi o primeiro a parar, na 13ª volta. Uma passagem depois, foi a vez de Webber, Massa e Raikkonen. Na sequência disso, Vettel e Alonso foram às boxes. Vettel voltou para a frente com tranquilidade, seguido de Webber, Alonso e Hamilton. Massa e Raikkonen retornaram atrás de Pérez, que ainda não havia parado, e precisaram de ultrapassar o mexicano para assumir a quinta e a sexta posição, respectivamente.

Na 20ª volta, Grosjean e Maldonado, pilotos que mais se envolveram em confusão na temporada, fizeram um belo duelo pelo oitavo lugar. O francês da Lotus levou a melhor.

Logo depois, foi a vez de Massa e Hamilton disputarem uma posição, num confronto que rendeu muita confusão em 2011. Desta vez, ambos saíram inteiros do duelo, e o brasileiro deu-se melhor, assumindo o quarto lugar. Com problemas para imprimir um bom ritmo com o McLaren, Hamilton ainda sofreu pressão de Raikkonen. O finlandês usou a asa móvel na recta e ultrapassou o britânico. Mas o piloto da McLaren deu o troco sem DRS nem nada na curva 4

e recuperou a quinta posição com uma linda manobra. A luta estendeu-se por mais seis voltas, até Hamilton parar nas boxes pela segunda vez. O piloto perdeu tempo no pit devido a um problema no pneu dianteiro.

Massa aproveitou o duelo entre Raikkonen e Hamilton para obter vantagem na quarta posição. Com uma boa sequência de voltas, mostrou-se mais rápido que Alonso e aproximou-se do espanhol. Porém, a Ferrari pediu para o brasileiro não acelerar e não ameaçar o companheiro de equipa. Mais à frente, Vettel ultrapassava. Na 28ª volta, a vantagem para o segundo, Webber, era de nove segundos.

Distracção de Vettel

Vettel estava tão tranquilo na liderança que pareceu ter relaxado. Na 35ª volta, o alemão distraiu-se, travou tarde na curva 3 e deu uma forte fritada que desgastou o pneu dianteiro direito. Com medo da queda de rendimento, a RBR chamou logo o piloto para as boxes e antecipou o segundo pit stop. Massa também realizou a sua paragem, enquanto Webber e Alonso visitaram as boxes algumas voltas antes.

Uma disputa tripla roubou a cena na 39ª volta. Com os pneus desgastados, Hamilton sofria investidas de Grosjean e fechava a porta. Hulkenberg aproveitou-se da luta e tomou as posições dos dois, subindo para o sexto lugar. E a luta para segurar o francês da Lotus de nada adiantou. O britânico precisou de parar novamente nas boxes devido a intensa degradação dos compostos. Voltou no meio do pelotão e teve de ultrapassar os carros da STR para voltar à zona de pontuação.

Hamilton e o tapete verde

De tanto procurar atalhos para ganhar posições, Hamilton acabou por se enroscar com um objecto inusitado: um pedaço de relva sintética que cobria uma área de escape da pista. Ele seguiu até ao fim da prova com o tapete enganchado no seu carro e ainda precisou de segurar a pressão de Pérez – que o substituirá na McLaren em 2013 – na volta final.

O próximo capítulo da luta de Vettel e Alonso pelo tricampeonato mundial tem data marcada: dia 28 de Outubro no GP da Índia, 17ª etapa da temporada.

Publicidade

Venham mais 80 anos!

A Laurentina Clara acompanha os moçambicanos desde 1932. É uma cerveja de maturação longa com uma receita que tem melhorado ao longo destes 80 anos, dando-lhe uma qualidade única reconhecida por todas as medalhas e prémios que já recebeu. Vamos celebrar todos juntos. Parabéns Laurentina!

80 ANOS Cada vez melhor desde 1932

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Quando Noel Langa não tiver tinta a sua turma não trabalha

O célebre artista plástico moçambicano, Noel Langa, ministra – na sua residência, em Maputo – aulas de arte contemporânea a gente de tenra idade. Nos dias em que o material acaba, as lições ficam comprometidas...

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Quando se chega à casa de Noel Langa, a primeira impressão que fica é a de se estar numa organização turística sob o ponto de vista artístico-cultural. O facto não se deve unicamente aos bens de arte que “inundam” o espaço, nem à forma como se estruturou, mas a um conjunto de outros signos aparentemente insignificantes, mas que desempenham um papel fundamental na composição do sentido de arte, cultura e conhecimento.

No primeiro dia de Outubro – altura em que o visitámos –, logo no seu espaço de estar, visualizam-se livros, jornais, paletas de cores, pincéis, incluindo um rádio que o mantém informado. Noel gosta de música também. Quando pinta escuta um bom jazz e/ou blues. Enriquece a sua criação sem, como acontece com os demais géneros musicais, influenciar o processo.

O seu procedimento no que toca à criação é um momento ímpar, um espectáculo. Quando há gente em seu redor não gosta de gerar arte, mas nós já tivemos essa oportunidade. Uma excepção que, para si, por ser isso, se carregou de muito simbolismo.

“É uma pena porque chegou um pouco tarde. Podia ter encontrado um conjunto de crianças que querem tomar as rédeas da casa. Um dia, o mestre Noel terá de ficar como Malangatana. Ele vai desaparecer. Apenas ficará o nome. Então, quem vai pintar? Quem deverá cuidar desta casa? São as crianças. Aprecio o seu entusiasmo. Essa vontade de querer descobrir o que eu descobri. Elas têm sorte porque, no mínimo, possuem alguém que lhes possa orientar, o que eu não tive”, considera.

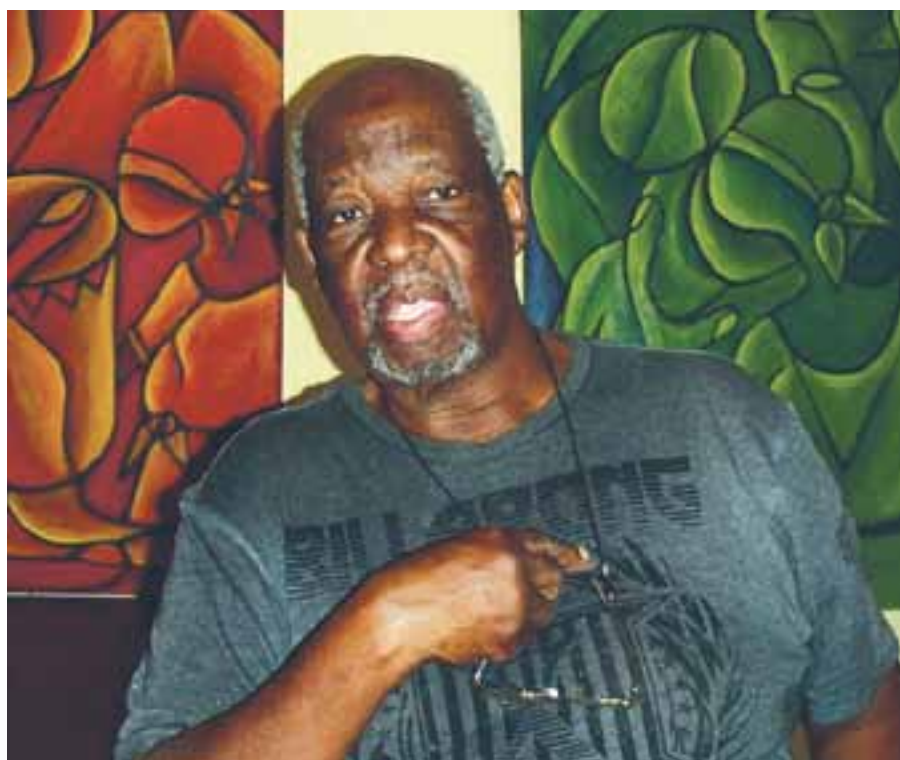
Conversar com Noel, um homem experiente, calmo, extrovertido, é uma experiência singular. A sua relação com a arte, algo secular, revela-nos que um artista não se torna, nasce assim.

Ainda na infância, na escola, no tempo do recreio, Noel pintava no chão – num processo que implicava carregar uma porção de areia vermelha até o local para contrastar com a branca – até que um dos seus professores lhe ofereceu uma resma de papel e lápis de cor para garantir a conservação dos desenhos. O artista acredita que “é assim que o bicho da pintura me infecta”.

Dos seus 74 anos de vida, a maior parte foi dedicada às artes. Em resultado disso, compreende-se o seu discernimento aguçado em relação aos potenciais artistas, dentre os seus pupilos. Diz que “nem todos os miúdos têm pendores para a pintura. Eles influenciam-se e vêm ao Centro Cultural Arco-Íris. Há vezes em que enchem a sala, mas ao longo do tempo alguns desaparecem. Os que ficam devem ser muito estimulados”.

Ao longo do seu processo de formação como artista, Noel Langa teve a sorte de trabalhar com Alberto Chissano, outro paquiderme das artes plásticas moçambicanas. Aliás, foi Chissano que o levou a realizar as suas primeiras exposições de arte.

Filho e neto de oleiras, Noel chegou a viver com padres antes de romper com a resistência ideológica do seu pai que queria torná-lo sacerdote. Segundo afirma “a todo o custo, o meu pai queria que eu me tornasse pastor da



Missão Suíça. Tanto é que, por algum tempo, vivi com três pastores, tudo feito com a finalidade de incutir em mim a doença de dizer a palavra de Deus. Mas o seu plano não deu certo, eu fiquei nas artes”.

Quando se lhe pergunta, entre as instituições privadas e estatais (no seu país) quais é que demandam mais as suas obras, incluindo o sentido que daí se produz, Noel respira fundo, instala um silêncio, e desabafa:

“Quase que eu ia chorar no princípio do mês de Setembro. Não me vou referir aos nomes das instituições. Mas mandei-lhes cartas de pedido de patrocínio, o que não significava pedido de dinheiro. A empresa que patrocinaria a iniciativa devia seleccionar uma obra de arte, a qual devia ser exposta na província de Gaza em Outubro, no âmbito de um evento que não será realizado. As vantagens que o mecenas teria estão explicadas no documento. Mas a sua resposta não foi animadora”.

Noel congratula-se com a Presidência da República, instituição que, a partir das viagens do Chefe de Estado, “me ajudou a popularizar o meu nome no estrangeiro, mas não é isso que dá vida ao artista. Seria importante que existisse uma instituição que zela pelos interesses do criador”.

Para Noel, afirmar que personalidades como Mankeu, Victor Sousa, Samate, Estêvão Mucavele, entre outros, são artistas e que não têm como se desviar da sua actividade é senso comum. Não há dúvida nenhuma. Por essa razão deviam receber mais estímulo para ficarem despreocupados com a sua subsistência.

Devia-se criar um subsídio para o artista – o que é necessário para permitir que a partir daí, em qualquer evento do Governo, se possa saber onde buscar as obras e realizar mostras de arte. Isso no nosso país não existe. É em resultado disso que Noel Langa só pinta quando tem tinta. Se ele não tiver condições, entendidas como materiais para o trabalho, a prática da pintura – por parte dos formandos – fica interrompida.

Interpretando-se o percurso das artes plásticas em Moçambique, na visão de Noel Langa, fica-se com a impressão de que se está diante de uma história subdividida em três épocas: antes, durante e depois da independência nacional, incluindo os nossos dias.

Quando se proclama a nossa liberdade, os portugueses que conheciam Noel e Chissano como artistas levaram consigo os seus objectos artísticos. “Compravam as obras em grande quantidade. Era animador. Depois disso, instalou-se uma nova modalidade de venda, a cooperação, que consistia na vinda de cidadãos estrangeiros com o mesmo objectivo. Animámo-nos com isso e, infelizmente, não criámos condições para que o cidadão nacional ganhasse o hábito de apreciar as artes. Falhámos! Por isso, actualmente, não há a cultura de visitar museus e mostras de arte”.

Se é verdade que a cooperação teve um impacto positivo, não é menos verdade que isso gerou um efeito pernicioso: “muitos dos meus amigos deixaram de ser artistas. Tornaram-se artesãos. Produziam arte para vender”. Ou seja, depois da cooperação instalou-se a nossa realidade: “se eu lhe disser que há vezes que eu (entendido como Noel, Samate, Mankeu, Mucavele, ou qualquer outro artista) fico sem, pelo menos, cem meticais, não acreditaria”.

Não acredito nas intenções dos políticos

Devido à forma como alguns se comportam no Parlamento – um espaço público – Noel Langa não acredita nas boas intenções dos políticos. Para si, “trata-se de um jogo, diferente do futebol, em que eles fazem discursos ofensivos, agredindo-se publicamente, a fim de, em certo sentido, cegarem a vista dos cidadãos para depois da plenária apertarem-se as mãos e consolidar a sua amizade. São amigos. Alguns não respeitam os símbolos nacionais. Eles lavam a roupa suja na Assembleia da República. E as crianças vêm e captam isso: Que tipo de educação se pretende propalar no país?”, lamenta a terminar.

“O Piolho Zarolho e Arco-íris da Amizade” para educação especial

Texto: Redacção

A Escola Primária Completa Especial Número 2, na cidade de Maputo, acolheu esta terça-feira (16), a apresentação do livro intitulado “O Piolho Zarolho e Arco-íris da Amizade”, da autoria de Lurdes Breda, escritora infanto-juvenil portuguesa. A obra, segundo a autora, foi lançada, em 2010, em Portugal.

A Moçambique veio a convite do Movimento Literário Kupaluxa, com o objectivo de consciencializar as pessoas a ajudarem as crianças com problemas genéticos especiais, sobretudo das escolas, desenvolver o gosto pela leitura e escrita, bem como fazer da literatura infanto-juvenil uma forma de contribuir para o desenvolvimento psíquico das crianças em particular.

Trata-se de um evento que conta com a promoção da Associação Cultura, Educação e Turismo (ACETUR).

O livro em alusão é composto por desenhos retratando uma diversidade de objectos acompanhados de uma legenda. Para Breda, o recurso ao sistema de comunicação aumentativa e alternativa serve como um estímulo à imaginação, cria nas crianças mais afectividade e criatividade.

Na cidade de Coimbra, em Portugal, a obra foi lançada com os seguintes objectivos: facilitar a descoberta da criança e a sua compreensão do mundo, tendo em consideração a diversidade étnica, religiosa, regional e cultural; fomentar atitudes inclusivas e de cidadania; ajudar a criança a escolher, descobrir e testar uma escala de valores: justiça, paz, liberdade, igualdade e solidariedade; desenvolver a criatividade e o mundo imaginário e proporcionar às pessoas incapazes de prover às suas próprias necessidades diárias de comunicação, através de meios naturais como a fala, o gesto ou a escrita, sistemas alternativos ou aumentativos de expressão.

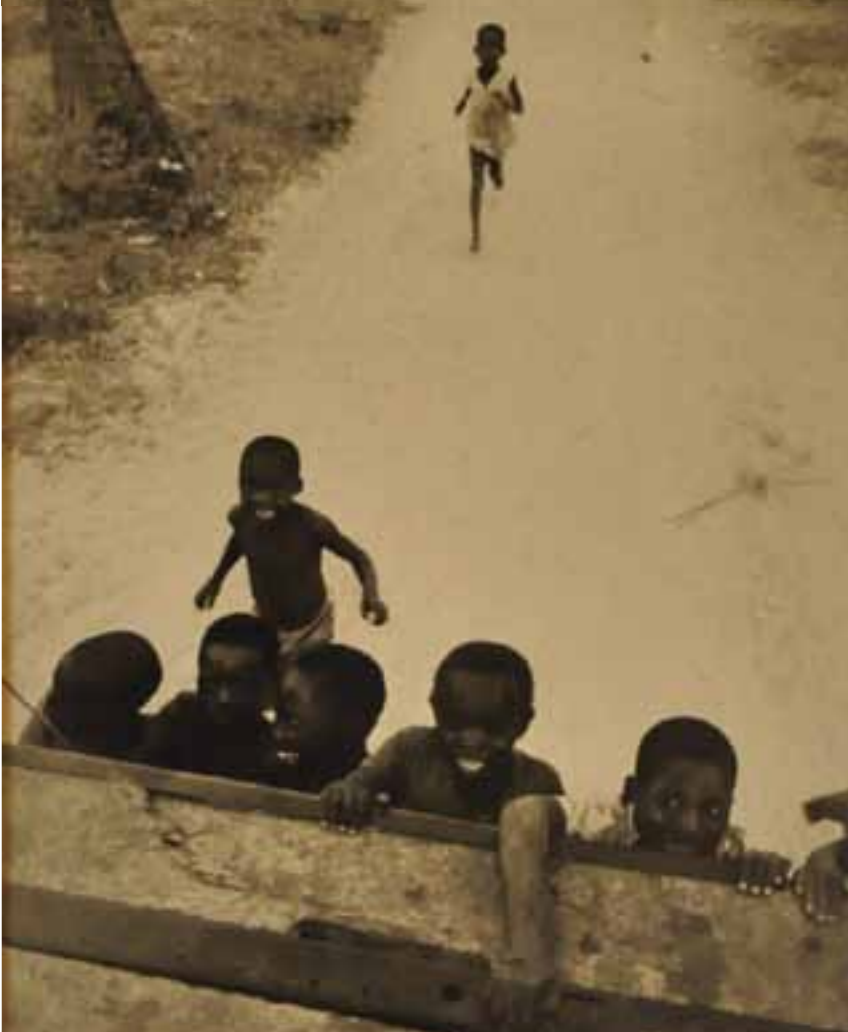
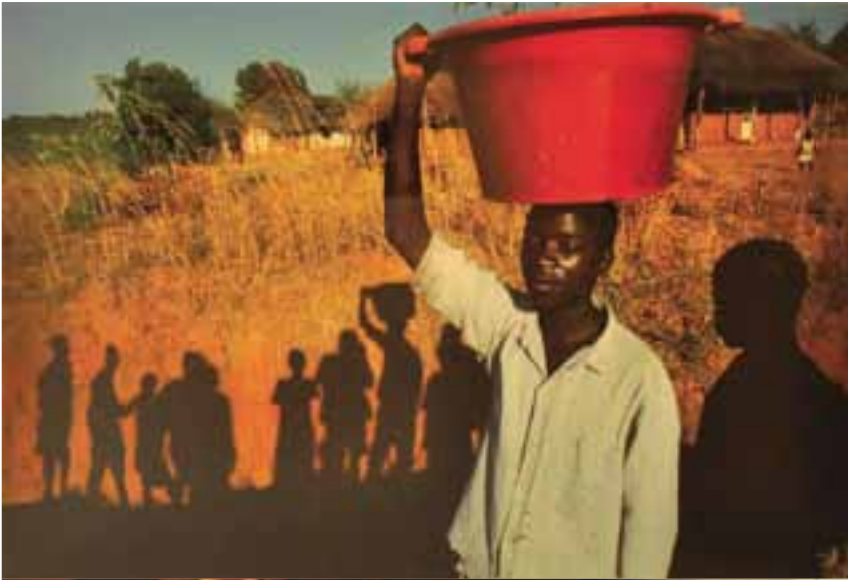
A directora da Escola Primária Completa Especial Número 2, Beatriz Xavier, “O Piolho Zarolho e Arco-íris da Amizade”, destinado a crianças do Ensino Pré-Escolar, 1º Ciclo do Ensino Básico e pessoas com Necessidades Educativas Especiais, tem o que as crianças gostam de ver e aprender.

Aquela escola lecciona o nível primário básico a cerca de 90 alunos divididos em dois grupos, nomeadamente, de escolarização e de sensorial. Fazem parte do primeiro, crianças que mesmo tendo alguns problemas estão em condições de aderir ao sistema de ensino e aprendizagem e assimilar a matéria normalmente.

O segundo grupo é composto por alunos que não estão preparados para serem imediatamente escolarizados. Trata-se de crianças com deficiências motoras e que primeiro precisam de se familiarizar com o meio em que se encontram e mais tarde passarem para a fase de escolarização.

Por seu turno, Pires Jacinto formado em psicologia especial, e a trabalhar na Escola Primária Completa Especial Nr.1 há seis meses, afirma que tem duas tarefas fundamentais.

A primeira passa pelo agrupamento das crianças mediante as suas características ou resultados do diagnóstico feito no hospital. A segunda está relacionada com o acompanhamento psico-pedagógico das crianças já agrupadas em turmas.



Era uma vez...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Miguel Manguze

No roldão de um infundado conflito armado que, logo depois da conquista da independência nacional, se instalou no seu país, as pernas de Natércia Lopes* foram amputadas. Com efeito, semelhante à guerra, um fenómeno social e humano que não possui nenhuma regra, justiça, senão a desestabilização e luto, a partir daquela data, a vida e o futuro desta cidadã tornaram-se uma incerteza.

Nos escombros provocados pela guerra, com destaque para uma locomotiva paralisada, encontram-se Samuel e Júlio, dois petizes nascidos um pouco antes do Acordo Geral de Paz, em 1992. Eles cresceram num ambiente condenado pelo impacto do conflito mas, como não tiveram uma participação directa, sonham com um futuro radiante.

Entretanto, do outro lado, noutra foto, para Carlos – um jovem que diariamente é obrigado a fazer longos trajectos para ter acesso a água potável – a ideia de um risonho não passa de uma ilusão.

Na verdade, na série de fotos que o conceituado fotógrafo moçambicano, Sérgio Santimano, expõe na sua mostra “Karingana wa Karingana” é possível apreciar ainda ícones de cidadãos moçambicanos, de ambos os sexos e de todas as idades, em ramos como a indústria artesanal, pesca, em muitos lugares do território nacional, em que milhares de moçambicanos realizam longas marchas em busca da água potável.

Uma prova exacta de que a arte de viver é sempre um desafio. Além da sua beleza, que prende a vista dos visitantes na tela, as fotografias de Santimano revelam os argumentos do povo moçambicano – em diversos espaços, com enfoque para os rurais e suburbanos – enfatizando as actividades através das quais cada um, no seu sector, com a sua acção, e reforçando a ideia de que a pobreza não é uma herança mas uma realidade que carece de transformação. Eles lutam, trabalham e, à sua maneira, modificam o meio.

É desta forma que Santimano – na sua crónica fotográfica, “Karingana wa Karingana”, o “Era uma Vez” – narra a vida dos moçambicanos. As obras podem ser apreciadas na galeria do espaço Kulungwana, na estação central dos Caminhos-de-Ferro, em Maputo.

*Os nomes são fictícios



Plateia

Danças (com história) para a humanidade...

Desde 2010 que o Governo moçambicano – através das suas instituições – prepara a documentação para a candidatura das danças tradicionais Mapiko, Tufo e Xigubo à categoria de Património Oral e Imaterial da Humanidade. No entanto, há um ano para o envio dos processos, o país (ainda) carece de bibliografia.

Texto: Redacção/Eduardo Quive

A candidatura de Moçambique para a categoria de Património Oral e Imaterial da Humanidade, com o limite de entrada àquela organização das Nações Unidas marcada para 2013, é composta por três danças, nomeadamente o Xigubo, da região sul de Moçambique, Mapiko e Tufo, das províncias de Cabo Delgado e Nampula, no norte.

O Xigubo – praticado, essencialmente, nas províncias de Maputo e Gaza – é uma dança que se manifesta com base numa expressão do corpo em que a preocupação do dançarino é revelar as suas aptidões físicas, a sua força guerreira e, em certo sentido, a segurança da sua sociedade, em termos de defesa militar. No fim das grandes batalhas históricas, esta modalidade de dança – que se tornou artística – era realizada com o fito de festejar os logros militares dos guerreiros, incluindo a preparação dos mesmos para potenciais confrontos. Por isso, a síntese de que é uma “dança guerreira” reúne consenso.

Caso contrário, a tese defendida pelo célebre escritor moçambicano José Craveirinha, na obra O Folclore Moçambicano e Suas Tendências, não faria sentido. No livro, escreve o notável poeta que atribui a paternidade do Xigubo aos Zulo que “Nem o ronga, nem o changana dançavam Xigubo antes de os Zulo invadirem as suas terras e imporem muitos dos seus costumes, embora, por sua vez, adoptassem hábitos próprios dos povos submetidos pela força das armas”.

Dados dispersos, alguns dos quais na posse do Ministério da Cultura, revelam que o Xigubo é praticado desde a fixação dos Zulo na África do Sul – que se alastraram para diversos territórios da África Austral, incluindo Moçambique – por volta de 1740, altura em que Dingiswayo arrancou o poder da tribo Mthethwa, dando início à sua política de expansão territorial, e subjugando os povos autóctones.

De acordo com os pesquisadores, por vezes, os apontamentos encontrados sobre o tema mostram-se dúbios e ambíguos, mas convergem num aspecto: o Xigubo é o nome que se atribui a apenas um instrumento de que deriva o nome da dança.

A dispersão e a falta de informação referente ao Xigubo, o potencial candidato à dita categoria, são tidos, pelo director da Acção Artístico-Cultural, Roberto Dove – para quem “há escassez de estudos no país sobre as danças tradicionais. A candidatura de qualquer signo à categoria de Património da Humanidade deve ser acompanhada de informação cientificamente comprovada” – como os principais entraves no processo.

É em resultado desse contexto que, presentemente, o ARPAC, um Instituto de Investigação Sociocultural, está empenhado na construção de uma documentação adequada para fundamentar a candidatura do instrumento junto à UNESCO.

Sabe-se, porém, que o processo da recolha da informação referente ao tema – um trabalho dependente de fontes orais, poucos (ou quase nenhuns) bibliográficos, incluindo a sua compilação para depois ser apresentada ao Conselho Consultivo do Ministério da Cultura de onde passará para o Conselho de Ministros – ainda levará muito tempo.



Foto: Página Global



Foto: Redacção



Foto: Nyuku wa mudrimi

Como se manifestam

A dança do Xigubo consiste no alinhamento de um determinado número de homens – entenda-se, dançarinos – em uma ou duas filas, devidamente adornados com objectos de fibras e peles nos braços e nas pernas, colares de sementes, entre outros signos, vestindo saiotos confeccionados com peles de animais, as quais se fazem acompanhar de um instrumento de defesa denominada xitlhangou ou azagaia.

Nas extremidades da fila feita pelos dançarinos, geralmente, encontram-se duas bailarinas que se “confrontam”. Elas têm um papel dissociado – estética do contraponto – da dança executada pelos homens.

Em relação ao Mapiko, conforme se escreve na edição de 19 de Setembro de 2012, do jornal Notícias, “é uma dança moçambicana, praticada na província de Cabo Delgado, nos distritos de Mueda, Macomia, Muidumbe e Mocimboa da Praia, estando associada a processos de socialização e integração dos membros da comunidade”.

Por sua vez, ainda conforme a dita publicação, o Tufo é descrito como sendo, essencialmente, uma dança feminina e de influência árabe praticada em cerimónias, festas e efemérides do calendário islâmico. Popularizou-se na região norte de Moçambique, precisamente nos distritos litorais das províncias de Nampula, Cabo Delgado e Zambézia, constituindo uma das danças suaves que privilegiam o movimento cadenciado dos pés, dos braços, das mãos e da cintura, associado ao compasso das canções e do som do batuque.

Eles maculam as danças tradicionais...

Em Nampula, norte de Moçambique, associações culturais que velam pela preservação das danças tradicionais locais como, por exemplo, o Tufo e o Nsope, consideram que nos últimos tempos têm surgido grupos que adulteram as danças a fim de satisfazerem os seus interesses materiais...

Texto: Redacção

De acordo com Associação dos Grupos Culturais de Mulheres da Ilha de Moçambique, na província de Nampula, o fenómeno da adulteração das danças tradicionais pode estar associado a crises sociais, com particular enfoque para a financeira. É que, em resultado da demanda que as referidas modalidades artístico-culturais possuem por parte de turistas, pessoas sem base intelectual e histórica sobre o Tufo, o Nsope e o Massebwa – algumas das danças mais instrumentalizadas – praticam-nas com o mero objectivo de ganhar dinheiro.

Em virtude disso, as ditas manifestações de arte e cultura do povo de Nampula ficam desprovidas de todo o sentido e valor de cultura tradicional que os caracterizam. “Proliferam, na província de Nampula, grupos que se assumem como praticantes de Tufo e Nsope. Como aprenderam? Quem lhes ensinou? Procurando-se as respostas na forma como os ditos grupos se relacionam com a dança, nota-se imediatamente, em resultado da sua baixa qualidade de performance, que simplesmente enganam as pessoas – com destaque para os turistas – para satisfazer os seus interesses económicos”, considera Tuquia Abacar Juma, a secretária da Associação dos Grupos Culturais de Mulheres da Ilha de Moçambique, a organização que dirige mais de dez formações que praticam Tufo, Nsope e Massebwa.

Segundo Tuquia Abacar, a deturpação das danças nota-se no que toca à maneira de dançar, dos cânticos que eles entoam, incluindo a sua indumentária.

Acredita-se que só na cidade de Nampula existem mais de dez grupos “piratas” que possuem o mesmo nome, o que, no entender da fonte citada, mostra que os envolvidos na prática criam os seus núcleos para manchar os artistas que operam na área há anos.

“Quando uma criança brinca mal, ainda que chamada à atenção se mostra arrogante, por fim, é considerada mal-educada. É essa a conotação que, em resultado do comportamento dos aludidos mercenários, ganham os verdadeiros praticantes do Tufo, Nsope e Massebwa”, refere a dirigente.

Sol da cultura moçambicana cintila em Macau...

A primeira viagem dos artistas agremiados no Grupo Girassol – a mesma colectividade cultural que, anualmente, realiza o Festival Teatro de Inverno, em Maputo – para o exterior aconteceu, 25 anos da sua criação, em Outubro de 2012. O destino foi Macau, na República Popular da China...

Texto: Redacção • Foto: Grupo Girassol

Termina na próxima terça-feira, 23 de Outubro, o XV Festival Cultural da Lusofonia, evento ao qual se atrelou a IV Semana Cultural da China e dos Países da Língua Portuguesa, em Macau.

Em Moçambique, o Governo, através do Ministério da Cultura, seleccionou a Associação Cultural Girassol que, nos seus 25 anos de existência, realiza o Festival de Teatro de Inverno há 10 anos.

Por isso, o ministro da Cultura, Armando Artur João, que se despediu dos artistas na semana passada, fez da ocasião não somente um momento para estimular os artistas a representar condignamente o país – o que irá contribuir para catapultar a visibilidade dos moçambicanos, enquanto produtores de arte – como também para atrair parcerias estrangeiras, de vária natureza, com o fim de relançar a indústria cultural moçambicana, com destaque para a discográfica que se mostra falida.

Os mandamentos de Artur

O ministro da Cultura, Armando Artur, considerou que, para o Governo, é sempre gratificante e motivo de satisfação tomar conhecimento de que os artistas moçambicanos irão representar a nação em eventos culturais que decorrem no estrangeiro. Afinal, “sabemos que se trata de mais uma jornada de divulgação da nossa riqueza artístico-cultural”.

Na verdade, talvez seja por essa razão que Artur está seguro de que “a Associação Cultural Girassol constitui um grupo que não deixa os seus créditos em mãos alheias. É uma colectividade que já deu provas da sua excelência. Por isso, quando chegou o convite da China, não tivemos nenhuma hesitação em indicar o Grupo Girassol para representar o país”.

É por essa razão que, na percepção do ministro, os 10 elementos seleccionados de um universo de 40 que se encontram em Macau, deviam, mais uma vez, ter em mente que se tornaram embaixadores da cultura moçambicana, afinal, “irão representar mais de 20 milhões de moçambicanos”.

Mesmo, em função disso, Armando Artur João entendeu que tinha razões acrescidas para engendrar um receituário de como os seus artistas se devem comportar na China. Aliás, as possibilidades de tal ser diferente eram diminutas. O Ministério da Cultura surge, neste processo, como mediador da relação entre o grupo e o festival.

Deste modo, “o nosso apelo é no sentido de que em cada momento, seja de actuação, seja de lazer, sempre se lembrem de que representam a República de Moçambique”. Ora, recordar-se disso implica cuidar de que “todo o vosso comportamento, a vossa prestação deva tomar em conta esta grande responsabilidade”. O governante explicou a sua posição, baseando-se na consciência de que “as pessoas que irão assistir às exhibições do grupo têm em mente que não somente estão a ver a manifestação cultural do Grupo Girassol, mas sim do povo moçambicano”.



Porque, na percepção do ministro da cultura, “não restam dúvidas de que as artes e a cultura moçambicana atingiram um alto patamar de tal sorte que, presentemente, ombreamos em pé de igualdade com os demais países do mundo, sob o ponto de vista de qualidade”. Além do mais, reitera o governante, que é escritor, que “o nosso país já produziu monstros (no mesmo sector) que se tornaram estrelas em todo o mundo. Outras das referidas personalidades já pereceram, mas legaram-nos um rico espólio da sua produção que continua a ser uma referência”.

Entretanto, quando o ministro se recorda de que, no seu país, sectores como a indústria discográfica estão à beira da falência e que a pirataria engrossa as dificuldades que retardam o progresso profissional dos agentes de arte, elabora um apelo urgente. “Angariem investidores para o nosso país, não somente para as áreas da economia como também, e principalmente, para o sector da cultura, explicando as potencialidades que o país possui”. E não lhe faltam argumentos: “Se não formos nós, os artistas, em primeiro lugar, a realizar a tarefa de atrair parcerias no estrangeiro, ninguém mais fará. Precisamos de relançar a nossa indústria discográfica, de fabrico de instrumentos musicais, de produção de adereços para o teatro (...)”.

Artistas motivados

Lisonjeados pela possibilidade de exibirem as suas criações fora do país, os artistas que presentemente se encontram em Macau prontificaram-se a seguir à risca as recomendações ministeriais. Afinal, 25 anos depois, apesar de não realizarem a sua actividade com o fito de cobrar algo, “é bom que o referido trabalho artístico-cultural seja reconhecido”.

Em Moçambique, e no mundo, o Grupo Cultural Girassol é mais conhecido como protagonistas de peças teatrais. Em oposição a isso, “o Festival da Lusofonia solicitou-nos que apresentássemos a componente da dança. Deste modo, trabalhamos no sentido de os 10 elementos que, essencialmente são bailarinos, tenham também o domínio do teatro para que, se for necessário, possamos representar o país nesta componente”.

Refira-se então que numa altura em que as danças Xigubo, do sul do país, Mapiko e Tufo, da região norte, são, para o país, potenciais concorrentes nas categorias de património da humanidade na UNESCO, o Grupo Girassol criou condições para que fossem exibidas em Macau. Mas, a par disso, levou consigo outras danças, nomeadamente Utsi, Marrabenta e géneros de canções como Nondje e Limbondo.

Mo Yan inspira-se no sofrimento para ganhar Nobel de literatura

O escritor chinês Mo Yan, que ganhou o Prémio Nobel de Literatura, foi forçado a abandonar a escola primária e criar gado durante a Revolução Cultural da China e, algumas vezes, estava tão necessitado que comia cascas de árvores e ervas daninhas para sobreviver.

Mas Mo, de 57 anos de idade, está convicto de que esse sofrimento inicial deu-lhe a inspiração que gerou os seus trabalhos, que abordam a corrupção, a decadência na sociedade chinesa, a política chinesa de planeamento familiar e a vida rural.

“A solidão e a fome eram as minhas fortunas de criação”, disse certa vez o autor do romance “O Sorghum Vermelho”. A decisão de dar a Mo o prémio prestigioso será recebida com alegria e consternação na China, pois ele é o primeiro escritor de nacionalidade chinesa a ganhar o prémio de literatura.

O autor, cujo pseudónimo Mo Yan significa “não fale”, é tido pelos críticos como muito próximo do Partido Comunista, apesar de alguns dos seus livros terem sido proibidos. Os títulos dos seus livros incluem “Big Breasts and Wide Hips” (“Seios Grandes e Quadris Largos”) e “A República do Vinho”.

Influenciado por Gabriel Garcia Marquez, D.H. Lawrence e Ernest Hemingway, Mo usa a fantasia e a sátira em muitos dos seus livros, que foram considerados pela imprensa estatal como “provocativos e vulgares”.

“O Sorghum Vermelho” retrata as dificuldades enfrentadas pelos agricultores nos primeiros anos do regime comunista e foi transformado num filme indicado para um Oscar pelo director Zhang Yimou.

A ameaça de um livro ser proibido no mercado interno significa que os autores chineses têm que pisar em ovos se quiserem ganhar a vida desta forma, mesmo que o sistema de censura de hoje não seja tão aterrorizante como foi durante a era maoísta radical.

“Um escritor deve expressar as críticas e indignação com o lado escuro da sociedade e a feiura da natureza humana, mas não devemos usar uma expressão uniforme”, disse Mo num discurso em 2009.

“Alguns podem querer gritar na rua, mas devemos tolerar aqueles que se escondem nos seus quartos e utilizam a literatura para expressar as suas opiniões.” Alguns activistas de direitos humanos e outros escritores disseram que Mo não era digno do prémio e criticaram-no por comemorar um discurso do Presidente Mao Tse Tung.

Mo, cujo nome verdadeiro é Guan Moye, nasceu numa família de camponeses em Gaomi, uma aldeia no leste da província de Shandong. Quando a Revolução Cultural terminou, ele juntou-se ao Exército Popular de Libertação.

Redacção/Agências



COMOES
CENTRO DE COMUNICAÇÃO
PORTUGAL

Galeria do Centro Cultural Português
R. Julius Nyerere 720
MAPUTO
Das 11 às 19 horas
de Segunda a Sábado
Tel. +258 21 48 38 32
e: ccgmaputo@ccgportugal.org

A MUNDZUKU KA HINA
IMAGENS E PALAVRAS
LABORATÓRIO DE COMUNICAÇÃO

apresentam a
exposição fotográfica
REPORTAGEM FOTOGRAFIA CRIATIVA
FOTOGRAFIA E PUNTO DE VISTA GRATUITO
IMAGENS EM PALAVRAS

A Mundzuku Ka Hina é um laboratório de comunicação, vídeo, gráfica e alfabetização digital de imagens destinado sobretudo aos jovens do Bairro de Hulene que encontram na lixeira da cidade a sua fonte de sobrevivência.

Estamos em vez que qualquer hipótese de desenvolvimento económico, para chegar a bons termos, tem de ser acompanhada por uma evolução cultural e humana que possibilite o acesso a novas linguagens informáticas, novas formas de comunicação, análise da imagem e conclusão a tentativas com o resto do mundo.

Associação Basilicata - Moçambique
Matera - Itália

19 de Outubro | 20 de Novembro 2012
Inauguração: 18 de Outubro | 18 horas
Galeria do Centro Cultural Português

...Na poça de lama como no divino céu também passa a lua...

A Mundzuku Ka Hina
Imagens e Palavras
Escola Primária Completa da Imaculada, Bairro de Hulene B, Maputo
Tel. +258 826546894 | galacrb@yahoo.it | www.amundzukukahina.org



O PROJECTO

Mundzuku Ka Hina é um laboratório de comunicação dedicado aos jovens de Hulene, Bairro surgido ao redor da lixeira de Maputo, Moçambique, idealizado e guiado por Roberto Galante. Mundzuku Ka Hina iniciou em junho de 2008, graças ao sustento da Associação Basilicata Moçambique de Matera.

Como docentes participam e colaboram ao projeto fotógrafos, videomaker, gráficos provenientes de distintas cidades italianas. Pessoas que puseram à disposição do laboratório a própria dedicação, conhecimento e sensibilidade.

O nome do laboratório foi dado pelos mesmos alunos e na língua shangan significa "O nosso amanhã".

No laboratório se dão aulas de fotografia, vídeo e elaboração digital das imagens, alfabetização digital, mas na maior parte dos casos se procura intercalar a intensa e caótica vitalidade que os jovens expressam.

Através das fotos, vídeos e contos, os rapazes trazem histórias da própria vida, descrevem personagens que habitam na lixeira e falam do seu mundo único, degradado, estranho, mas intenso. Uma miríade que vai além do pletismo e nos restitui a imagem de um povo, o da Lixeira que expressa uma sua própria vitalidade, uma sua própria alegria e gana de vida.

A LIXEIRA

O Bairro de Hulene, periferia de Maputo, é um aglomerado de barracas e casebres surgidas ao redor da lixeira da cidade. O fulcro ao redor do qual dá volta a vida e a microeconomia de sobrevivência da gente de Hulene.

Um inerte e esteso cúmulo de lixo continuamente mexido pelo povo da Lixeira. Homens, mulheres e crianças em busca de tudo que seja ainda reciclável, ferro, plástica, alumínio, e tudo que seja ainda minimamente comestível.

A Lixeira é um recurso para a sobrevivência, mas também espaço da existência, refúgio e habitação, lugar de encontro e de troca, de amizades e paixões, de escaramuças e de prepotência. É lugar onde as coisas vão morrer, é o paradoxal início de outra vida, feita de desesperada sobrevivência, mas também de pulsante inextinguível vitalidade.

OBJETIVOS

Através do laboratório se querem perseguir principalmente três objetivos:

1. Dar a possibilidade aos rapazes de adquirir uma série de competências e capacidades no sector da comunicação para uma futura inserção de trabalho num setor em fase de desenvolvimento em Moçambique.
2. Contribuir ao desenvolvimento cultural de um lugar onde a emergência "cultural" não é menos prioritária em comparação co/a sanitária e alimentar.
3. Construir uma literatura desde abaixo através da imagem e da palavra, onde os rapazes adquiram a capacidade e os meios para representar a realidade que os rodeia, sendo eles mesmos os artífices da narração.

O Laboratório está aberto para qualquer colaboração, proposta, sinergia.



A Mundzuku Ka Hina - Imagens e Palavras
Escola Primária Completa da Imaculada, Bairro de Hulene B, Maputo
Tel. +258 826546894 | galacrb@yahoo.it | www.amundzukukahina.org

Segunda a Sábado 20h35 LADO A LADO

Edgar reclama de Laura não querer fazer um retrato seu. Bonifácio ameaça Guerra. Berenice se insinua para Albertinho. Sandra pede para Eulália deixá-la voltar para o trabalho.

Edgar decide ajudar Guerra a denunciar Bonifácio. Frederico dá aula de teatro para Neusinha. Zé Maria humilha Albertinho. Assunção viaja e se despede de Constância. Isabel afirma a Laura que não quer mais ver Albertinho. Zé Maria reclama do que está escrito no jornal sobre ele. Edgar leva Guerra para escrever em sua casa. Albertinho avisa a Laura que tomou uma decisão sobre a situação de Isabel.

Edgar se lamenta para Laura de ter participado de um ataque contra Bonifácio. Laura pede para Isabel aceitar a ajuda de Albertinho. Margarida vê o panfleto contra o marido na casa de Edgar. Margarida desiste de entregar a carta que recebeu para Edgar. Neusinha encontra Quequé na rua com a moça para quem ele deu o convite. Mário pede para Diva ajudar Neusinha com o teatro. Praxedes invade a redação do jornal de Guerra. Constância lê a carta endereçada para Edgar e fica furiosa.

Fernando descobre que Edgar é cúmplice de Guerra ao ver o panfleto na bolsa de Margarida. Fernando denuncia o irmão para Bonifácio. Zé Maria agradece Edgar por tê-lo ajudado. Bonifácio chega à casa de Edgar com Praxedes e dois policiais.

Segunda a Sábado 21h35 GUERRA DOS SEXOS



Otávio inventa uma desculpa para seu novo visual. Vânia se culpa pelo sumiço de Manoela e Ciça. Fábio tenta convencer Vânia de que Carolina mente. Carolina pede que Nieta a deixe voltar a trabalhar na Charlo's. Felipe convence Juliana a manter o emprego de Fábio. Depois de falar com Analú, Vânia conclui que Fábio estava certo sobre o caráter de Carolina. Roberta transmite à sua diretoria que o contrato apresentado por Otávio não tem valor. Analú se irrita com a maneira como Nando a trata. Felipe conversa com Roberta. Vânia pergunta a Juliana se existe algo entre ela e Fábio. Roberta cobra de Otávio um recibo que comprove o pagamento pelas ações da Positano. Otávio mente para Roberta. Juliana nega que

tenha algo com Fábio, mas Vânia não acredita. Carolina fica eufórica por voltar a trabalhar na Charlo's. Fábio procura Ciça na natação. Frô conta para Ulisses que Fábio beijou Carolina à força. Charlô e Roberta conversam em um restaurante. Otávio confessa a Felipe que não tem o recibo de pagamento das ações de Vitória. Semíramis fica nervosa com a presença de Nenê. Carolina mente para Juliana sobre a relação de Fábio e Manoela. Nenê pede para guardar seus pacotes na casa de Semíramis. Juliana aceita a carona de Nando. Charlô garante a Roberta que vai ajudá-la a descobrir o que aconteceu entre Otávio e Vitória. Manoela liga para Carolina. Nando fica penalizado ao ver Juliana chorando. Juliana termina seu romance secreto.

FESTA DO BONDORO

DJ FAYA & AMIGOS

SEXTA-FEIRA DIA 19 DE OUTUBRO
PELAS 22H NA DISCOTECA

COLETE

LADIES FREE ATÉ 23H

ENTRADE: 200MT com direito a drink

Beck

FOREVER
27 DE OUTUBRO

mcel

ENTERTENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Em Fontain Inn há um monumento dedicado a Eva, a primeira mulher, segundo as crenças bíblicas.

As mulheres da tribo Herero, de África, eram condenadas à morte se tirassem o chapéu em público.

Em Newport existe um monumento em honra do sr. Michele Felice Corne, o homem que, pela primeira vez no mundo, comeu tomate cru para demonstrar que este fruto não era venenoso, como se julgava.

Hachico era um cão vulgar, sem raça, e que pertencera a um velho professor de instrução primária que ia leccionar nos arredores de Tóquio. Todos os dias, no Verão e no Inverno, Hachico, que não podia viajar de comboio, ia esperar o dono à estação de Shibuya. Um pouco antes de começar a última guerra, o professor faleceu, mas essa circunstância não impediu que durante dez anos, pontualmente, Hachico comparecesse na estação olhando ansiosamente para todos os passageiros. Não tardou que os pais e namorados mencionassem, a propósito de tudo, o cão Hachico como símbolo da felicidade e da constância. E tendo-lhe sido erguida uma estátua de bronze que o reproduzia fielmente, tempos depois da sua morte, não foi o símbolo poupado à ordem de se recolherem todos os metais supérfluos para fazer canhões.

O município de Tóquio, interpretando os desejos de muitos milhares de admiradores de Hachico, conseguiu depois, de Mac Arthur, que uma das primeiras estátuas repostas na capital fosse a do extraordinário Hachico.

Num jornal podiam-se ler os seguintes anúncios sobre aluguer de casa e biberões, respectivamente:
“Aluga-se uma habitação para senhora acabada de pintar”
“Quando o bebé acabar de mamar, é conveniente mergulhá-lo em água a ferver”.

PENSAMENTOS...

- Um homem nunca está muito ocupado quando fala das suas ocupações.
- Uma receita para ter amigos: ser um.
- Muitos homens, em vez de sofrerem um só aborrecimento por dia, sofrem três: os que eles tiveram, os que têm agora e os que hão-de ter.
- Um perito é uma pessoa que torna complicadas as coisas simples.
- A primeira regra para falar bem é pensar melhor.
- O amor começa por grandes palavras, continua por pequenas palavras e acaba por más palavras.
- É um erro pensar que as mulheres se pintam para parecerem novas perante os homens; elas pintam-se para parecerem novas ante as outras mulheres.
- É preferível gastar-se do que enferrujar-se.
- O célebre comilão, o Abade Morellet, dizia que eram precisos dois para comer um peru. Portanto estava certo: ele e o peru.

SAIBA QUE...

Um homem, andando noite e dia, poderia dar a volta ao Mundo em cerca de 463 dias.

O célebre criador da moderna novela policial, Artur Conan Doyle, nasceu em Edimburgo, em 1859.

Na universidade da sua terra natal, cursou medicina, profissão que exerceu de 1882 a 1890.

Mas o seu espírito de aventura levou-o às regiões árticas e a África, e uma vocação irresistível arrastou-o para a literatura novelesca onde devia marcar um triunfo sem igual.

No entanto, esse sucesso não chegou senão quando publicou, em 1797, a sua novela “A Study in scablet”. Ai apareceu pela primeira vez o seu célebre herói Sherlock Holmes, cuja popularidade, com o andar do tempo, havia de ser tanta como nenhum outro personagem o pôde igualar ainda.

Este personagem traçou o caminho a toda a literatura policial tão em moda hoje.

Os arranha-céus edificaram-se por necessidade. A situação da cidade, sobre quase que uma ilha, não permitia nenhuma expansão e o desenvolvimento dos negócios tornava desejável que a Bolsa, os bancos, os seus clientes, as grandes companhias, os manufactureiros, etc., fossem agrupados.

Os primeiros de dimensão moderna datam de 1883. Em 1913 apareceu o “Woolworth Building” com 56 andares; em 1930 surgiu o banco Manhattan que atingiu 277 metros, e no ano seguinte o “Chrystal Building”, com 323 metros, e o gigantesco “Empire State Buiding”, com 381 metros.

RIR É SAÚDE

Um velho solteirão surpreende um dia os seus amigos anunciando-lhes ter-se casado.
Um deles pergunta-lhe:
- Como é que te resolveste a casar?
- Já me aborrecia de ir, todos os dias, sozinho, ao “café”.
- E agora?
- Agora é o meu maior prazer.

- A minha mãe - dizia um amigo a outro - era a mulher mais linda do seu tempo.
- Ah, então o feio era o teu pai...

No topo dum monte, um guia turístico diz a um turista:
- Vê? Eu não lhe dizia que daqui de cima se desfruta uma esplêndida vista?
- Olhe, apara lhe ser franco, continuo a ser tão miope como lá em baixo.

- Então o Albino está a mobilar a casa com móveis em segunda mão?
- É verdade. Como casou com uma viúva...

Numa pequena cidade do interior, o chefe da polícia recebe da capital a seguinte mensagem:
“Prenda o Rui Caldeira e guarde sigilo”.
Ao que o chefe da polícia local, passados dois dias, responde:
“Prendi o Rui Caldeira, mas Sigilo ninguém sabe onde anda”.

Uma moça, pelos vistos muito pouco dada às letras, dirige-se a um famoso escritor:
- O senhor tem de fazer o favor de me explicar como conseguiu escrever um livro com uma encadernação tão bonita!

- Depressa, doutor! O meu filho engoliu uma gaita-de-beiços!
- Calma, minha senhora! Ainda bem que não estava a tocar piano...

HORÓSCOPO - Previsão de 19.10 a 25.10



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: As questões que envolvam dinheiro constituem, para si, motivo de constante preocupação; tente não exagerar neste aspeto e encare os acontecimentos com algum otimismo. Próximo ao fim da semana, poderá receber uma notícia em que o dinheiro será a causa central.

Sentimental: Ter uma relação amorosa é para si uma necessidade fundamental. Amar e sentir-se amado serão as suas motivações na área sentimental. Aproxime-se do seu par sem desconfiança nem receio.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Alguma instabilidade financeira aconselha a que seja prudente em tudo o que se relacionar com este aspeto. Não se deixe vencer pela dificuldade deste período. Como é habitual em fases destas, será aconselhável que se evitem as despesas desnecessárias.

Sentimental: O seu relacionamento sentimental poderá atravessar um período crítico. Use o diálogo como forma de entendimento. As discussões motivadas pelo ciúme não deverão ser alimentadas pelo casal. Não será uma semana muito favorecida para se iniciarem relações amorosas.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: As suas finanças deverão iniciar um período de revigoramento. Embora sendo criterioso na forma como faz as suas despesas, esta será uma boa altura para proceder a algumas compras de objetos que lhe sejam necessários.

Sentimental: Seja mais tolerante no relacionamento com o seu par, pois ambos têm necessidades e carências; assim, não se coloque em primeiro lugar nem pretenda ser o dono da razão. Um bom e saudável diálogo poderá resolver esta questão, pela positiva.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Este aspeto encontra, neste período, as condições ideais para a estabilidade que tanto necessita. Caso as suas possibilidades financeiras o permitam, será uma boa altura para investimentos e aplicações de capital.

Sentimental: Este aspeto será caracterizado por um grande entendimento e uma perfeita sintonia; no entanto, mantenha bem presente que uma relação é construída a dois e os silêncios não contribuirão, em nada, para a estabilidade da relação.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: Nesta área, tudo o que se relacionar com dinheiro, encontra-se favorecido e poderá proceder a pequenos, mas cautelosos, investimentos. Algumas aquisições, absolutamente necessárias, que tem tido receio de fazer, encontram nesta semana, uma altura mais favorecida.

Sentimental: Uma maior aproximação do seu par, a comunhão das situações boas e das desagradáveis servirá para consolidar a sua relação. Assim, não guarde para si problemas.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Tudo o que se relacionar com dinheiro não encontrará, durante este período, o tão desejado equilíbrio. A situação será transitória e a sua força pessoal conseguirá, rapidamente, modificar este aspeto.

Sentimental: Será esta área que lhe trará os melhores e mais agradáveis momentos. O entendimento com o seu par será absoluto e através de um relacionamento inteligente viverão uma semana muito agradável. Alguma tendência para o ciúme que, vindo da parte feminina, só contribuirá, de uma forma positiva.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: As suas possibilidades económicas poderão terminar a semana um pouco mais fortalecidas; no entanto, deverá ser muito prudente em tudo o que se relacionar com despesas e evitar gastos que não sejam, absolutamente, necessários.

Sentimental: O relacionamento do casal poderá passar por um período de alguma tensão emocional. Dê oportunidade e tempo ao seu par para que possa falar acerca do que lhe vai na alma. Uma relação saudável depende, em boa parte, ou totalmente, da forma como o casal vive os problemas que afetam ambos.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Regulares; no entanto, será aconselhável que tome algumas precauções em matéria de despesas. Para o fim da semana, este aspeto manifestará alguma tendência para melhorar.

Sentimental: O relacionamento amoroso será perfeito e, se bem gerido pelo casal, poderá trazer momentos bem agradáveis. Possíveis tentativas de estragar a relação poderão verificar-se mas, sem sucesso. Esta não será uma fase muito favorecida para iniciar relações sentimentais.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Trata-se de um período muito complicado, especialmente ao nível da mente. Algumas dificuldades poderão fragilizá-lo e conduzir a situações de grande debilidade emocional. Tente controlar-se e tudo se irá resolvendo de uma forma mais ou menos natural.

Sentimental: Período muito crítico em que a sua mente deverá funcionar de uma forma mais racional. Não exija, nem de si, nem do seu par, mais do que está ao vosso alcance.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: A semana favorece as questões de ordem financeira e poderá proceder a pequenos investimentos na compra de novos equipamentos. As aplicações de capital de médio risco encontram, neste período, um momento favorecido.

Sentimental: Perfeito, deverá ser o entendimento sentimental dos nativos deste signo. Grande aproximação do casal, ternura e manifestações amorosas contribuirão, largamente, para uma semana feliz. O diálogo aberto é a opção aconselhável para esta semana.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Será um período caracterizado pela estabilidade; assim, não deixe de aproveitar a segurança que este aspeto lhe transmite para, de uma forma tranquila, construir e consolidar outros aspetos da sua vida.

Sentimental: O entendimento com o seu par será uma realidade. Não deixe de aproveitar este período tão favorecido para consolidar a sua relação amorosa. Alguma tentação para criar problemas relacionados com ciúmes deverá ser evitada por si, a todo o custo; caso contrário, poderá ser confrontado com complicações.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Este aspeto caracteriza-se por algumas preocupações inerentes à não entrada de dinheiro e à necessidade de cumprir com os seus compromissos. Tente encarar este aspeto com alguma tranquilidade e esperança de que tudo mudará; para que isso suceda, necessita de manter os seus níveis de confiança em alta.

Sentimental: O aspeto sentimental poderá ser muito marcante, durante este período. Não hesite em demonstrar o que sente pelo seu par e verificará que uma boa e saudável união.

Cartoon





todos os dias

www.verdade.co.mz

twitter.com/verdademz
facebook.com/JornalVerdade



Seja o primeiro a saber. Receba as notícias **d'Verdade** no telemóvel.
Envie um **SMS** para o número **8440404** com o texto
Siga verdademz

(Para deixar de receber envie **PARAR verdademz** para o mesmo número)